

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES ENTRE LÍNGUA E LITERATURA

**A UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS NA COMPREENSÃO EM LEITURA**

CRISTIAN NAHUM DONHA LIBERATO

GUARAPUAVA

2023

CRISTIAN NAHUM DONHA LIBERATO

**A UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS NA COMPREENSÃO EM LEITURA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras, do curso de Pós-Graduação em Letras, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Orientadora: Profa. Dra. Luciane Baretta

GUARAPUAVA

2023

Catálogo na Publicação
Rede de Bibliotecas da Unicentro

L695u Liberato, Cristian Nahum Donha
A utilização de histórias em quadrinhos na compreensão em leitura /
Cristian Nahum Donha Liberato. -- Guarapuava, 2023.
xv, 109 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste,
Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Interfaces
entre Língua e Literatura, 2023.

Orientadora: Luciane Baretta
Banca examinadora: Melissa Bettoni, Níncia Cecília Ribas Borges
Teixeira

Bibliografia

1. Compreensão leitora. 2. Língua estrangeira. 3. Inglês. 4. História em
quadrinhos. 5. Psicolinguística. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em
Letras.

| CDD 425



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/UNICENTRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS- PPGL**



TERMO DE APROVAÇÃO

CRISTIAN NAHUM DONHA LIBERATO

A UTILIZAÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA COMPREENSÃO EM LEITURA

Dissertação aprovada em 27/02/2023 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-graduação em Letras, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, pela seguinte banca examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Luciane Baretta (UNICENTRO) - Presidente/Orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Melissa Bettoni (IFSC, PPGEL-UFFS) - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (UNICENTRO) - Membro Titular

**GUARAPUAVA-PR
2023**

AGRADECIMENTOS

Acho que essa é a parte mais importante deste trabalho. Não o arcabouço teórico possibilitado pelo suor de tantos pesquisadores. Não as pesquisas aqui analisadas. E muito menos as frágeis ponderações que ousei colocar no papel, sugerindo que de alguma forma pudessem ser relevantes para alguém. Não que o suor de anos de estudo não tenha seu valor. Não é isso que quero dizer. É que, quando coloco a cabeça no travesseiro e me vejo sozinho, com Deus e minha consciência, lembro quão pequenos somos, diante de tudo que existiu, existe e existirá. Isso me faz imaginar que talvez a gratidão seja o sentido dessa vida. Sei que pode parecer demagogia. Parece ter estado na moda, desde que o mundo é mundo, dar palestras aos outros sobre como devemos ser gratos. Eu espero não estar fazendo isso aqui. Espero estar usando este espaço para refletir sobre tudo o que devo ser grato com sinceridade, e ter estas palavras como um lembrete de viver isso na prática, todos os dias.

Antes de começar a escrever essas palavras, pedi a minha esposa que me perdoasse, caso minhas palavras aqui não façam jus a toda gratidão que devo sentir por ela. Acho que a palavra “devo” é apropriada. À quantas pessoas eu devo as bênçãos da minha vida. Devo aos meus pais por estar aqui neste mundo. Por terem feito o melhor que podiam para me cuidar e me formar um bom caráter. E por terem permanecido ao meu lado, nos meus piores momentos. Eu espero que vocês se sintam realmente amados por mim.

Devo ao meu irmão, pelo companheirismo na luta contra os problemas de nossa família. É muito bom não ser filho único. As virtudes de um, tentando compensar as fraquezas do outro. Obrigado, meu irmão, pelo seu esforço sincero!

Devo aos meus amigos, de toda a vida, pela companhia tão importante, em tantas fases diferentes. Tenho medo de tentar citá-los. Com certeza eu seria injusto com vários. Mas amigos, muito obrigado! A cada um que já passou pela minha vida (o que inclui os parentes, igualmente queridos). Vocês sempre me fizeram uma pessoa rica, porque vocês são a preciosidade da minha história. Espero, após esta fase, voltar a vê-los com mais frequência.

E já que estou falando dos amigos, quero estender o agradecimento aos colegas também. Em anos de pandemia, não pudemos nos aproximar. Mas cada ato de gentileza, mesmo em coisas pequenas, como ouvir um desabafo, são preciosos momentos. Como seria a vida sem isso? E aqui, me atreverei a citar minhas colegas mais chegadas, as co-orientandas

Giseli e Marcia. Meninas, vocês não têm ideia do quanto me ajudaram nesses dois anos! Espero ter correspondido à sua amizade e generosidade.

Aos professores que trabalharam com fidelidade para compartilhar seus estudos, em especial à professora Baretta. Obrigado, professora, por seu compromisso ético e sua humanidade. Sei que posso parecer meio repetitivo, quando digo isso para a senhora, mas é de coração. Espero ter sido um bom aluno para a senhora.

Maite, minha irmã na fé, meu amor, minha melhor amiga. Obrigado por ter dito sim! Obrigado por trazer cor a uma vida em preto e branco. Obrigado por me ajudar a me ver como uma pessoa normal. Obrigado por me ajudar a enxergar minhas qualidades. Eu oro e me esforço a cada dia para que eu seja digno da sua companhia. Ver você sorrir é uma das coisas mais gostosas que existem nessa vida.

Deus Pai, Deus Filho e Espírito Santo, obrigado por cuidar de mim, me ensinar e dar sabor a minha vida, através de cada uma dessas pessoas. Obrigado por se revelar e nos amar através delas. Obrigado pela existência. Por ter nos dado a escolha de sermos bons ou maus. Por ter andado entre nós e ter sido castigado em nosso lugar, para que pudéssemos nos arrepender de nossas maldades e pudéssemos ser perdoados. Obrigado por nos mostrar o sentido disso tudo. Espero que minha vida, mesmo com minhas limitações, de alguma forma reflitam seu amor, bondade, justiça e misericórdia.

Enfim, me aproveitei do único espaço nestas páginas em que não estou sendo avaliado, para escrever sem a preocupação de ser coeso e coerente. Então terminarei assim, meio de “supetão”. Mas com a esperança que tenha de alguma forma demonstrado minha dívida para com cada um. E que estas palavras sempre me lembrem de ser grato a vocês.

Pesquisa realizada por aluno bolsista da
CAPES.

LIBERATO, C.N.D. **A Utilização de Histórias em Quadrinhos na Compreensão em Leitura.** (109 fls). Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Orientadora: Profa. Dra. Luciane Baretta. Guarapuava – PR, 2023.

Resumo: A aquisição de línguas pode ser encarada como processo natural de aprendizado, quando alguém se mantém em contato significativo com elas (LIGHTBOWN; SPADA, 2006; KRASHEN, 1985). No processo de aprendizagem de línguas estrangeiras (L2), é importante o incentivo para que os aprendizes se coloquem em situações de interação com a língua alvo. Uma forma prática de interação – por possibilitar sua prática em qualquer ambiente e sem a necessidade da presença de outros indivíduos – é a leitura. Entretanto, para o leitor iniciante, a leitura de textos exclusivamente verbais demanda grande esforço, devido a sua inexperiência com a sintaxe e o léxico reduzido (PICCOLO; SALLES, 2013). Uma opção, na busca de facilitação da leitura, seria os textos multimodais, os quais transmitem parte do significado pretendido através de imagens. Isso é corroborado pelo fato de que narrações criadas por imagens aparecem desde a antiguidade, com o objetivo de alcançar públicos mais amplos do que o alfabetizado (FEIJÓ, 1997). Um gênero textual contemporâneo que se enquadra nesta descrição é a história em quadrinhos (HQ), forma artística/literária que lida com a disposição de imagens e palavras para narrar histórias (EISNER, 1989). Diante desse quadro, surgiu o interesse em investigar se tal gênero apresenta características que auxiliem de alguma forma a aprendizagem e desenvolvimento da leitura por parte de leitores não proficientes em inglês (L2), proporcionando alívio na morosidade e dificuldade da leitura e promovendo, assim, condições favoráveis para que sua prática se intensifique. A partir deste interesse inicial, a proposta deste estudo é analisar pesquisas que têm como tema de estudo a compreensão leitora de HQs, por parte de leitores de inglês (L2). Para alcançar esse objetivo, foram mapeados estudos científicos que se referiam à temática, tendo como fonte periódicos eletrônicos nacionais e internacionais, estratificados entre A1 e B2 pelo QUALIS 2013-2016. Para este mapeamento, foi utilizada a base de dados Periódicos CAPES, através da qual foi delimitado um corpus de cinco artigos científicos que descrevem pesquisas em contextos totalmente diferentes, entretanto, todos envolvendo o contexto escolar. Os artigos encontrados foram submetidos a uma revisão de conteúdo, com base no método proposto por Bardin (2016). Da sistematização e análise desses estudos, foram evidenciadas informações relevantes, como a importância das ilustrações excederem a motivação para a leitura baseada exclusivamente na apreciação estética. As imagens foram consideradas, pelos leitores participantes das pesquisas, como parte importante na compreensão da narrativa apresentada, sendo utilizadas, por exemplo, na facilitação quanto ao uso de estratégias de leitura como o processo de inferenciação, a busca por informações pontuais do texto, ou em uma facilitação na rememoração do texto. Contudo, a constatação de possíveis benefícios não foi por nós encarada como uma suposta fundamentação do porquê substituir textos em prosa por textos multimodais, mas sim, do porquê o gênero textual HQ pode trazer benefícios ao aprendiz de inglês como língua estrangeira, se encarado como uma adição ao rol de materiais de leitura possíveis e significativos.

Palavras-chave: compreensão leitora; língua estrangeira; inglês; história em quadrinhos; psicolinguística.

LIBERATO, C.N.D. **The Use of Comics in Reading Comprehension**. 109 s. Master's Thesis (Language and Literature). Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Supervisor: Profa. Dra. Luciane Baretta. Guarapuava – PR, 2023.

Abstract: Language acquisition can be seen as a natural learning process when one has significant contact with it (LIGHTBOWN; SPADA, 2006; KRASHEN, 1985). In the process of learning foreign languages (L2), it is important to encourage learners to have interactions in the target language. A practical form of interaction – as it can be practiced in any environment and without the presence of other speakers – is reading. However, for the novice reader, reading exclusively verbal texts requires great effort due to their inexperience with the syntax of the language and the reduced lexicon (PICCOLO; SALLES, 2013). One possibility to facilitate the reading process would be the use of multimodal texts, which convey part of the intended meaning through images. This is corroborated by the fact that narrations using images have existed since ancient civilizations with the aim of reaching wider audiences than just the literate one (FEIJÓ, 1997). A contemporary textual genre that fits this description is the comics, an artistic/literary form that deals with the arrangement of images and words to narrate stories (EISNER, 1989). Faced with this scenario, there was an interest in investigating whether this genre has characteristics that somehow help the learning and development of reading by readers who are not proficient in English (L2), providing relief from the slowness and difficulty of reading and thus promoting favorable conditions for its practice to intensify. From this initial interest, the purpose of this thesis is to analyze research that investigates the reading comprehension of comics by learners of English as L2. To achieve this objective, scientific studies related to this theme were mapped, using national and international electronic journals as sources of research, stratified between A1 and B2 by QUALIS 2013-2016. For this mapping, the Periódicos CAPES database was used. A corpus of five scientific articles was built. The articles deal with different contexts, but all related to the school environment. The articles were analyzed according to the Content Analysis, as proposed by Bardin (2016). Systematization and analysis of data revealed important information, such as the importance of illustration that exceeded the motivation for reading based exclusively on aesthetics. The readers of the studies analyzed, considered images as an important part in understanding the narrative presentation, being used, for example, as facilitators for the use of reading strategies, such as inferencing, for the recall of a text and for the search for specific information in the text. However, the finding of possible benefits was not seen as a supposed justification for replacing prose with multimodal texts, but rather, because comics can bring benefits to the learner of English as L2, since it is an addition to the list of significant reading materials.

Keywords: reading comprehension; foreign language; English; comics; psycholinguistics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de representação visual de aspectos sonoros em HQs	17
Figura 2 – Imagens e texto verbal se complementando	18
Figura 3 – Exemplo de imagem com significado variável a depender do contexto	19
Figura 4 – Exemplo de inferência aplicada à narrativa das HQs	20
Figura 5 – Exemplo de inferência aplicada a vocabulário desconhecido	23
Figura 6 – Exemplo da palavra como parte da ilustração	26
Figura 7 – Exemplo de tratamento gráfico em letreiramento	27
Figura 8 – Exemplo de palavras com significado variável a depender do contexto visual	28
Figura 9 – Exemplo de balonamento e destaque gráfico de palavras	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Combinações entre as palavras-chave (em língua portuguesa) e seus respectivos resultados	100
Tabela 2 – Combinações entre as palavras-chave (em língua inglesa) e seus respectivos resultados	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Divisão da unidade de registro	54
Quadro 2 – Corpus dos artigos selecionados	55
Quadro 3 – Primeira divisão da unidade de contexto	57
Quadro 4 – Segunda divisão da unidade de contexto	59
Quadro 5 – Objetivos em contexto	61
Quadro 6 – Metodologias detalhadas	66
Quadro 7 – Paralelo entre os objetivos e resultados obtidos	75

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

BNCC – Base Nacional Curricular Comum

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

HQ – História em Quadrinhos

ISSN – *International Standard Serial Numbers*

L1 – Primeira língua / língua materna

L2 – Segunda Língua

LE – Língua Estrangeira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA	06
1.1 CONCEPÇÕES BÁSICAS SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM	07
1.2 LEITURA MULTIMODAL E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	11
1.3 LEITURA VERBAL E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS	30
CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA PESQUISA	45
2.1 A ANÁLISE DE CONTEÚDO	45
2.2 FONTES DOS DADOS	46
2.3 ETAPAS DA PESQUISA	49
2.3.1 Pré-análise	49
2.3.2 Exploração do material	50
2.3.3 Tratamento dos resultados	51
CAPÍTULO III – ANÁLISE	53
3.1 OBTENÇÃO DO CORPUS	53
3.2 RETRATO GERAL DAS PESQUISAS	56
3.3 OBJETIVOS DAS PESQUISAS COLOCADOS EM CONTEXTO	61
3.4 METODOLOGIAS APLICADAS	66
3.5 RESULTADOS OBTIDOS	75
3.6 CRUZAMENTO DE DADOS	82
CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICES	100
APÊNDICE A – Combinações entre as palavras-chave (em língua portuguesa) e seus respectivos resultados	100
APÊNDICE B – Combinações entre as palavras-chave (em língua inglesa) e seus respectivos	

resultados	103
ANEXO I – RESUMOS DOS ARTIGOS SELECIONADOS	106

INTRODUÇÃO

“A prática leva à perfeição”. Um ditado popular, simples e repetido à exaustão, mas que detém um princípio importante ao conhecimento do desenvolvimento humano. No caso deste estudo, é a ideia que o inspirou.

Uma interação como esta, por meio de nossa língua, em sua modalidade escrita, só é possível através das habilidades da escrita e da leitura. Para que a prática da leitura seja satisfatória, ou seja, tenha fluidez e permita uma compreensão aprofundada, é necessário o exercício dessa habilidade até que ela se torne automatizada em nosso cérebro (ALLIENDE; CONDEMARIN, 1987; PERFETTI, 1998; ZIMMER, 2001; DEHAENE, 2012; MORAIS; LEITE; KOLINSKY, 2013).

Entretanto, a leitura não é uma habilidade simples, como pode parecer em um primeiro momento. Ela é uma atividade altamente complexa, uma articulação de diversos processos cognitivos, que permitem ao leitor interagir com um excerto da língua em ação – o que chamamos de texto – e através desta interação, extrair, ou melhor, construir conjuntamente um sentido (LEFFA, 1996; SOLÉ, 1998; KATO, 2007). Assim, como resultado de vários processos, a necessidade de automatização que citamos acima é requerida no plural, abrangendo as diversas etapas constituintes do ato de ler, principalmente os chamados processos de nível básico, como a decodificação, o acesso lexical e o fatiamento dos elementos sintáticos de um período. E para esta automatização, como dito, é necessária prática. Muita prática (DEHAENE, 2012).

Paradoxalmente, não é confortável para um indivíduo não proficiente em uma determinada língua, ou pelo menos não proficiente em sua modalidade escrita, praticar a leitura. A falta de fluidez decorrente da falta de automatização, de léxico e de entendimento sobre como a língua se comporta, exige muito da memória de trabalho¹ do leitor, o que resulta em uma sobrecarga cerebral, causa de cansaço, desconforto e, muitas vezes, frustração. Além do fato de que, como a memória é um recurso cerebral limitado, o excesso de seu uso em determinadas etapas da leitura ocasiona em falta de disponibilidade para sua utilização em

1 “A memória de trabalho é um sistema de memória [proposto por Baddeley e Hitch, 1974] responsável pelo armazenamento temporário e processamento simultâneo de informação seja ela do ambiente ou da memória de longo prazo. Seu funcionamento está intimamente relacionado com atividades cognitivas complexas, incluindo a compreensão da linguagem, o raciocínio e a resolução de problemas.” (UEHARA; LANDEIRA-FERNANDEZ, 2010, p. 31)

outras, como os processos de compreensão.

Em outras palavras, um excesso de demanda de uso de memória em processos de nível básico – o leitor não proficiente ainda precisar focar seu esforço mental para conseguir decodificar letras, formar morfemas e associá-los aos fonemas correspondentes, associar as palavras aos seus significados, ou mesmo, dominar as regras gramaticais da língua que está usando, para construir o sentido das sentenças – ou seja, de compreensão em nível literal, resulta em falta de memória para os processos de nível alto – como a produção de inferências ou o próprio monitoramento da compreensão do que se está lendo, ao estabelecer um objetivo para a leitura, selecionar as estratégias apropriadas para atingir tal objetivo, verificar se o objetivo está sendo alcançado durante a leitura e a autonomia para uma eventual mudança de estratégias, em caso de a leitura não estar atingindo o objetivo previamente definido (MORAIS; LEITE; KOLINSKY, 2013; BAILER; TOMITCH, 2020).

Isso tem o potencial de criar uma espécie de “círculo vicioso” para quem intenta desenvolver sua habilidade de ler. Como uma pessoa pode desenvolver sua leitura, se ela se desenvolve na prática, mas sua prática é dificultada exatamente pelo fato de o sujeito não ter sua leitura desenvolvida? A resposta simples, que também serve para qualquer outra habilidade humana, poderia se restringir a apenas paciência, esforço e perseverança. Entretanto, a inteligência humana é conhecida por proporcionar estratégias facilitadoras para que alcancemos diferentes fins. No caso da aprendizagem e desenvolvimento de línguas, temos estratégias que contribuem para a economia de esforço e/ou tempo (SOLÉ, 1998).

Partindo deste princípio, podemos questionar: um determinado gênero textual poderia contribuir, de forma singular, com a aprendizagem e desenvolvimento da leitura em uma segunda língua (L2), tendo um caráter facilitador, visando proporcionar um alívio na morosidade e dificuldade da leitura do leitor não proficiente, e assim promover condições favoráveis para que sua prática, tão necessária para sua automatização, se intensifique?

Esta pergunta vem da observação empírica deste pesquisador, professor de língua inglesa como língua estrangeira, que desde que aprendeu a ler em sua língua materna, aos 6 anos de idade, nutriu o apreço pela leitura de histórias em quadrinhos (HQs). As HQs são uma forma de expressão artística que se utilizam de texto escrito e imagens, dispostas em sequência, para criar, em sua maior parte, narrativas. Elas têm feito parte da prática de leitura deste pesquisador por mais de 30 anos, influenciando toda uma vida de leitura, inicialmente em português, e após a aprendizagem do inglês, nessa L2. Por anos, as HQs têm sido fonte de

leitura prazerosa, com sua narrativa composta majoritariamente por diálogos intercalados com belas imagens. É comum na profissão de professor, refletirmos em nosso dia a dia, sobre como a forma com que nos portamos funciona. O que supomos trazer determinado resultado, teria princípios e fundamentos reais que possam ser compartilhados pelos outros? Neste caso específico, teria a narrativa multimodal das HQs, alguma característica diferenciada? A alternância entre imagens e textos curtos poderia interferir no processo de compreensão leitora de modo a possibilitar uma leitura menos penosa, em leitores não proficientes?

Diante desse contexto, surgiu o interesse em investigar e analisar pesquisas que tivessem como tema de estudo a compreensão leitora de histórias em quadrinhos, por parte de leitores de inglês como língua estrangeira². Uma impressão inicial, baseada na simples percepção de vivência em meio a arte e a pedagogia, é a de que os quadrinhos são geralmente considerados como um gênero lúdico e atraente, principalmente para crianças, quase que exclusivamente por causa da beleza de suas ilustrações. As HQs comumente parecem ser mais vistas como uma forma de atrair a atenção do leitor por sua estética. Um gênero com qualidades de motivação da leitura pela sedução da beleza visual. Isso, em si, já seria uma característica extremamente útil a quem deseja intensificar sua prática de leitura. Sem uma decisão interior, um leitor não pega um texto em suas mãos para lê-lo com afinco. Entretanto, assim como a leitura é um processo mais complexo do que parece superficialmente, a estrutura dos quadrinhos também é cheia de riquezas e complexidades. Eles são uma forma de arte ampla, como a literatura ou o cinema, e desta forma também abrangem diversos gêneros e públicos-alvo, além de se apresentar em diferentes formatos – desde a tirinha de jornal, passando pelas revistas em quadrinhos, as *graphic novels* e as contemporâneas *webcomics*. Seus criadores dispõem das mais variadas técnicas artísticas para se expressarem. Como escritor e/ou desenhista, um bom quadrinista deve dominar os conceitos que permeiam a criação de uma narrativa multimodal, um tipo de narrativa que possui a complexidade de um texto em prosa, em conjunto com a complexidade de uma narrativa visual (MCCLLOUD, 1995).

2 Neste momento, é importante firmar o significado de um dos termos basilares deste estudo, o conceito de L1, L2/língua estrangeira. Segunda língua, L2, língua estrangeira, LE e demais termos, são terminologias que denotam características específicas concernentes à área de ensino-aprendizagem de línguas. Entretanto, em nossa pesquisa, utilizamos os termos L2 e língua estrangeira como denominações guarda-chuva (e sinônimas), que incluem todas as demais definições de línguas que não sejam a materna, sejam estas as línguas aprendidas por imigrantes em um novo país, línguas estrangeiras aprendidas no próprio país de origem do indivíduo, entre outras variedades. Por sua vez, nos utilizamos dos termos L1 e língua materna, como sinônimos, sem fazer diferenciação entre quaisquer características específicas que tais termos possam ter em outros contextos.

Deste modo, nos propomos a investigar as contribuições científicas a respeito da compreensão leitora de histórias em quadrinhos em língua inglesa, por parte de leitores de inglês como língua estrangeira, visando verificar se tal gênero apresenta características que auxiliem de alguma forma a aprendizagem e desenvolvimento da leitura por parte de leitores não proficientes, proporcionando alívio na morosidade e dificuldade da leitura e promovendo, assim, condições favoráveis para que sua prática se intensifique. Para tal intento, usamos como aporte teórico a Psicolinguística e mapeamos estudos científicos com a referida temática, tendo como principais fontes de pesquisa bases de dados nacionais e internacionais. Será realizada uma revisão sistemática, tendo como método de estudo a Análise de Conteúdos proposta por Bardin (2016), buscando descobrir quais os enfoques destes estudos, as perguntas feitas e respostas obtidas, quais características intrínsecas às HQs foram levadas em consideração e quais são o seu resultado no leitor.

Para concretizar esse objetivo, delinearão-se os seguintes passos que direcionaram esta pesquisa. Primeiramente, a análise, por meio de revisão bibliográfica, da linguagem multimodal que caracteriza uma obra como pertencente ao gênero história em quadrinhos, bem como a compreensão dos processos que englobam sua compreensão leitora, para assim ter suporte teórico na elaboração da síntese dos resultados. Segundo, a identificação dos artigos científicos que abordam estudos referentes à compreensão leitora de histórias em quadrinhos, por parte de leitores de inglês como língua estrangeira, por meio do mapeamento de bases de dados eletrônicas nacionais e internacionais. Finalmente, a sistematização qualitativa dos resultados dos artigos em torno do assunto, elaborando uma síntese dos resultados.

Através da aplicação de tal planejamento, buscamos evidenciar os aspectos das HQs que possam contribuir no processo de compreensão leitora, visando compreender especificamente: a) se as imagens influenciam beneficentemente na leitura do texto escrito, no contexto da leitura de histórias em quadrinhos em inglês, por leitores de língua inglesa como língua estrangeira, e se sim, como? b) se demais características intrínsecas à linguagem quadrinística influenciam beneficentemente a este tipo de leitura, e se sim, como?

Para efetivar os objetivos propostos, esta dissertação está organizada em quatro capítulos, além desta introdução. No capítulo I será delineada a base teórica utilizada, compreendendo o processo da leitura, com foco nos estudos psicolinguísticos. No capítulo II demonstraremos o percurso metodológico norteador da pesquisa, especificando o trabalho

desenvolvido com a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016) – método escolhido para a análise dos dados – além de tecer considerações a respeito de nossas fontes principais de consulta. O capítulo III será dedicado à apresentação dos resultados, discussão e análise dos dados do estudo. O capítulo IV apresentará as considerações finais, sintetizando os resultados, apresentando as limitações do estudo e sugerindo possibilidades para pesquisas futuras.

CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA

A VIDA MODERNA acontece na tela. [...] Ao mesmo tempo, o trabalho e o lazer estão cada vez mais centrados nas mídias visuais, dos computadores aos DVDs. A experiência humana é agora mais visual e visualizada do que nunca antes, desde a imagem de satélite até as imagens médicas do interior do corpo humano [...] mídias visuais interativas como a Internet e aplicativos de realidade virtual. Vinte e três milhões de americanos estavam *online* em 1998, com muitos mais participando diariamente. Nesse redemoinho de imagens, ver é muito mais do que acreditar. Não é apenas uma parte da vida cotidiana, é a vida cotidiana (MIRZOEFF, 1999, p. 1, ênfase no original, tradução nossa³).

Faz mais de 20 anos desde esta citação em que Mirzoeff discorre sobre a “comunicação moderna”. Ainda hoje é possível perceber a realidade descrita por ele progredindo na mesma direção, com a experiência visual continuando a se mostrar forte. A imprensa, a TV e a internet ajudaram a nutrir uma cultura de textos multimodais. Compreender as diferentes linguagens artísticas verbo-visuais torna-se cada vez mais importante.

Em um mundo globalizado, um possível resultado do consumo de arte multimodal pode ser a vivência com outras línguas. Para uma aprendizagem eficaz de uma língua, é de grande importância a imersão. Participar de situações em que a pessoa tenha contato com a língua através de vivência social e significativa viabiliza uma melhor retenção de conhecimento linguístico (KRASHEN, 1985).

Um meio acessível a este tipo de arte pode ser a leitura de histórias em quadrinhos (HQs). Sua linguagem contém características que dialogam com a mesma lógica de tessitura textual visual encontrada em *websites* e aplicativos, viabilizando uma interação que seja natural para o cidadão contemporâneo e proporcionando momentos de leitura em língua estrangeira.

Durante os últimos cem anos, o tema da leitura tem sido diretamente vinculado ao conceito de alfabetização;... aprender a ler... tem significado aprender a ler palavras... Mas gradualmente a leitura foi se tornando objeto de exame mais detalhado. Pesquisas recentes mostram que a leitura de palavras é apenas um subconjunto de uma atividade humana mais geral, que inclui a decodificação de

3 No original: *MODERN LIFE TAKES place onscreen. [...] At the same time, work and leisure are increasingly centered on visual media, from computers to Digital Video Disks. Human experience is now more visual and visualized than ever before from the satellite picture to medical images of the interior of the human body [...] interactive visual media like the Internet and virtual reality applications. Twenty-three million Americans were online in 1998, with many more joining in daily. In this swirl of imagery, seeing is much more than believing. It is not just a part of everyday life, it is everyday life* (MIRZOEFF, 1999, p. 1, ênfase no original).

símbolos, a integração e a organização de informações... Na verdade, pode-se pensar na leitura – no sentido mais geral – como uma forma de atividade de percepção. A leitura de palavras é uma manifestação dessa atividade; mas existem muitas outras leituras – de figuras, mapas, diagramas, circuitos, notas musicais...” (WOLF, 1977 apud EISNER, 1989, p. 7-8).

Neste capítulo, apresentaremos a fundamentação teórica de nossa pesquisa sistemática acerca de estudos científicos com temática voltada à compreensão leitora de histórias em quadrinhos, por leitores de inglês como língua estrangeira. Como as HQs são uma forma de arte que se utiliza de uma linguagem multimodal, formada por imagens em sequência e, comumente, palavras, iniciaremos nosso estudo tratando brevemente de concepções básicas, partindo dos conceitos gerais de linguagem até a concepção do que caracteriza uma porção dessa linguagem, como o artefato que chamamos de texto. O objetivo é o de ressaltar a ligação natural existente entre as diferentes formas de linguagem. Segundo Kress (2010, p.1) a “multimodalidade [é] o estado normal da comunicação humana”, pelo fato do ser humano incorporar diversos modos semióticos, como gestos e expressões faciais, para se comunicar. Desta forma, a língua seria uma parte da comunicação, que por sua vez é construída pela combinação das diferentes semioses.

Para compreendermos como acontece a simbiose dessas diferentes linguagens nas HQs, após a apresentação dos conceitos gerais sobre linguagem, destacamos as principais características do gênero, que consideramos relevantes para embasar nossa pesquisa. Posteriormente, focamos no processo da leitura verbal, e suposições sobre como a utilização de imagens, combinadas ao texto escrito, pode influenciar na leitura. E por fim, discorreremos sobre o método escolhido para nossa análise de dados, a Análise de Conteúdo de Bardin (2016), o qual utilizaremos em conjunto com o embasamento teórico discutido neste capítulo, para analisar o corpus de artigos compilados sobre a compreensão leitora de HQs em L2.

1.1 CONCEPÇÕES BÁSICAS SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM

Nós, seres humanos, demonstramos capacidades ímpares entre os seres vivos, como nossas capacidades sociocognitivas de autoconsciência, abstração de pensamento, comunicação e cultura, capacidades possibilitadas por nosso domínio de diversas linguagens. São elas que nos permitem um raciocínio complexo e a expressão deste. Somos capazes de gerar textos – solidificações das linguagens enquanto em uso (VAN DIJK, 2012) – e nossos semelhantes são capacitados a lê-los. Nisto consiste nossa comunicação, seja ela oral, gestual,

pictórica, escrita, dentre outras formas.

Pode-se dizer que as linguagens se originaram no momento em que o ser humano passou a criar signos arbitrários em relação aos objetos que desejavam representar. As linguagens são os sistemas organizados destas representações, quando aceitas através de convenções sociais, e essa aceitação é o que nos permite usá-las como meio de comunicação entre nossos semelhantes. As linguagens nos possibilitam a relação com o mundo do simbólico, o qual usamos para nos aproximarmos da realidade e de certa forma buscar transcender o aqui e agora. Através delas, criamos um mundo psíquico que nos capacita a lembrar o que já foi e projetar o que será, instaurando a temporalidade no existir humano (ARANHA; MARTINS, 1993).

O signo pode ser definido de forma simples como “uma coisa que substitui outra”, como o gesto de abanar a mão que pode representar uma mensagem de despedida, ou os números que podem representar quantidades ou a identificação de um objeto, em meio a vários outros. E como há diversidade de natureza de signos, há diversidade de tipos de linguagem.

[...] há vários tipos de linguagem criados pelo homem, que vão das linguagens matemáticas, linguagens de computador, passam pelas línguas diversas, pelas linguagens artísticas (arquitetônica, musical, pictórica, escultórica, teatral, cinematográfica etc.) e chegam às linguagens gestuais, da moda, espaciais etc. (ARANHA; MARTINS, 1993, p. 30).

De acordo com o sistema de sinais que as linguagens utilizam, costuma-se dividi-las entre: linguagem verbal, cujos sinais utilizados são as palavras; e linguagem não-verbal, que utiliza outros sinais (TERRA, 1997). As palavras também são símbolos tanto do que existe concretamente no mundo, quanto do que existe abstratamente em nossos pensamentos, nos permitindo reter em nossa memória, enquanto ideia, o que já não está ao alcance de nossos sentidos (ARANHA; MARTINS, 1993).

É comum encontrarmos as palavras linguagem e língua sendo utilizadas para designar a mesma realidade, mas do ponto de vista linguístico, esses termos divergem, uma vez que seus conceitos revelam aspectos diferentes dentro do amplo processo da expressão humana (TERRA, 1997). “Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (SAUSSURE, 2012, p. 41). As línguas são a linguagem que utiliza as palavras como sinal de comunicação. Elas podem ser consideradas como um aspecto da linguagem. Sistemas de natureza gramatical,

pertencentes a grupos de indivíduos, formados por conjuntos de sinais – que no caso, são as palavras – e por conjuntos de regras para a combinação destes. A língua se concretiza através do que chamamos de fala – o ato individual de se colocar uma língua em uso (TERRA, 1997).

Por sua vez, podemos separar fala e escrita como sistemas distintos. A escrita representaria um estágio posterior de uma língua. Entretanto, é importante frisar que há muitas pessoas que utilizam uma língua sem saber utilizar sua forma escrita. A escrita pode ser vista como uma tecnologia inventada para o homem registrar a língua, cristalizando-a no tempo e no espaço. Muitas línguas, chamadas ágrafas, inclusive não tem representação nenhuma em forma escrita. Na verdade, a maioria das línguas conhecidas no decorrer da história se enquadra nesta classificação. Das, aproximadamente, três mil línguas existentes, apenas cento e dez se utilizam da tecnologia da escrita (TERRA, 1997).

A qualquer porção de linguagem, oral ou escrita, que sirva a um propósito no contexto de uma situação, chamaremos de texto (HALLIDAY; HASSAN, 1989). Para cumprir uma função, um texto deve se conformar a certos padrões de textualidade, características que nos permitem reconhecer uma porção de linguagem como um texto de determinado tipo e não apenas a sequências aleatórias de palavras, sons ou imagens. Entre os mais importantes padrões textuais, podemos citar os conceitos de coerência, coesão e estrutura textual básica.

A coerência pode ser descrita como a forma com que conceitos são percebidos pelo leitor como se encaixando no decorrer do texto, com cada ideia sendo relevante em relação às outras em um fluir, de acordo com os esquemas⁴ ativados na mente do leitor. Tal conceito destaca que a coerência não depende somente do texto, mas também do leitor. Um texto coerente é marcado por quatro características principais: continuidade, a progressão da informação; equilíbrio, a quantidade de texto dedicada a cada ponto trabalhado; completude, ter início, meio e fim; e não contradição, consistência em relação a fatos, opiniões e perspectiva. A coerência é criada, dentre outras formas, através da coesão, um dos principais fatores causadores de unidade textual (HEBERLE; MEURER, 1993).

“[...] um texto é em parte organizado, em parte criado, pela presença em cada sentença destes elementos (coesivos) que requerem ao leitor que olhe as sentenças ao redor para sua interpretação” (HOEY, 1983, p. 38-39). A coesão pode ser definida como a forma que certas palavras ou características gramaticais de uma sentença podem ser percebidas pelo leitor para

4 Esquema: uma estrutura mental que representa a forma como experiências e conhecimentos são organizados em nossa mente. Temos esquemas para tudo que conhecemos, como por exemplo, objetos, ações, seres, eventos, códigos, entre incontáveis outros. Esses padrões mentais são adquiridos através de experiência e aprendizagem (MEURER, 1985).

conectar tal sentença a suas antecessoras e sucessoras. Ela resulta não da percepção do leitor de um item sozinho, mas de sua percepção da relação entre dois itens (HEBERLE; MEURER, 1993). E isso não é uma questão apenas superficial, mas também conceitual. Este senso de continuidade, possibilitado pela coesão é uma continuidade de sentido expressa através de relações semânticas específicas, as quais podemos dividir em: reiteração, as retomadas de segmentos prévios ou antecipações de segmentos seguintes; associação, a ligação de sentido entre as palavras presentes no texto; e conexão, a ligação sintático-semântica entre termos, orações, períodos e parágrafos (ANTUNES, 2005).

A estrutura textual básica diz respeito ao que o leitor necessita estar atento para uma leitura eficaz. Há basicamente dois tipos de estruturação textual: a micro e a macroestrutura. A microestrutura diz respeito às relações locais entre palavras e sentenças. Os produtores de um texto se utilizam de articuladores coesivos para criar tais relações. Já a macroestrutura tem a ver com o conteúdo global do texto, o qual é concretizado através de sua sequência discursiva (VAN DIJK; KINTSCH, 1978; VAN DIJK; KINTSCH, 1983).

Uma vez claras as definições do que consideramos um texto, também é importante lembrar que os textos podem ser classificados em determinadas categorias. A “classe” de textos que este trabalho se propõe a estudar são as histórias em quadrinhos, e esta nomenclatura pode ser enquadrada dentro da classificação de textos que chamamos de gêneros textuais. Dentre as definições de gêneros textuais, destacamos a de Bazerman (2006, p. 29) que afirma que são “[...] padrões comunicativos com os quais as outras pessoas estão familiarizadas, e que elas podem reconhecer mais facilmente o que estamos dizendo e o que pretendemos realizar”. Por exemplo, na situação de preparação de uma festa, é convencionalmente socialmente um formato textual que é classificado como do gênero convite. Temos em mente o formato do texto e o tipo de informação que precisamos usar (nome, motivo da festa, data, local, endereço, etc.). Desta forma, os gêneros são as características textuais que nos sinalizam o que esta classificação de texto representa. Essas características nos permitem visualizar a tipologia do texto e o propósito a que o gênero se propõe (BAZERMAN, 2006). Cartas, e-mails, blogs, contratos, receitas, resenhas, são alguns exemplos de gêneros textuais que apresentam em sua formatação, características diferentes por possuírem objetivos comunicativos distintos. Enquanto charges transmitem de forma breve – um único quadro com desenho e texto escrito – piadas de natureza política, as histórias em quadrinhos são mais extensas – contendo de três quadros, no caso das tradicionais tirinhas de jornal, até livros com

centenas de páginas, no caso de *graphic novels* – e podem apresentar conteúdos das mais diversas temáticas – como comédia, terror, ficção científica, aventura, drama, entre outras (NÓBREGA, 2016).

Além das características textuais, os “[...] gêneros tipificam muitas coisas além da forma textual. São parte do modo como os seres humanos dão forma às atividades sociais” (BAZERMAN, 2006, p. 31). Estamos falando sobre situações sociais e sobre o padrão de acontecimentos nessas situações. Situações do nosso cotidiano, como cerimônia de casamento civil, festa de aniversário infantil, culto religioso de determinada denominação, seguem um determinado padrão de acontecimentos comumente conhecido por seus participantes. Portanto, conhecer um tipo de gênero textual possibilita-nos reconhecer o propósito comunicativo do gênero e das características textuais que ele apresenta (NÓBREGA, 2016).

Como nossa pesquisa analisa estudos científicos com temática voltada à compreensão leitora de textos, especificamente do gênero histórias em quadrinhos, é importante firmar que nosso enfoque será exclusivamente sobre textos escritos e pictóricos. Como expresse anteriormente, nossa questão de pesquisa é descobrir se a leitura do texto imagético, parte da linguagem das HQs, influencia a leitura da outra parte constituinte desta linguagem, o texto verbal. Deste modo, apresentaremos primeiro o embasamento teórico sobre algumas das características textuais pictóricas das HQs, para depois, enquanto apresentamos o embasamento sobre leitura de textos verbais, o fazermos conjuntamente com a apresentação de hipóteses onde o primeiro tipo de leitura poderia influenciar o segundo. É importante ressaltar que, no primeiro momento, que tratará dos aspectos pictóricos, isso incluirá também, de certa forma, a descrição de como as palavras podem ser representadas, e como seu tratamento visual, em conjunto com o contexto fornecido pela narrativa das histórias, podem interferir em sua compreensão. Entretanto, o foco sobre o funcionamento da leitura de texto escrito, propriamente dito, ficará concentrado no tópico seguinte.

Desta forma, seguimos com o embasamento teórico. Mas antes de iniciarmos com a descrição da linguagem das HQs, faremos uma breve contextualização de como esse gênero textual se originou.

1.2 LEITURA MULTIMODAL E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Uma forma de comunicação de massa que tem em sua estrutura básica a interseção entre imagem e palavra. Conhecida também como nona arte, a HQ é “um dos mais difundidos

e populares meios de fabulação visual do planeta” (PATATI; BRAGA, 2006, p. 9). Eisner (1989, p. 5) a define como arte sequencial, uma “forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia”.

O ato de desenhar é uma das formas mais antigas de expressão. Na Pré-História, o ser humano “transformou a parede das cavernas em um grande mural, em que registrava elementos de comunicação para seus contemporâneos” (VERGUEIRO, 2012, p. 8). Os desenhos em cavernas são exemplo de comunicação gravada em superfícies, que se utilizavam de imagens familiares entre uma sociedade. Esta linguagem foi posteriormente desenvolvida nos frisos egípcios, e é possível afirmar que, com a criação dos hieróglifos, as imagens foram codificadas “em símbolos a serem repetidos para formar uma linguagem escrita viável” (EISNER, 1989, p. 101).

Feijó (1997) defende que narrações criadas por meio de arte sequencial aparecem desde a Antiguidade, em tapeçarias, frisos, painéis pintados ou em alto-relevo, mosaicos, vitrais, etc.

[...] não era apenas decorativo, mas também, e principalmente, registrar acontecimentos ou reforçar mitologias e crenças religiosas. Por quê? Porque a comunicação por meio de imagens reconhecíveis sempre permitiu que se atingisse um público muito mais amplo do que aquele capaz de ler no sentido tradicional (ler palavras e frases), ou seja, o público alfabetizado (FEIJÓ, 1997, p.14).

Na Europa, o surgimento das técnicas de reprodução gráfica proporcionou a união do texto com a imagem (CAMPOS; LOMBOGLIA, 1984). Esta linguagem evoluiu para as “precursoras” da HQs, como: *Histoires en Estampes* (1846), de Rodolphe Töpffer, na Suíça e *Max uns Moritz* (1865), de Wilhelm Busch, na Alemanha (XAVIER, 2017).

Uma recapitulação da obra de Töpffer nos servirá como ilustração do início deste percurso histórico. De acordo com Andrade (2011), Töpffer (1799-1846), inspirado por caricaturistas políticos franceses e ingleses, foi o primeiro a apresentar nas suas *Histoires en Estampes*, o que viria a caracterizar a HQ: “a ligação entre imagem e texto de forma a constituírem um todo narrativo” (ANDRADE, 2011). Seu *Essai de Physiognomie* (1845) é considerado o primeiro texto teórico sobre HQ. Nele, Töpffer delimitou as linhas gerais da narração em imagens e textos, lançando suas bases teóricas: “Pode-se escrever histórias com capítulos, linhas, palavras: isso é literatura propriamente dita. Pode-se escrever histórias com sequências de cenas representadas graficamente: isso é literatura em imagens” (TÖPPFER,

1845 apud ANDRADE, 2011). Seguiu com vários álbuns, com uma tira por página, e uma ou duas linhas de texto na parte inferior de cada painel. Seus álbuns foram muito bem-sucedidos na França, Alemanha e EUA, inspirando muitos a utilizar a mesma linguagem visual.

Já a HQ, em sua configuração clássica, é fruto do jornalismo moderno, segundo Goida (2011). No final do século XIX, Joseph Pulitzer e William R. Hearst, dois donos de cadeias de jornais nos EUA, criaram os suplementos dominicais, com o intuito de aumentar seu público. Para atrair os semi alfabetizados e os imigrantes, que tinham dificuldades com o inglês, boa parte do material era formado por narrativas figuradas. A venda de jornais aumentou, legitimando a linguagem da arte sequencial como mídia de massa e possibilitando a inferência de que imagens pudessem influenciar, de alguma forma, na leitura de textos escritos, por parte de leitores não proficientes em uma língua estrangeira (XAVIER, 2017).

Em 1895, no suplemento dominical do jornal *New York World*, surgiu o *The Yellow Kid*, desenhado por Richard Outcault, que se tornou a atração principal do jornal. Enquanto era veiculado uma vez por semana, fazia parte de um painel maior, mas o sucesso levou Outcault a produzir material para o jornal veicular durante a semana. Isso pode ter influenciado a própria linguagem da HQ, que passou a ser constituída de pequenas histórias distribuídas em quatro ou mais imagens. Em alguns momentos, as falas do personagem eram registradas em balões, e isso passou a ser marca característica das HQs (GOIDA, 2011).

Por ter evoluído da imagem única (lâmina) para a sequência de imagens, ter sido produzida de forma contínua com personagem fixo e já como produto de comunicação de massa, atingindo um vasto público, além de ter introduzido o balão de diálogo na arte sequencial, a série de Outcault ganhou o status de primeira verdadeira história em quadrinhos (FEIJÓ, 1997, p. 17).

Após este breve resgate das primeiras obras a serem consideradas como histórias em quadrinhos, é importante delimitarmos os conceitos principais que nos permitem classificar um texto como HQ, e quais características do gênero serão levadas em consideração em nossa pesquisa. Segundo McCloud (1995), considerado como um dos principais teóricos desse tipo de narrativa, para que um texto se caracterize como história em quadrinhos, é necessário, basicamente, que seja formado por sequências de cenas representadas graficamente: “[...] imagens pictóricas e/ou justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (MCCLLOUD, 1995, p. 9).

Isso significa que existem histórias em quadrinhos que não se utilizam de texto verbal. Para facilitar a compreensão, podemos chamá-las de HQs mudas, em comparação com a

época em que o cinema não tinha falas, o que conhecemos como cinema mudo. Sua existência, assim como o fato histórico citado anteriormente, de “proto-histórias em quadrinhos” serem usadas por jornais com o objetivo de alcançar cidadãos não fluentes na língua local, podem ser usados como possíveis evidências empíricas de que a compreensão leitora de uma HQ pode transcender a leitura de sua parte textual verbal. A compreensão leitora de uma história em quadrinhos em língua estrangeira, por um leitor não proficiente nesta língua, pode ocorrer de forma efetiva – mesmo sem que necessariamente a compreensão leitora de sua parte verbal ocorra – e essa compreensão textual pictórica resultar em um sentimento de que o leitor alcançou seu objetivo de compreender a narrativa exposta, ainda que não ocorra de forma a se compreender o texto por completo e/ou de forma detalhada.

Neste ponto de nossa argumentação, julgamos necessário trazer novamente à memória um detalhe importante: o foco de nosso estudo é investigar se a utilização de histórias em quadrinhos, como material para a prática de uma leitura extensiva, pode ir além de uma, não menos importante, questão motivacional, ocasionada pela compreensão leitora pictórica. Essa leitura imagética influencia, direta ou indiretamente, na leitura verbal, auxiliando, por exemplo, na produção de inferências quanto a vocabulário, ou até mesmo, na compreensão de sentenças? Como nosso estudo se propõe a pesquisar, se e como, a utilização das imagens afeta a leitura de texto escrito, focaremos apenas em pesquisas sobre histórias em quadrinhos que se utilizam de imagens acompanhadas de alguma quantidade de texto escrito em seus quadros, de forma que, como dito anteriormente, constituam um todo narrativo.

Mas antes de buscarmos a compreensão da interação destes dois sistemas de signos que compõem esta linguagem híbrida, procuremos primeiro compreender seus aspectos em separado. Pelo fato das histórias em quadrinhos serem uma linguagem composta por imagens em sequência, necessitamos compreender o funcionamento da leitura pictórica. Inferimos que este tipo de leitura mantenha os mesmos movimentos de ascendência e descendência da leitura verbal (que forma o movimento interativo, sobre o qual discorreremos, de forma um pouco mais detalhada, na seção 1.3, a seguir). Exemplificando de forma breve, o leitor continua necessitando decodificar signos enquanto utiliza de seu conhecimento prévio para gerar inferências que o auxiliem a construir os significados do texto imagético. Isso independe do fato de que as características das linguagens pictóricas possam ser diferentes da língua escrita, e isso acabe gerando uma dinâmica mental de leitura diferente em relação a como seu sistema de signos é regrado e, portanto, processado pelo leitor. Por exemplo, em linguagens

pictóricas, o cérebro não precisa processar grafemas, fonemas e imagens acústicas – como podemos perceber pela livre observação empírica – mas isso não quer dizer necessariamente que o movimento interativo não aconteça. Ele apenas terá que processar outros tipos de signos, organizados através de outras regras.

Entretanto, para a leitura de HQs, utiliza-se “também” da leitura pictórica, e não “exclusivamente” dela. Ou seja, sua leitura leva em consideração mais de um modo, isto é, ela é multimodal. Para ilustrar o funcionamento da comunicação multimodal, usaremos aqui, talvez o mais comum exemplo deste tipo de comunicação para a maioria dos seres humanos, o diálogo oral presencial. Se considerarmos a linguagem não-verbal consistindo em toda forma não-verbal de se comunicar, o que fazemos enquanto conversamos com alguém também é um ato comunicativo. Gestos e olhares, por exemplo, podem suscitar, por si mesmos, significados e ajudar na compreensão de um ato de fala (NÓBREGA, 2016). Dar atenção especial a tais posturas não-verbais, pode inclusive ser explorado em um ato de conversação em língua estrangeira, por falantes não-proficientes, como estratégia de leitura dos textos multimodais resultantes de um diálogo presencial. Por exemplo, se sou um vendedor de sapatos – falante de português – e um comprador – falante de língua inglesa – me diz durante uma compra, *I prefer the green ones* (“Eu prefiro os verdes”, traduzido para o português), e eu não o compreendo, ele optar por alterar sua frase para *I prefer these ones* (“Eu prefiro estes”, traduzido para o português), e apontar para os sapatos verdes, poderia facilitar a inferência do significado que ele deseja expressar. É claro que no caso das histórias em quadrinhos, não teremos esta interação entre nós e um interlocutor presente na situação, mas ainda podemos seguir o mesmo princípio de observar os gestos, expressões faciais e ambientes, para desta forma complementar o que foi dito de forma verbal pelos personagens que estão interagindo, em cena. Nas HQs, como mídia multimodal, temos cenas com elementos textuais escritos e pictóricos se complementando e, portanto, provendo juntos as possibilidades de significação.

De acordo com seus estudos na área da Pragmática, Levinson (1983) e Mey (2001) defendem que a linguagem só pode ser discutida à luz de um determinado contexto, o qual nos proporciona verificar pistas – linguísticas e/ou extralinguísticas – para buscarmos compreender o uso da linguagem durante os eventos comunicativos. Assim, para analisarmos a linguagem não-verbal das narrativas em HQs, podemos inferir que ela pode ser estudada ao se verificar como seus personagens usam a língua, o que eles fazem enquanto “falam” e a repercussão de suas falas, e ações, nos outros personagens e cenário. Estudar as HQs, pela

perspectiva não-verbal, permite a exploração de outros níveis de leitura que vão além das palavras (NÓBREGA, 2016).

Para o antropólogo norte-americano Erving Goffman (2002, p. 19), “[...] muitas das propriedades da fala terão de ser vistas como alternativas a atos extralinguísticos, ou equivalentes funcionais deles”. Segundo Goffman (2002), gestos funcionais são essenciais para entendermos o que uma pessoa fala. Esses gestos (linguagem não-verbal) propiciam e policiam os estados de fala, desta forma, fazendo parte da comunicação. A linguagem não-verbal, segundo esta perspectiva, vai desde gravuras, imagens e fotografias até os gestos e expressões faciais que usamos quando nos comunicamos. Seus estudos são divididos em várias categorias, dentre os quais citamos a proxêmica, a cinésica e a paralinguagem (NÓBREGA, 2016).

O ramo de estudos da proxêmica, por exemplo, estuda a distância entre os interlocutores e o grau de relacionamento e/ou afetividade que ela pode sugerir. Um exemplo prático, citado por Nóbrega (2016) é o de uma situação formal entre médico e paciente em uma clínica médica. A distância entre os dois não seria como a de dois amigos almoçando. Espera-se que um profissional de medicina normalmente atenda a seu paciente com um cumprimento formal (como um aperto de mão) e peça-lhe para que se sente, para depois começar a verificar seu estado de saúde. Tal comportamento revela, nessa situação, a não aproximação afetiva e apenas um contato profissional. O que seria possivelmente diferente em um almoço entre amigos que, seguindo o exemplo de descrição de chegada ao local, poderia ter como cumprimento, um abraço (EKMAN; FRIESEN, 1969; NÓBREGA, 2011). É importante destacar que esta visão pode ser utilizada, inclusive, para se analisar as palavras a serem utilizadas nas respectivas situações. Normalmente, em situações relacionais com um certo distanciamento emocional, são usadas palavras mais formais, dentro de cada língua, enquanto que a escolha de um palavreado mais informal, comumente denota mais intimidade e aproximação emocional.

O ramo de estudos da cinésica, por sua vez, estuda os movimentos corporais relativos à fala. Nesse tipo de estudo, é possível analisar aspectos como gestos, movimento corporal, expressões faciais e contato visual. Essas expressões podem revelar emoções que podem complementar, monitorar ou, até mesmo, contradizer a fala de um indivíduo. Ao complementar uma fala, por exemplo, um sorriso pode revelar satisfação (NÓBREGA, 2016).

Já a paralinguagem estuda os sons vocais, incluindo os aspectos suprasegmentais da

fala, como ritmo, tom de voz, entonação e estresse. De acordo com Gumperz (1998), os aspectos paralinguísticos presentes na fala podem indicar posturas, intenções e sentimentos dos interlocutores (EKMAN; FRIESEN, 1969; NÓBREGA, 2011). Em um primeiro momento, essas características podem parecer inexistentes em um gênero verbo-visual impresso, como as HQs. Entretanto, veremos adiante, ao descrevermos as características das HQs, que seus artistas se utilizam de formas de representação visual para demonstrar alguns destes aspectos inerentes à comunicação oral e, portanto, originalmente de natureza sonora. O texto que representa a fala de um personagem pode ser representado, por exemplo, em negrito ou em uma fonte de tamanho maior que as demais, para representar um tom de voz mais alto, como em um grito. Também é possível o oposto, a utilização de fontes de tamanho menor, para representar um cochicho ou a voz fraca de alguém doente, por exemplo. Na figura a seguir, Eisner (1989) mostra um exemplo de como um grito que se esvai poderia ser representado visualmente.

Figura 1 – Exemplo de representação visual de aspectos sonoros em HQs

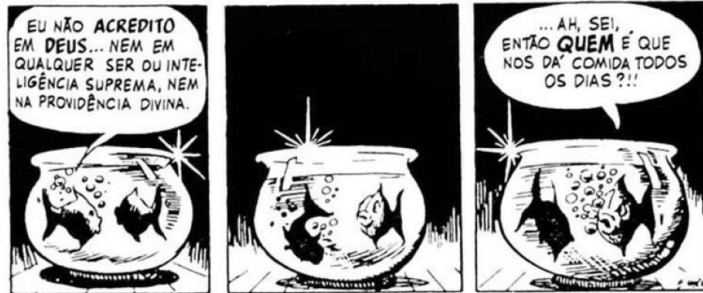


Fonte: EISNER, 1989, p. 126.

Portanto, na leitura de HQs, todos esses aspectos da linguagem não-verbal precisam ser percebidos para uma leitura adequada. Nesse gênero verbo-imagético, o ato de ler implica entender: o que e como os personagens estão falando; como eles estão interagindo entre si; e quando e onde as cenas acontecem. Cabe ao leitor estar atento para toda forma de linguagem característica do gênero, tais como as expressões faciais dos personagens, o movimento corporal, o olhar, além de outras formas não-verbais demonstradas pelos personagens (NÓBREGA, 2016). Um exemplo para ilustrar essa necessidade de uma leitura “global” da

linguagem quadrinística, considerando sua parte verbal da mesma forma que a visual, é a tirinha cômica a seguir:

Figura 2 – Imagens e texto verbal se complementando



Fonte: EISNER, 1989, p. 124.

Através dela, podemos notar como o texto verbal necessita das imagens, da mesma forma que as imagens necessitam do texto verbal para que a piada tenha um sentido exato. Se retirarmos as falas, temos apenas cenas em sequência de peixes nadando em um aquário. Se retirarmos as imagens, temos a mesma argumentação através do diálogo, mas não saberíamos quem eram os interlocutores e, possivelmente, o texto não seria percebido como cômico.

Para trabalharmos as características gerais da linguagem peculiar das HQs, nos baseamos principalmente na obra teórica *Quadrinhos e Arte Sequencial* (1989) do quadrinista estadunidense, e estudioso da área, Will Eisner. Considerado por seus pares como um mestre, ele contribuiu com muitas HQs e vários estudos técnicos que seriam depois compilados em livros. Foram selecionadas como características mais relevantes em relação com o objetivo deste estudo: o conceito de simbologia socialmente compreensível; o sequenciamento de imagens por meio de quadros, a seleção de cenas e a prática inferencial entre elas; e por fim os aspectos pictóricos no letreiramento e a representação visual da oralidade – incluindo o gestual utilizado pelos personagens enquanto se comunicam.

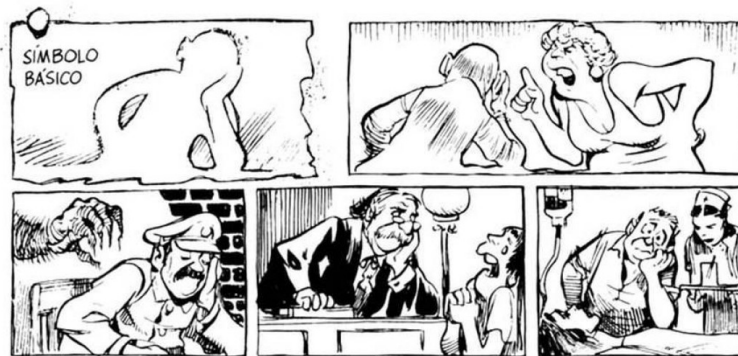
[...] os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a gramática da Arte Sequencial (EISNER, 1989, p. 8).

Existem experimentos com a justaposição de palavras e imagens desde a antiguidade. As inscrições, em pinturas medievais, foram abandonadas após o século XVI, mas reapareceram em publicações populares no século XVIII. Desde então, seus adeptos criaram

progressivamente uma linguagem útil à expressão de pensamentos, sons, ações e ideias, usando-se da disposição sequencial, separada em quadros. Isso ampliou as possibilidades da imagem e acabou por desenvolver o que viria a ser chamado de nona arte.

A compreensão de imagens, em si, depende das experiências prévias do leitor, ou seja, de que a simbologia utilizada seja socialmente compreensível (EISNER, 1989). Na linguagem das histórias em quadrinhos, o desenhista se utiliza dessa experiência, compartilhada culturalmente, para desenhar um texto pictórico compreensível, buscando evocar imagens em comum, entre ele e o leitor. O sucesso ou fracasso deste ato comunicativo depende do reconhecimento de significado por parte do leitor, sendo, portanto, cruciais à representação competente e à universalidade da forma escolhida. A seguir, no exemplo de Eisner, podemos ver a utilização do simbólico em uma mesma postura corporal, sendo alterado de acordo com diferentes contextos.

Figura 3 – Exemplo de imagem com significado variável a depender do contexto



Fonte: EISNER, 1989, p. 16.

Como é possível ver, o símbolo básico de uma pessoa com o corpo arqueado sobre seu braço, com a mão segurando a cabeça, uma postura corporal comum em nossa sociedade, é de certa forma complementado e modalizado por demais elementos visuais como roupas, plano de fundo, interação com outra postura simbólica ou até mesmo palavras para comunicar diferentes significados e emoções (EISNER, 1989).

De acordo com a definição de HQs dada por McCloud (1995, p. 9) – e já citada anteriormente, neste estudo – essas imagens (símbolos socialmente reconhecíveis) devem ser “justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”. Desta forma, os “quadrinhos” das histórias em quadrinhos são uma parte muito importante de sua linguagem. Os quadros em uma página de HQs são utilizados

para a captura dos eventos no fluxo da narrativa, ao serem dispostos através de um sequenciamento. O enquadramento de imagens realiza a contenção de personagens e suas ações, além da locação onde se encontram. Através destes quadros, as cenas são selecionadas, preferencialmente de forma que contribuam para a inferência, por parte do leitor, do que acontece entre um quadro e outro.

O artista seqüencial (sic) “vê” pelo leitor porque é inerente à arte narrativa exigir do espectador reconhecimento, mais do que análise. A tarefa então é dispor a seqüência dos eventos (ou figuras) de tal modo que as lacunas da ação sejam preenchidas. Conhecida a seqüência, o leitor pode fornecer os eventos intermediários, a partir da sua vivência. O sucesso brota aqui da habilidade do artista (geralmente mais visceral que intelectual) para aferir o que é comum à experiência do leitor (EISNER, 1989, p. 38).

Figura 4 – Exemplo de inferência aplicada à narrativa das HQs



Na figura anterior, Eisner busca exemplificar através de imagens estáticas, o tipo de inferência de movimento que acontece na mente do leitor. As imagens, dispostas uma abaixo da outra, na extremidade direita da figura, buscam representar a “cena completa” – dentro do que é possível representar através de imagens estáticas, o que poderia ser melhor visualizado através de um vídeo, por exemplo – idealizada na mente do desenhista e posteriormente “resgatada” pela mente do leitor. As imagens dentro dos quadros, dispostos do lado esquerdo da figura, representam os momentos cristalizados na forma de três quadros desenhados em sequência. Em uma suposta página de HQ, que consistisse nestes três quadros, o primeiro mostraria um sujeito correndo, com expressão facial de desespero, enquanto derruba itens que carrega em suas mãos e deixa suas pegadas na areia. No seguinte, o sujeito se encontra caído, com olhar confuso, alguns dos itens derrubados atrás de seu corpo, e o início de um rastro que denota o movimento de arrastar de seu corpo. No último quadro, o rastro na areia vai até o fim da imagem, denotando que o movimento continuou. O homem encontra-se ainda caído, mas agora encurvado, com o restante dos pertences caídos ao seu lado. Todo o movimento que existe entre um quadro e outro, e que deve ser inferido pelo leitor para que seu encadeamento tenha sentido, é o que encontramos simulado através das imagens à direita. Desta forma, o artista captura segmentos daquilo que é um fluxo ininterrupto de ação. A representação dos elementos e a disposição das imagens dentro do quadro, além da sua relação com as outras imagens da sequência, são a "gramática" a partir da qual se constrói a narrativa. Nela, o artista registra o fluxo de experiências, dividindo-se o fluxo em segmentos.

Uma forma de descrever a leitura dos quadrinhos é compará-lo com outra forma artística que se utiliza de imagens sequenciais, como o cinema, ou o vídeo em geral. Eles surgiram com a produção de obras formadas por fotografias capturadas e, posteriormente, mostradas ao espectador em sequência. O segredo da movimentação em tela era de que as fotografias eram batidas em grande quantidade, em uma sequência curtíssima de tempo. Quando projetadas em alta velocidade, elas nos davam a impressão de movimento, por ilusão de ótica. Os quadrinhos, de uma forma talvez mais rudimentar, utilizam-se do mesmo princípio de sequenciação. Mas ela é utilizada com intervalos maiores entre uma “captura de cena” e outra. Assim, a impressão de progressão narrativa não se dá em um âmbito ótico, que enxerga o movimento, mas diretamente no cérebro do leitor, que preenche as lacunas entre o que acontece entre um quadro e outro, através do processo de inferência.

Neste ponto da descrição das características das histórias em quadrinhos, é importante

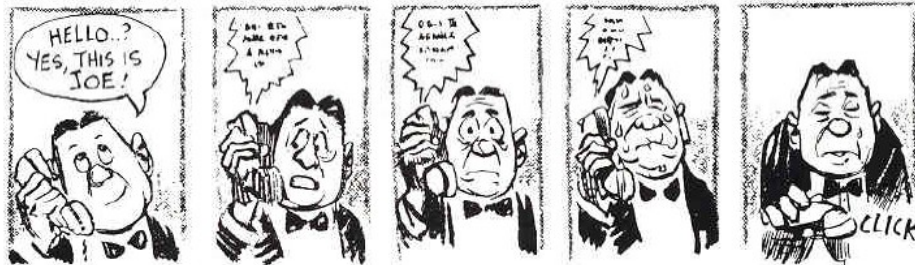
uma pausa, para que sejam feitas observações sobre algumas concepções a respeito de sua leitura multimodal. Dentre as concepções de leitura verbal, o modelo interativo de leitura demonstra, em suas características, ser uma opção adequada para o estudo da compreensão da leitura de HQs em inglês como língua estrangeira. Segundo essa concepção de leitura, as operações cognitivas usadas por leitores proficientes são as que privilegiam os conhecimentos prévio, linguístico e textual (KLEIMAN, 2012; LEFFA, 2012; BARETTA; FINGER-KRATOCHVIL, 2022). O conhecimento prévio diz respeito ao conhecimento de mundo e das experiências vividas pelo leitor; o conhecimento linguístico envolve o lexical e o estrutural, conhecimentos sobre o significado das palavras e da morfossintaxe da língua; e o conhecimento textual se refere ao conhecimento dos tipos de texto (narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo) e dos gêneros textuais que circulam nas várias situações comunicativas do cotidiano (NÓBREGA, 2016).

Na leitura multimodal, o processo de compreensão leitora segue os mesmos pressupostos, mas com a adição dos elementos não-verbais. Uma prática multimodal (ou multissemiótica) de leitura envolve a leitura de uma diversidade de linguagens compondo um mesmo texto. Por exemplo, a leitura de reportagens em *websites* de notícias. A leitura é classificada como multimodal, por somar a leitura do texto escrito a de possíveis imagens (às vezes em movimento, no formato de vídeos), sons e até mesmo *hyperlinks*, que ligam um texto a outros por ele referenciados (ROJO, 2012).

Para a leitura multimodal, exigem-se práticas de leitura específicas, chamadas de multiletramentos (SOARES, 2009, ROJO, 2012). Na leitura de HQs, especificamente, é necessária a consciência da diversidade de linguagens presente no gênero. Imagens, cores, onomatopeias, diálogos, expressões faciais dos personagens são alguns exemplos dos tipos de linguagens encontradas. Saber como usá-las para beneficiar a compreensão requer uma prática multimodal, demandando uma consciência multissemiótica ao leitor – a associação das várias formas de linguagem ao texto escrito. Todas as operações necessárias para a ativação dos conhecimentos prévio, linguístico e textual são utilizadas na leitura de HQs. E quando o conhecimento linguístico não é ativado adequadamente na mente do leitor, ele pode fazer uso dos recursos não-verbais como um auxílio na geração de inferências. Na concepção interativa de leitura, todo o conhecimento (de mundo, de língua, de imagem) é usado para processar a leitura. No desconhecimento de um, outro tipo de conhecimento pode ser acionado (NÓBREGA, 2016; WOELFER, 2016).

Davies (1995), Day & Bamford (1998) e Nuttall (1996) argumentam que o conhecimento prévio é também um aspecto crucial, quando se trata especificamente de leitura em L2. Ele atua, por exemplo, quando o leitor se depara com palavras desconhecidas. É possível compreender palavras desconhecidas através do contexto em que elas estão inseridas⁵, seja através de outras palavras que se relacionam com elas no texto verbal, seja pelo contexto situacional em que estão sendo empregadas. Por exemplo, ao ler uma HQ, o leitor não-proficiente em inglês, por desconhecer determinadas palavras, pode usar a imagem e a situação da história como ajuda na produção de inferências referentes a seus significados.

Figura 5 – Exemplo de inferência aplicada a vocabulário desconhecido



Fonte: EISNER, 1990, p. 111.

No exemplo apresentado através da Figura 5, um leitor não-proficiente que desconheça o significado da palavra *hello*, mas que conheça o tipo de situação que o personagem está vivenciando – uma pessoa atendendo um telefone, recebendo “notícias ruins” e desligando em seguida – pode usar seu conhecimento de mundo para inferir o significado do texto verbal. É acionado o conhecimento prévio do leitor, ao lembrar-se do que se sabe culturalmente que é dito normalmente em uma situação como essa, ou seja, ao se atender a um telefone. Esse conhecimento só pode ser acessado através do conhecimento linguístico imagético que permite ao leitor ler a expressão facial e corpórea do personagem em interação com o cenário, além do conhecimento textual em HQs, que lhe permite ler características específicas do gênero, como o uso dos balões para representar visualmente o som da fala do personagem e o som da fala de seu interlocutor vinda do telefone, além dos formatos diferentes dos balões, que representam a voz presencial e a voz transmitida pelo aparelho telefônico, em conjunto com as pontas direcionais (apêndices) dos balões, que

5 É válido citar que esse tipo de fenômeno é conceituado através de um modelo de leitura específico, derivado do modelo interativo: o modelo interativo-compensatório. Neste modelo está incluso o conceito de ser possível a compreensão geral de um texto, com o auxílio inferencial do conhecimento do leitor sobre o assunto sendo discorrido (SCHINEMANN, 2016).

indicam de onde – ou de quem – provém cada fala. Todos esses tipos de conhecimentos, usados como ferramentas no processamento da leitura da HQ, nos exemplificam como a leitura multimodal é mais complexa do que pode ser percebido em uma interpretação superficial, e como sua riqueza pode interferir na leitura verbal, e vice-versa.

No exemplo da figura anterior, é importante notar inclusive, que a fala do interlocutor está demonstrada graficamente de forma a ser irreconhecível para o leitor, sendo portanto, através da situação em curso e das expressões faciais do personagem que inferimos que foi uma mensagem desagradável para este. Se houvesse mais informações, como é possível em uma narrativa mais longa, seria possível até mesmo inferir o conteúdo da mensagem telefônica – por exemplo, se soubéssemos de antemão que o personagem tinha uma dívida com o banco, ou um ente querido hospitalizado. Isso nos ajuda mais uma vez a ilustrar a importância do processo inferencial na leitura. Inclusive em se tratando da leitura especificamente verbal, podemos afirmar que a produção de inferências está diretamente ligada a possibilidade de uma leitura considerada como adequada (RUMELHART 1980; KINTSCH; VAN DIJK, 1983; COLOMER; CAMPS 2002; KLEIMAN, 2016; BARETTA, 2008). Para que um leitor tenha a capacidade de compreender um texto, ele necessita construir uma representação mental, por meio da conexão das informações textuais, que englobam micro e macroestrutura – a macroestrutura correspondendo ao conteúdo global levado a cabo por uma sequência discursiva; e as microestruturas tendo expressão direta nos enunciados constitutivos do texto, determinando e sendo determinadas pelas macroestruturas (VAN DIJK, 1980). As inferências possuem um papel importantíssimo na construção de significado de um texto, levando o leitor a construir um modelo mental coerente, no qual as lacunas textuais são preenchidas, o que resulta em uma leitura profunda, nível mais elevado da compreensão leitora (KINTSCH; VAN DIJK, 1983).

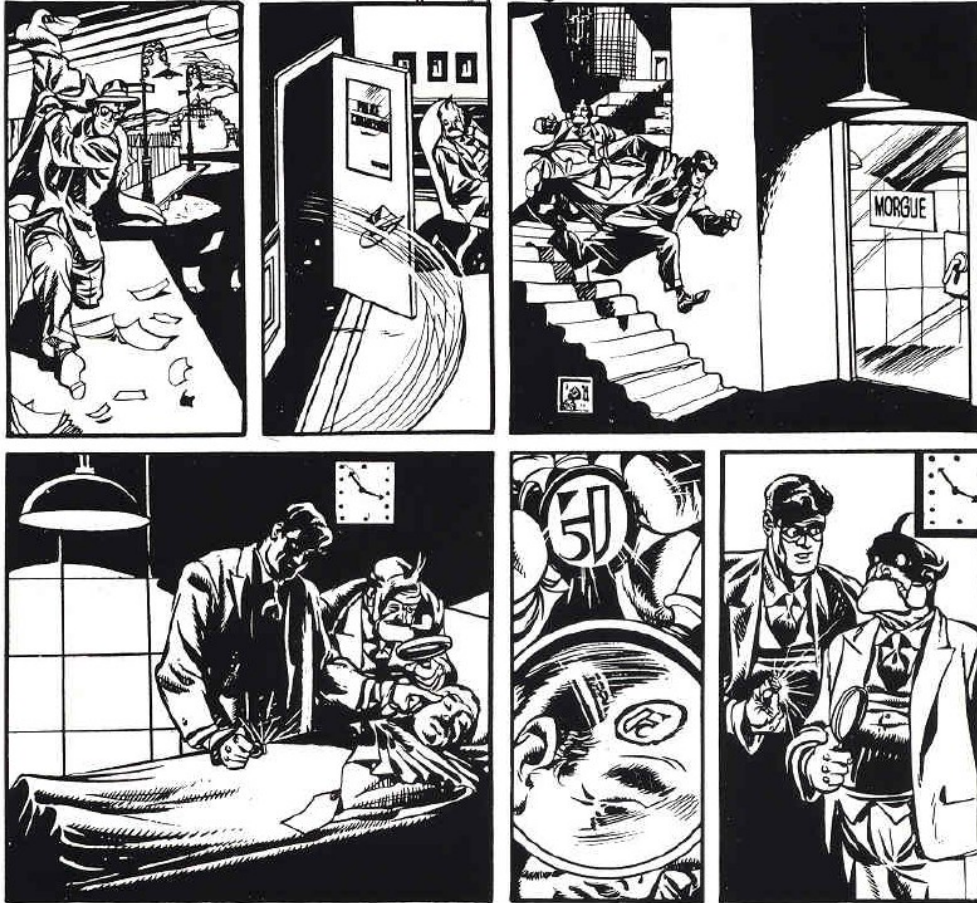
Segundo Baretta (2008), o estudo das inferências tem duas vertentes: construtivista e minimalista. A construtivista defende que o leitor geraria suas inferências, incorporando seu conhecimento à leitura, enquanto que a minimalista, propõe um leitor que se mantém no texto, sem relacionar o que está sendo lido a seu conhecimento prévio. Dito isto, declaramos neste ponto que nos ateremos ao viés construtivista, no que diz respeito às reflexões propostas neste estudo. Sendo assim, caracterizamos inferência como o ato de preencher lacunas textuais, através da suposição de novas informações, baseadas no conhecimento prévio do leitor. De acordo com Dell’Isola,

[...] um leitor produz inferência quando busca, além do texto escrito, informações provenientes de conhecimentos prévios adquiridos, com os quais preenche as lacunas existentes no texto. Vale ressaltar que a comunicação humana oral ou escrita é inferencial, pois os textos, até por questões de economia, não explicitam totalmente o seu significado, necessitando do conhecimento que o leitor já possui armazenado na memória para que seja compreendido (DELL'ISOLA, 2001 apud OLIVEIRA, 2019, p. 66).

Se tratam de processos cognitivos de alto nível, visando a reconstrução de significados de textos, que ocorrem por meio da expansão das informações fornecidas pelo próprio texto sendo lido, em confronto com o conhecimento prévio do leitor. Assim, o leitor é capaz de formular e avaliar hipóteses sobre o que é implícito no texto, visando alcançar uma compreensão adequada do que foi lido (BARETTA, 2008). Segundo Ferreira e Dias (2004), o leitor proficiente utiliza todas as informações disponíveis, estabelecendo um elo entre a informação presente no texto e seu conhecimento prévio.

Uma vez explanado sobre a importância do processo inferencial nas leituras verbal e multimodal, seguiremos elencando as características das HQs, e, por fim, destacando a utilização das palavras e seu processo de letramento - “etapa típica da produção de histórias em quadrinhos na qual são aplicados elementos linguísticos à página” (ASSIS, 2018, p. 11). A escrita, nas histórias em quadrinhos, pode fazer parte das ilustrações, como placas e *outdoors* compondo um cenário, por exemplo, ou fazer parte da prosa da HQ, com a função de representação visual da oralidade das vozes dos personagens, em diálogos e pensamentos, ou a voz lírica do narrador da história.

Figura 6 – Exemplo da palavra como parte da ilustração



Fonte: EISNER, 1990, p. 21.

Na Figura 6, vemos um exemplo da escrita como parte da ilustração. Este é um excerto de uma história protagonizada pelo personagem *Spirit*. Nela, o detetive corre até o departamento de polícia, para investigar uma nova pista em sua investigação. Ele desce as escadas até uma sala com uma placa escrita *morgue*. Dentro dela, *Spirit* e o comissário de polícia analisam a marca deixada, na cabeça de um cadáver, por um anel. Como é um excerto de uma história maior, o leitor possivelmente estará a par do contexto de que se trata de um detetive indo até o departamento de polícia, para investigar em conjunto com o comissário. Os quadros em que os homens da lei descem as escadas, se deparando com a porta com uma inscrição, e a seguir, encontram-se analisando um homem deitado com os olhos fechados, dentro de um saco etiquetado, são especificamente especiais para nosso exemplo de texto aplicado à imagem, e como ele pode interferir no processo de inferência. Em uma narração exclusivamente verbal, um leitor não proficiente necessitaria utilizar muito de sua memória de

trabalho para decodificar palavra a palavra e construir a compreensão literal, sentença a sentença (MORAIS; LEITE; KOLINSKY, 2013; BAILER; TOMITCH, 2020), de uma descrição verbal do que está acontecendo. Através da narrativa visual, ele pode usar do contexto da história e de seu conhecimento prévio para inferir o significado das cenas em sequência. No caso de o leitor não conhecer a palavra *morgue*, na placa da porta, é possível que a união do contexto da história, em conjunto com seu conhecimento prévio, ajude na inferência do seu significado em português: necrotério.

Através deste exemplo em particular, também é possível pontuarmos como o letreiramento pode ser trabalhado visualmente. A simples utilização de uma palavra, escrita dentro de um retângulo, na superfície externa de uma porta, denota que se trata de uma placa de identificação daquele local. Em quadros maiores, que permitam um detalhamento maior dos desenhos, a escolha da fonte a ser utilizada poderia também lembrar fontes usadas em placas encontradas em nosso cotidiano.

As palavras, tratadas graficamente, podem inclusive fornecer características como o clima emocional da história ou a sugestão de que tipo de entonação é dada a uma fala. No exemplo a seguir, a fala do personagem à esquerda é grafada em negrito, denotando um tom de voz mais alto em relação às demais falas, grafadas sem o recurso.

Figura 7 – Exemplo de tratamento gráfico em letreiramento



Fonte: Maurício de Sousa apud NÓBREGA, 2016.

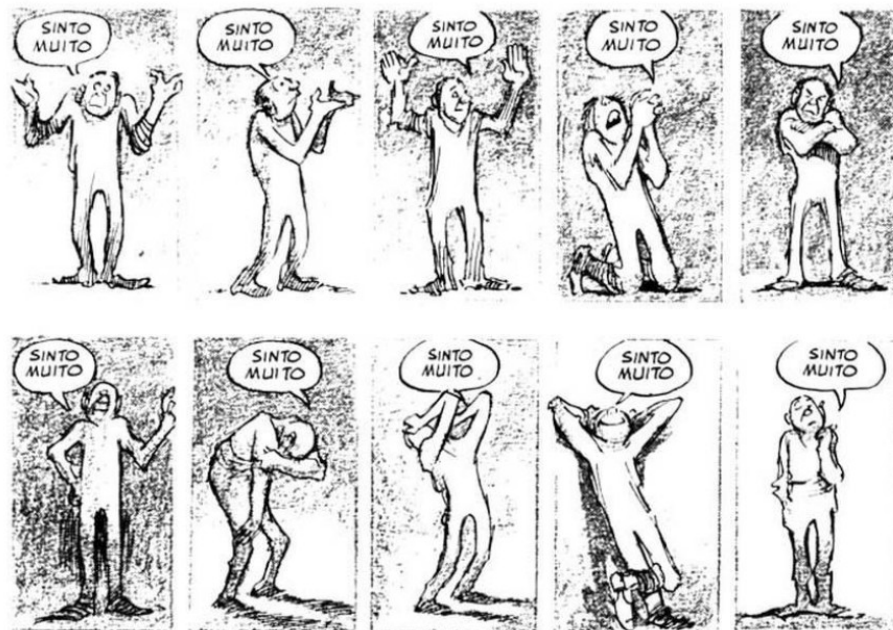
Outra característica visível no exemplo anterior é a diferença que podemos ver no formato do contorno do que chamamos de balões de fala. Estes balões são o recurso gráfico, normalmente utilizado nas HQs, para confinar as palavras usadas ao se representar as vozes, faladas ou mentais, dos personagens. À medida que o uso dos balões foi se ampliando durante a evolução histórica da linguagem das HQs, seu contorno passou a ser mais do que apenas sua delimitação espacial. Ele passou a também poder acrescentar significado e comunicar as

características do som, como podemos ver no primeiro quadro da Figura 7, onde a fala, contida pelo primeiro balão – com contorno irregular – denota um grito. Outro exemplo de contorno específico, que denota o tipo de som, ou neste caso a falta dele, são os balões em formatos de nuvens, que representam o que seriam os pensamentos dos personagens.

A disposição dos balões nos quadros, sua posição em relação um ao outro, ou ao emissor, também requerem uma leitura específica para que seja mantida a coesão textual. A exigência é que sejam lidos, da mesma forma que a sequência de quadros, em uma sequência determinada, seguindo as mesmas convenções da prosa: da esquerda para a direita e de cima para baixo. É digno de nota que esta é a convenção em quadrinhos ocidentais. Em HQs orientais, como os mangás japoneses, segue a orientação cima-baixo, mas é invertida da direita para a esquerda.

Além da representação gráfica das características dos sons, outro elemento visual que pode ser utilizado na representação de diálogos, e demais interações entre os personagens, são as posturas corporais, expressões faciais e gestos. Quando uma imagem é habilidosamente retratada, ela tem a possibilidade de deflagrar lembranças, que por sua vez evocam o reconhecimento de emoções. A maneira como são empregadas as imagens, pode definir, inclusive, diferentes significados quando em combinação com as palavras.

Figura 8 – Exemplo de palavras com significado variável a depender do contexto visual



As posturas corporais e expressões faciais, do personagem ilustrado anteriormente, propiciam significados diferentes à mesma frase “Sinto muito”. A Figura 8 exemplifica este conceito de contextualização visual através de dez possíveis variações de postura corporal e expressão facial, que podem levar o leitor a inferir mensagens diferentes, a depender da sua experiência e em como ele já encontrou tais expressões físicas em sua vida. Se compararmos os penúltimos quadros das duas linhas de imagens, encontraremos duas significações mais discrepantes, de sentido até mesmo oposto. O penúltimo quadro da primeira linha denota uma pessoa que parece se importar com seu pedido de desculpas, ao ponto de sua postura expressar que suas palavras são um ato de implorar por perdão. Enquanto isso, o penúltimo quadro da segunda linha, expressa um sentimento oposto ao que se está sendo dito, através de um sorriso e uma postura de relaxamento. Entretanto é importante notar que a figura, através de uma grande quantidade de exemplos, não apenas ilustra como os significados podem ser completamente opostos, como estes que destacamos, mas também podem alterar o significado da frase de forma mais sutil. Depositemos nossa atenção sobre os dois últimos quadros das duas linhas. Em ambos, a expressão física do personagem denota uma contrariedade quanto ao pedido de desculpas, mas enquanto a primeira permite a inferência de um sentimento de raiva, a segunda remete a um sentimento de desdém.

Após a descrição de apenas três, dentre muitas características componentes da linguagem multimodal das histórias em quadrinhos, esperamos que, no que se refere a sua leitura multimodal, esteja por ora suficientemente fundamentada a defesa da utilização das HQs como material para a prática da leitura em língua estrangeira. As HQs são populares em vários países do mundo e se tornaram ainda mais acessíveis através da globalização proporcionada pela internet. Elas se utilizam, como vimos anteriormente, de pelo menos duas “línguas” – texto escrito e imagens – na criação de sua linguagem específica, a chamada arte sequencial. A utilização das imagens, supostamente, proporcionaria uma língua “paralela” na qual o leitor de L2 pudesse se apoiar enquanto exercita a leitura do texto escrito no qual ainda não é proficiente, permitindo uma possível satisfação de compreensão geral da narrativa, mesmo em um contexto de limitação na língua estrangeira. Isso, com a esperança de que tal compreensão gere motivação para a utilização da língua de forma extensiva, e como consequência, seja permitido ao leitor um ambiente para a melhora de vocabulário, conhecimento linguístico e automatização destes processos, resultando em uma leitura mais fluida, que permita a alocação de mais recursos de memória de trabalho no processo de

interpretação aprofundada do que se está lendo (WOELFER, 2016).

Após este exercício de reflexão sobre possíveis pontos de conexão entre imagens e palavras na linguagem utilizada pelas histórias em quadrinhos, inverteremos o foco, na próxima seção, ao priorizarmos a habilidade de leitura de textos verbais, em específico. Descreveremos algumas características componentes do processo de compreensão leitora verbal, prosseguindo no objetivo de que esse exercício de revisão bibliográfica sirva como base teórica para nossa futura análise dos artigos científicos, sobre a leitura de HQs em língua estrangeira. Iniciaremos a próxima seção seguindo uma sequência de teorizações cognitivas sobre o processamento da leitura, por parte de Stanislas Dehaene (2012), em sua obra *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*.

1.3 LEITURA VERBAL E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Dehaene (2012), buscou compreender como nosso cérebro foi capaz de se adaptar à invenção da escrita e se tornar apto ao aprendizado da leitura. Para isso, associou duas perspectivas, que antes de seus estudos eram consideradas em separado, dentro do ramo dos estudos linguísticos: a biologia e a cultura. Assim, passou a defender que a aprendizagem da leitura implicaria tanto em um movimento interno (especializações dos neurônios) quanto externo (aprendizagem), chegando em sua hipótese de reciclagem neuronal, na qual defende a necessidade de motivação externa para que determinados tipos de neurônios – os que possuem a característica da plasticidade – usem tal maleabilidade para aprender invenções culturais, como a habilidade de leitura. Irigoite (2012), resume tais conceitos da seguinte forma:

Ao aprender um processo novo como a leitura, segundo Dehaene (2012), o cérebro precisa passar por uma aprendizagem: novas ligações (sinapses) ocorrem entre diferentes regiões, especializando-as. O estudioso explica que o sistema nervoso central do homem possui especializações, fundamentais para a sobrevivência da espécie; ou seja, cada região é responsável por um “trabalho” específico. Essas regiões dividem-se em áreas primárias, secundárias e terciárias. A criança já nasce com as áreas primárias, responsáveis pelas atividades mais básicas do corpo humano como respirar e enxergar. Para desenvolver as outras áreas, secundárias e terciárias, é preciso que ocorra a maturação e a aprendizagem dos neurônios, que permitem novas ligações entre essas regiões. E esse desenvolvimento das novas regiões acontece pela “experiência”, depende da aprendizagem (motivação externa). Os neurônios, portanto, precisam de um gatilho para se especializar. Novamente se percebe aqui a “via de mão dupla” do processo da leitura entre o aparato biológico e o universo cultural: os neurônios já nascem com plasticidade, “aptos” a novas aprendizagens, mas, para elas ocorrerem de fato, há que haver maturação e informação de fora. Não existe *output* sem *input* (IRIGOITE, 2012, p. 108).

Podemos então dizer que uma pessoa, em condições normais, inicia o processo de aprendizagem da habilidade de leitura, quando desenvolve sua área cerebral primária, relacionada a visão, com estímulos como o contato dos olhos com a luz e o mundo ao seu redor, o que lhe permite enxergar as manchas em uma superfície, que chamamos de letras. Ao passar por um processo de ensino explícito, a pessoa vai aprendendo como transformar estes sinais em abstrações mentais, desenvolvendo a área cerebral secundária, usada para relacionar os grafemas – cadeias de letras – com os fonemas – cadeias de sons – por exemplo, e posteriormente a área terciária, que permite a construção de sentido.

A estrutura dos olhos também é um dos fatores biológicos que delimitam o funcionamento da leitura. O movimento dos olhos sobre um texto é caracterizado por dois momentos: sacada, o deslocamento dos olhos sobre um texto; e fixação, quando o centro da retina se detém num ponto da linha escrita para perceber seu registro, sendo este o momento onde ocorre a leitura propriamente dita.

É importante destacar que todos leem com o mesmo circuito cerebral, não importando a língua. Como nosso objeto de estudo são artigos sobre leitura em inglês como língua estrangeira, é importante lembrarmos que empregamos os termos língua estrangeira e L2 como um termos guarda-chuva, que se referem em nossa pesquisa, a qualquer língua adquirida após a(s) língua(s) materna(s) (L1), o que engloba definições comumente divididas em três denominações: a) uma L2 adquirida em um país estrangeiro; b) línguas estrangeiras, aprendidas no próprio país em que vive este aprendiz, tradicionalmente por meio de estudo; c) línguas adicionais, ou seja, uma terceira – ou posterior(es) – língua(s) que um indivíduo venha a aprender (SCHINEMANN, 2016).

Voltando ao conceito de circuito cerebral, a região do cérebro onde ocorre o processamento da leitura é a occípito-temporal ventral do hemisfério esquerdo, sendo ela a responsável pela análise visual das palavras e pela associação entre grafema e fonema. Já o processo de significação das palavras ocorre em regiões paralelas. O processamento da leitura ativa diferentes áreas corticais, que se contatam: “Todas as conexões são [...] recíprocas: cada vez que uma região A contata uma região B, a região B projeta igualmente um retorno em direção à região A” (DEHAENE, 2012, p. 79).

De todas as regiões, uma só parece jogar um papel central e específico na leitura: a região occípito-temporal esquerda [...]. Ela se situa, pois, no cruzamento entre a análise visual e o resto do sistema linguístico. Porta de entrada em direção às áreas da linguagem, essa pequena região visual do hemisfério esquerdo analisa as imagens

e sinaliza: sim, são realmente letras, [...] – informação crucial que outras regiões do cérebro se encarregarão de decodificar em imagens acústicas e em significado (DEHAENE, 2012, p. 83-84).

Ainda durante o processo de captação e reconhecimento das letras, destacamos duas características importantes para o futuro processamento destas: o processo de normalização, através do qual as pequenas diferenças, nos traços das letras – como por exemplo, nas letras “b” e “d”, ou “p” e “q” – nos permitem distinguir uma letra da outra, e o fenômeno da invariância perceptiva, capacidade dos neurônios de abstrair os demais traços gráficos variantes que não as distinguem como letras diferentes, como estilo e tamanho. Através deste fenômeno, somos capazes de identificar as palavras, independentemente se foram escritas em letra de imprensa ou manuscrita, maiúscula (caixa alta) ou minúscula (caixa baixa), sob qualquer efeito – como negrito, itálico, sublinhado etc – e em qualquer diversidade de fonte possível (DEHAENE, 2012). E este é um ponto que merece uma atenção especial em um estudo sobre uma linguagem como a das histórias em quadrinhos, que se utiliza inclusive das características gráficas das letras para influenciar na mensagem a ser transmitida por seus artistas. Embora o fenômeno da invariância perceptiva garanta que mudanças no estilo das letras não interfiram na sua identificação, assim como também na associação dos grafemas a seus respectivos fonemas, o estilo das letras pode influenciar na modalização do significado das palavras, em conjunto com o contexto em que elas estão inseridas. São fenômenos diferentes. Podemos exemplificar esta distinção, nos utilizando de circunstâncias não exclusivas às HQs: a diferença que traz a grafia de um mesmo substantivo, ora iniciado com letra minúscula, como sendo um substantivo simples, ora com letra maiúscula, como sendo um substantivo próprio. Isso ocorre em qualquer texto exclusivamente verbal, que se encontre de acordo com a norma culta da língua portuguesa. Já em um exemplo voltado para a linguagem quadrinística, podemos lembrar do que foi citado na seção anterior, onde demonstramos que palavras escritas em letras todas maiúsculas, em fontes maiores do que as sendo usadas de forma padrão em determinada obra, ou até mesmo com recursos como o negrito – como ilustrado na Figura 7 – podem denotar que tal palavra está sendo articulada por um personagem com uma entonação mais forte, como em um grito.

Uma vez ressaltadas as sutilezas do que não consiste da invariância perceptiva, voltemos às suas características. O tamanho dos sinais escritos não interferirá na identificação em nível de sinal-grafema-fonema, a não ser que estes sinais sejam pequenos demais para serem captados pelos olhos, ou grandes demais para o campo de visão, de forma que

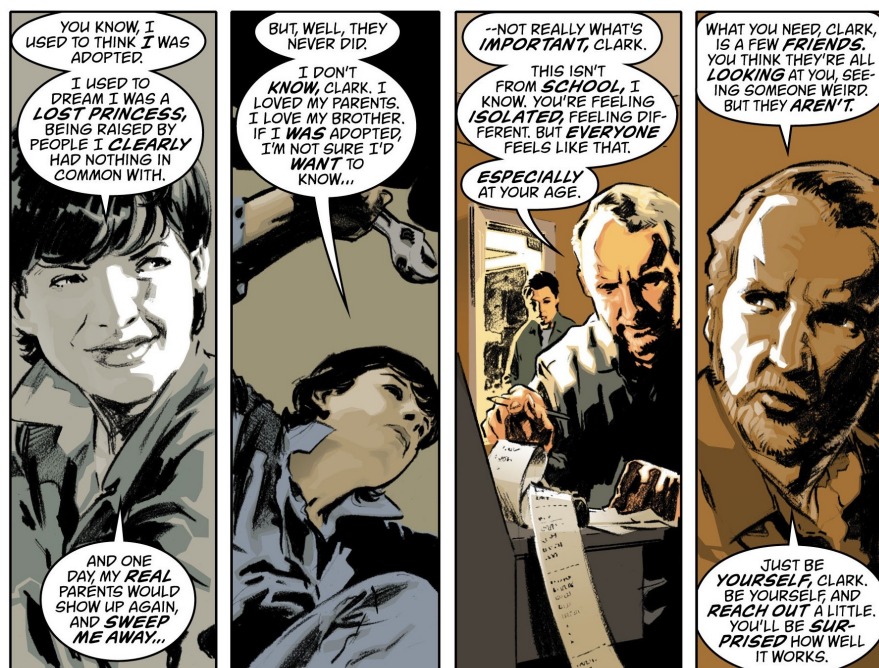
atrapalhem a visualização, seja em sua completude, seja em conjunto com os outros sinais ao seu redor. Desta forma, o que interfere na leitura é o número de unidades que podem ser processadas simultaneamente. Identificamos cerca de dez a doze letras a cada sacada, dependendo da direção da leitura da língua em uso. Um leitor proficiente chega à velocidade de leitura de quatrocentas a quinhentas palavras por minuto (DEHAENE, 2012). Tais constatações sobre a capacidade e velocidade de número de unidades possíveis de serem processadas por vez, durante a leitura, nos induzem a questionar se o fato da linguagem verbal das histórias em quadrinhos, em sua maioria, ser dividida graficamente em balões de fala, e/ou caixas de texto narrativas, poderiam de alguma forma auxiliar no processo de percepção e compreensão de sentenças. O formato similar a círculos, ou quadrados, dos balões de fala mais comuns – ou seja, de largura não muito maior que sua altura – gera textos sem linhas e parágrafos muito longos, diferente do que pode, normalmente, ser encontrado nas páginas de livros em prosa, por exemplo.

Em paralelo a este argumento, a respeito do número de unidades linguísticas possíveis de serem processadas por vez, na visualização de um texto escrito e separado em balões, adicionamos a concepção de que a própria significação, em um texto verbal, também é processada em “pedaços menores”. Lewis (1993) defende, em sua abordagem lexical de ensino de L2, que parte importante do aprendizado de línguas consiste em ser capaz de entender e produzir combinações de palavras (ou locuções), os chamados *chunks* de linguagem. Schmitt (2000) contribui com a utilização do conceito de *chunks* na aprendizagem de L2, ao afirmar que o aprendiz de uma L2 deveria ser ensinado explicitamente a perceber padrões de linguagem e memorizar conjuntos significativos de palavras, seguindo a constatação de que: a) nossa mente armazena e processa esses *chunks* como totalidades; b) como a capacidade de memória de curto prazo é mais limitada do que a de longo prazo, seria mais eficiente resgatar mentalmente um *chunk* do que resgatar palavras em separado, para uma posterior formação de locuções. Nesta abordagem, a instrução se concentra em expressões que ocorrem com frequência, sendo mais valorizadas do que a gramática.

Tais conceitos nos permitem inferir uma possível função de facilitação da leitura, ao utilizarmos a linguagem quadrinística como material de contato significativo com uma L2. Na Figura 9, a seguir, temos uma “linha” de quadros retirada de uma página de uma *graphic novel*. Neste excerto, temos duas sequências de cenas, com dois quadros cada uma. Na primeira, a mãe do protagonista responde a um questionamento. Em seguida, temos o pai

respondendo a mesma pergunta. Podemos notar, que mesmo que os personagens estejam em uma espécie de “monólogo” em cada cena, sua fala é dividida em mais de um balão, ou em subseções do mesmo balão. Ou seja, cada fala é estruturada visualmente através da soma de trechos menores, em um formato que poderia facilitar sua visualização, ao estar mais próxima do centro da visão. Além do aspecto de captação visual das palavras constituintes das sentenças, esta separação visual de texto, em trechos menores, poderia auxiliar na separação do texto, por parte do leitor, de trechos menores a serem compreendidos, em relação ao significado da mensagem contida em cada balão. Não sugerimos aqui, que as histórias em quadrinhos sejam escritas e desenhadas com a finalidade de facilitar a leitura de leitores não proficientes e, necessariamente, separariam seu texto segundo os conceitos de unidades a serem processadas pela visão, ou de *chunks* de linguagem que facilitassem sua compreensão. Entretanto, esta não intencionalidade não, necessariamente, impede que, coincidentemente, a escolha estética e intuitiva dos artistas, possa ainda assim, auxiliar no processamento leitor.

Figura 9 – Exemplo de balonamento e destaque gráfico de palavras



Fonte: BUSIEK; IMMONEN, 2004, p. 24.

Ainda sobre a Figura 9, podemos visualizar mais uma característica possível de ser analisada em paralelo com os princípios da compreensão leitora, defendidos por Dehaene (2012): a fixação dos olhos em “palavras-chave” do texto. Segundo o autor, o movimento de

fixação não foca todas as palavras de um texto, mas somente aquelas com maior carga de informação – como substantivos, verbos, adjetivos ou advérbios. Mesmo que as histórias em quadrinhos também não se utilizem de critérios formais, embasados no conceito de movimento de fixação dos olhos, para o tratamento de destaque de palavras, podemos ver, no exemplo anterior, que praticamente todos os balões têm algumas palavras, estrategicamente, destacadas através da aplicação do efeito de negrito. Cada obra em quadrinhos vai variar de como se utiliza do tratamento gráfico das palavras, mas assim como as constatações de Dehaene, descrevem atitudes práticas e intuitivas por parte dos leitores, não seria absurdo que este tratamento gráfico, por parte do letrista da HQ, mesmo que intuitivo, pudesse de alguma forma auxiliar no processo de compreensão leitora. Em se tratando de leitores não proficientes em L2, o destaque de palavras importantes, poderia inclusive auxiliar na decisão de quais palavras desconhecidas este leitor deveria procurar em um dicionário, por exemplo, caso este esteja se utilizando de uma estratégia de leitura através da qual ele busque procurar apenas o significado de palavras-chave.

Para concluir esta linha de raciocínio, antes de continuarmos com nossa discussão sobre as características do processamento leitor, sintetizamos o conceito de que HQs comumente se utilizam de menos palavras que textos exclusivamente verbais, já que parte significativa de sua narrativa se encontra em forma imagética. Nossa perspectiva de comparação entre HQs – textos formados pela linguagem multimodal da arte sequencial – e textos exclusivamente verbais, se dá baseada nas definições outrora citadas na seção 1.2: “Pode-se escrever histórias com capítulos, linhas, palavras: isso é literatura propriamente dita. Pode-se escrever histórias com sequências de cenas representadas graficamente: isso é literatura em imagens” (TÖPPFER, 1845 apud ANDRADE, 2011) e “[as HQs constituem-se pela] ligação entre imagem e texto de forma a constituírem um todo narrativo” (ANDRADE, 2011).

Tais definições nos dão embasamento para inferir que HQs serão textos, em sua maior parte, do tipo narrativo, que dividirão sua narrativa entre imagem e palavras – quando não formadas por textos exclusivamente imagéticos. Textos verbais são encarados, para os propósitos deste estudo, como qualquer texto formado exclusivamente por palavras. Enquanto as HQs baseiam-se em duas linguagens distintas, amalgamadas em uma nova linguagem para comunicar, textos verbais baseiam-se em apenas uma. Deste modo, tanto narrativas mais longas, como romances ou contos, quanto mais curtas, como anedotas – ou até mesmo, textos

não narrativos mais curtos ainda, como placas ou listas – impõem que o leitor compreenda o texto exclusivamente através da interação de seu conhecimento prévio com as palavras. *Graphic novels* (termo que pode ser traduzido literalmente como romance gráfico), revistas em quadrinhos no padrão americano, com histórias de 22 páginas, anedotas no formato de tiras de três quadros – e até mesmo placas ou listas que se utilizam de texto e imagem, que não seriam necessariamente arte sequencial, mas ainda, textos multimodais – apresentam dois subsistemas interligados, responsáveis pelo processamento de informações, o sistema verbal e o sistema imagético, como abordado através da teoria de dupla codificação de Paivio (1990).

Dito isto, os balões, por sua vez, apresentam, comumente, textos menores que parágrafos em textos verbais, e já tem sua separação física, balão a balão, o que inferimos conter potencial de ajudar o leitor não proficiente a sintetizar ideias, balão a balão. Além do potencial das palavras destacadas, que podem frisar algumas das palavras mais importantes do texto sendo lido. Algo que, normalmente, não ocorre em narrativas puramente verbais, como romances ou contos, por exemplo. Ambas hipóteses, descritas neste parágrafo, são pontos possíveis de serem verificados, se são, ou não, abordados nos artigos constituintes do corpus de nossa pesquisa.

Retornando aos estudos de Dehaene (2012), o pesquisador também aborda a leitura silenciosa, na qual não articulamos fisicamente os sons das palavras, que são lidas apenas mentalmente. Ele leva em consideração a noção de que as palavras passam por duas vias paralelas durante a leitura: a fonológica, que converte as cadeias de letras (grafemas) em classes de sons (fonemas); e a lexical, que acessa nosso “dicionário mental”, contendo os significados das palavras (memória semântica). Segundo Dehaene (2012), as duas vias funcionariam simultaneamente, em paralelo, uma sustentando a outra. No caso da leitura silenciosa, mesmo sem uma articulação sonora por meio de nosso aparelho fonológico, as informações a respeito da pronúncia das palavras seriam ativadas no âmbito cerebral, formando o que chamamos de imagem acústica, ou seja, quando o leitor “ouve” mentalmente sua própria voz. Ter uma leitura proficiente, para Dehaene, implicaria em uma coordenação entre as duas vias de leitura, sendo ambas importantes.

Quando lemos palavras raras, novas, com ortografia regular (vejam-se os neologismos inventados de todo o tipo), nossa leitura passa por uma via fonológica que decodifica os grafemas e deduz uma pronúncia possível e depois tenta acessar a significação. Inversamente, quando somos confrontados com palavras frequentes ou irregulares, nossa leitura assume uma via direta, que recupera desde o início a palavra e seu significado e depois utiliza estas informações para recuperar a

pronúncia (DEHAENE, 2012, p. 53).

Quanto ao conceito de léxico, Dehaene (2012) o divide em: ortográfico que armazena a imagem das palavras (grafemas); fonológico que registra a pronúncia; gramatical que engloba o conhecimento sobre as regras; e semântico, relacionado aos significados das palavras. Ele afirma que cada um desses léxicos, individuais a cada ser humano, compreendem de cinquenta a cem mil palavras.

Destacamos, neste ponto, um elemento que influencia fortemente na identificação das palavras: o contexto, seja ele o que chamaremos aqui de “contexto textual” – as próprias palavras e/ou frases contidas no texto – ou o que chamaremos de “contexto lógico” – o encadeamento das ideias. A capacidade da utilização do contexto é um elemento tão importante para o processamento leitor, que inclusive nos permite compreender textos com problemas de grafia – como erros de ortografia, segundo a normal padrão, ou mesmo erros de digitação e/ou impressão – como no exemplo de uma frase como “esta cao é mvito inteligentc” poder ser lida sem o comprometimento da compreensão do leitor. Dehaene (2012, p. 63), ao discorrer sobre tal característica, destaca o potencial de nossa capacidade de processamento leitor: “[...] as ambiguidades [...] não paralisam a leitura humana: as conспirações das letras, das palavras e do contexto da frase conferem a nosso aparelho de leitura uma extraordinária robustez” (DEHAENE, 2012, p. 63).

Em associação às elucubrações de Dehaene, inferimos que a prática da leitura de HQs em L2 poderia trazer benefícios no que diz respeito à aprendizagem de novo vocabulário, na L2 utilizada. Uma característica que esperamos notar, se foi constatada nos artigos a serem analisados nesta pesquisa, é a utilização do contexto visual, como uma possível vantagem adicional no processo leitor de HQs. Em narrações exclusivamente verbais, o leitor se utiliza do contexto presente na lógica das situações sendo narradas e no contexto do próprio encadeamento de palavras usado para narrá-las. Entretanto, um leitor, não proficiente em L2, pode apresentar dificuldades com as palavras e o encadeamento de sentenças desta nova língua, sendo aprendida. Neste caso, o contexto visual das HQs poderia trazer algum benefício na aprendizagem de novas palavras, por meio de inferências diretamente relacionadas às imagens constituintes das cenas – como aprender que a palavra *cup*, dita por um personagem, corresponde ao objeto, uma xícara, mostrado explicitamente em cena – ou em um acesso mental mais rápido ao vocabulário já adquirido previamente – como no caso de palavras já adquiridas oralmente pelo indivíduo não proficiente, mas nunca antes observadas

por este, em sua forma escrita.

De acordo com os conceitos descritos até este ponto, podemos inferir que a visão Psicolinguística considera a compreensão de textos escritos como uma ação interativa entre leitor e texto. Este conceito se ancora na forma em que é encarado o processamento de um texto por parte do leitor. Historicamente, tivemos as abordagens de processamento ascendente, descendente e, por fim, interativo (LEFFA, 1996).

A visão de processamento ascendente defende que o leitor processa a informação contida em uma passagem escrita, processando desde letras, sílabas, palavras, frases, sentenças, parágrafos até englobar o texto por completo. Entretanto, é importante notar que não há consenso quanto a se este tipo de processamento ocorreria necessariamente seguindo esta ordem. Não se tem a constatação de uma ordem exata de como isso acontece, e nem se todos estes elementos são considerados, em todo ato de leitura. Alguns pesquisadores pressupõem etapas ocorrendo de forma sequencial, enquanto outros, defendem a possibilidade de que os elementos sejam processados em diferentes ordens, simultaneamente ou, até mesmo, que alguns elementos sejam deixados de lado, por não serem necessários em um momento específico. De qualquer forma, a ideia é de que a compreensão leitora seria o resultado do processamento do leitor, com o significado estando exclusivamente no texto, devendo ser extraído de forma ascendente em direção à mente do leitor. Em resumo, a produção de sentido seria guiada exclusivamente pelos dados contidos no texto (BARETTA; FINGER-KRATOCHVIL, 2022).

O processamento descendente já enxerga a compreensão como começando no leitor, sendo uma abordagem guiada pelos conceitos existentes em sua própria mente. As informações contidas no texto apenas confirmariam as hipóteses que ele estaria gerando, através de seus esquemas mentais pré-existentes (BARTLETT, 1932), durante a leitura do texto. Como já citado de forma breve na seção 1.1 (Nota de Rodapé 2, página 10), esquemas são estruturas mentais que representam a forma como experiências e conhecimentos são organizados em nossa mente. Esses padrões mentais são adquiridos através de experiência e aprendizagem, e cada esquema é constituído por subcomponentes, também chamados de variáveis (BARTLETT, 1932; MEURER, 1985).

Rumelhart e Ortony (1977) ilustram a noção de esquema usando como exemplo algumas das representações mentais consideradas como comuns para a ação contida no verbo inglês *break* (“quebrar”, em português). Segundo eles, o esquema de “quebrar” normalmente

contém pelo menos os subcomponentes: quem quebra; o que é quebrado; a forma e instrumento usado para se quebrar e a própria noção do que significa o ato de quebrar. Cada um desses subcomponentes constitui, em si mesmos, outros esquemas. Na sentença: *The Karate champion broke the cinder block* (O mestre de caratê quebrou o bloco de concreto), os pesquisadores explicam que mesmo que não nos seja dito explicitamente como o campeão quebrou o bloco, inferimos que o instrumento deve ter sido sua própria mão. Assim, o subcomponente “instrumento” é preenchido automaticamente pelo valor “mão”. Esse processo mental acontece porque já temos conhecimento armazenado sobre o ato de quebrar e, provavelmente, o que são campeões de caratê e blocos de cimento. Quando ativamos estes esquemas, preenchemos os subcomponentes com valores específicos, mesmo que estes não tenham sido citados, como na sentença acima. Deste modo, os esquemas constituem não apenas os meios usados por leitores para entenderem informações explícitas, como também para inferir. Se um leitor não tiver os esquemas apropriados relacionados ao texto, a compreensão fica impossibilitada.

É importante frisar que todo texto é incompleto e seu leitor precisará se utilizar de inferências. Isto acontece porque a linguagem não é capaz de comunicar todos os detalhes das experiências humanas. Ela pode apenas despertar experiências e conhecimentos já adquiridos. O significado, assim, é construído pelo leitor através do estímulo do texto (HEBERLE; MEURER, 1993). Princípio este, que nos leva a sugerir mais um paralelo com as histórias em quadrinhos.

O conceito de “significado construído através do estímulo do texto” também é aplicável a textos formados por imagens sequenciais, como as HQs. Lembremos, por exemplo, do que foi ilustrado anteriormente na Figura 4 (seção 1.2). Pela impossibilidade de se criar um texto, que consiga reproduzir com total exatidão o fenômeno do movimento físico, o ilustrador escolhe “recortes” de um movimento maior, para capturá-los no papel, passando desta forma a contar com o processo cognitivo do leitor, em reconhecer como um movimento como aquele se comporta no mundo e inferir o que seria o conteúdo das lacunas, entre um quadro e outro. Deste modo, se tanto o texto verbal, como o composto por imagens sequenciais exigem a necessidade da utilização de inferência, uma vez mais defendemos a relevância do estudo sobre como a leitura de uma linguagem influencia na compreensão leitora da outra, a esta associada, assim como, se a narrativa imagética tem influência benéfica na construção de esquemas mentais sobre palavras em L2.

Em um nível geral, a inferência pode ser equiparada ao raciocínio, pois é um processo cognitivo que faz parte de nossas experiências cotidianas. Nos domínios da compreensão da linguagem, o termo se refere a qualquer informação que o leitor adiciona às informações que são apresentadas explicitamente no texto (BARETTA, 2008).

A capacidade de fazer inferências na compreensão leitora é, portanto, um processo cognitivo construtivo em que o leitor busca significado e amplia o conhecimento formulando e avaliando hipóteses sobre as informações do texto (BARETTA, 2008, p. 18, tradução nossa⁶).

A inferência é primordial no processo de compreensão leitora, porque possibilita ao leitor estabelecer uma representação do significado do texto em sua memória, com base nas relações de coerência textual e no próprio conhecimento geral do leitor (VAN DIJK; KINTSCH, 1983; BARETTA, 2008).

Assim, se os leitores não conseguirem executar processos que integrem diferentes partes de um texto e fazer inferências com base em seus conhecimentos gerais para elaborar a representação do texto, eles podem sentir que não entenderam o texto e apresentar dificuldades em lembrá-lo (BARETTA, 2008, p. 19, tradução nossa⁷).

Convencidos da importância do papel de ambos os tipos de processamento no processo de compreensão leitora, ou seja, os processamentos ascendente e descendente, o consenso científico é de que o leitor chega ao significado do texto através da utilização dos dois tipos, sendo chamada, esta concepção, que engloba os dois movimentos, de processamento interativo. Seguindo esta perspectiva, o processo de leitura começa com a decodificação e vai se expandindo – assim como no processamento ascendente – o que nos permite a obtenção dos dados contidos explicitamente no texto. Entretanto, como os textos são, por definição, sempre incompletos, o leitor também necessita contribuir com seu conhecimento, por meio da geração de inferências – permitida pelo processamento descendente – para sua completa compreensão.

Segundo Bernhardt e Kamil (1995), atingir um nível alto na proficiência em leitura de textos escritos, implica tanto no conhecimento da língua – ou seja, no conhecimento sobre

6 No original: *The ability to draw inferences in reading comprehension is, therefore, a constructive cognitive process in which the reader strives for meaning and expands knowledge by formulating and evaluating hypotheses about the information of the text.*

7 No original: *Hence, if readers fail to execute processes that integrate different portions of a text and to make inferences based on their general knowledge to elaborate on the text representation, they may feel that they have not understood the text and present difficulties in remembering it.*

fatos linguísticos, como a sintaxe e a semântica da língua (MILLS, 2022) – como da habilidade de leitura – habilidade chamada por Goodman (1967) de “jogo de adivinhação psicolinguística”, através do qual o leitor reconstrói o significado de mensagens codificadas de forma gráfica, por meio de um processo contínuo e cíclico, que envolve atividades como decodificação de signos, seleção, antecipação, inferência e confirmação, ou revisão, das previsões (GOODMAN, 1971; CARREL; EISTERHOLD, 1988). São inúmeros os fatores que interferem no domínio dessa habilidade, como por exemplo, a necessidade de instrução – isto é, o fato de que ninguém aprende a ler sem ser ensinado explicitamente, diferente do que acontece com a utilização oral das línguas – e a frequência de exposição a diferentes tipos de textos.

Ler textos é uma atividade cognitivamente muito complexa. Ela envolve a codificação visual, ortográfica, fonológica, semântica, sintática e pragmática (ZIGMOND et al., 1999). Esta complexidade também pode ser percebida no enfoque apresentado por Aebersold e Field (1997), os quais descrevem a leitura como um processo que envolve linguagem, memória, pensamento, inteligência, percepção, entre outros (STERNBERG, 2010). O conceito de leitura oriundo da Psicolinguística prevê que a natureza cognitiva da leitura se revela exatamente no decorrer do processo de compreensão interativo, pelo fato desta abordagem considerar que a compreensão do texto é realizada na mente do leitor, onde há uma interação entre três tipos de conhecimento – de mundo, linguístico e textual – adquiridos em suas experiências cotidianas (KLEIMAN, 1989). Dentro dessa visão – como vimos anteriormente – tanto leitor, texto e a interação entre ambos são considerados (JERÔNIMO, 2012). Assim, podemos entender a compreensão leitora como um ato psicossocial. O significado sendo o resultado da interação entre as informações representadas em um texto e as informações já disponíveis na mente do leitor.

Para entendermos a compreensão leitora, precisamos estar familiarizados com os princípios básicos relacionados a estas duas fontes de significado: o texto e o leitor. Mais especificamente, a natureza dos textos e o papel dos leitores na tentativa de criar sentido naquilo que leem (HEBERLE; MEURER, 1993), como por exemplo, no caso do nosso estudo, as histórias em quadrinhos – gênero textual descrito anteriormente na seção 1.2.

Podemos afirmar que a compreensão leitora, de forma geral, é um processo que acontece semelhantemente em todas as línguas, materna(s) ou adquiridas posteriormente, ao englobar os conhecimentos declarativo – aquele constituído por proposições referentes a

conceitos (GAGNÉ; YEKOVICH; YEKOVICH, 1993; ANDERSON, 1995), como por exemplo, ser capaz de definir o que é uma metáfora – e procedimental – aquele que se constitui das habilidades cognitivas necessárias para realização de determinada ação (GAGNÉ; YEKOVICH; YEKOVICH, 1993; ANDERSON, 1995), como por exemplo, ser capaz de elaborar uma metáfora. Ler, tanto em L1 quanto em L2, não é somente uma atividade linguística, mas também cognitiva. No entanto, cada língua, assim como cada momento e forma com que são adquiridas, apresentam suas particularidades (URQUHART; WEIR, 1998).

Consideramos a concepção de que a modalidade escrita de uma língua deve ser ensinada explicitamente, não sendo adquirida apenas através do seu uso. Entretanto, o modalizador “apenas” é um ponto chave em nosso argumento. Mesmo que a escrita e a leitura sejam habilidades a serem aprendidas e não adquiridas, é inegável a importância do seu exercício para que elas sejam desenvolvidas. Renandya, Jacobs e Yu (1998) defendem que o conceito de que as pessoas aprendem a ler, lendo, era compartilhado por um crescente número de linguistas, dentro da linguística aplicada, dentre eles Eskey e Krashen. Segundo as autoras, ao discorrer sobre a leitura, Krashen (1993) afirma que:

Ler é bom pra você. A pesquisa dá suporte a uma conclusão mais forte, entretanto. Ler é a única forma, a única forma de nos tornarmos bons leitores, desenvolvermos um bom estilo de escrita, um vocabulário adequado, gramática avançada, e a única forma de nos tornarmos bons soletradores (KRASHEN, 1993, p. 38, tradução nossa⁸).

Em um parágrafo anterior, Krashen defende que:

Há duas razões para suspeitar que essa conclusão mais forte esteja correta. Primeiro, a principal alternativa à leitura, a instrução direta, não ajuda muito. Em segundo lugar, a pesquisa e a teoria em outras áreas chegam à mesma conclusão. Pesquisadores no desenvolvimento inicial da leitura concluíram que “aprendemos a ler lendo”, que aprendemos a ler tentando dar sentido ao que vemos na página (Goodman 1982; ver também Flurkey e Xu 2003; Smith 1994b). Em meu trabalho em aquisição de linguagem, concluí que adquirimos linguagem de apenas uma maneira: entendendo mensagens ou obtendo “*input* compreensível” em uma situação de baixa ansiedade (por exemplo, Krashen 2003a). Isso é o que é a leitura voluntária livre: mensagens que entendemos apresentadas em um ambiente de baixa ansiedade (KRASHEN, 2004, p. 37-38, tradução nossa⁹).

- 8 No original: *Reading is good for you. The research supports a stronger conclusion, however. Reading is the only way, the only way we become good readers, develop a good writing style, an adequate vocabulary, advanced grammar, and the only way we become good spellers.*
- 9 No original: *There are two reasons for suspecting that this stronger conclusion is correct. First, the major alternative to reading, direct instruction, is not of much help. Second, research and theory in other areas come to the same conclusion. Researchers in early reading development have concluded that we “learn to*

Inferimos, através da declaração anterior, que, nesse momento, a linha de estudos de Krashen não dá à instrução explícita da língua, uma importância equivalente à sua prática, no que diz respeito à aquisição/aprendizagem da leitura. Entretanto, independentemente desta divergência, a respeito da concepção de aprendizagem de leitura que defendemos anteriormente, proponho o foco na concordância sobre o alto valor da prática da leitura para sua aprendizagem e aprimoramento. É seguindo este ponto de convergência que nos interessamos pela utilização das HQs como material possível de ser utilizado na prática da leitura extensiva em L2.

É importante deixar claro, neste momento, o conceito de leitura extensiva a que nos referimos neste estudo. Ela pode ser definida como a leitura individual de uma grande quantidade de textos de interesse pessoal, para fins de informação, compreensão geral do texto ou, simplesmente, o prazer da leitura. O leitor escolhe por si próprio o que lerá, e como o próprio nome sugere, a principal característica desta abordagem é a leitura em grande proporção. Ela segue o princípio de que quanto mais se lê, mais se desenvolve e automatiza a leitura, e tem, dentre suas características, a defesa de que o leitor use de autonomia na escolha de seu material de prática de leitura, o que o possibilita a escolher temas e gêneros de seu interesse, além de poder optar por textos que julgue estarem dentro de seu nível de compreensão. O objetivo primário da leitura extensiva é levar o leitor a efetivamente ter uma prática de leitura, e que esta lhe proporcione satisfação, não necessariamente como estudo, mas com o próprio ato de ler sendo recompensa em si mesmo (RENANDYA; JACOBS; YU, 1998).

Esta autonomia, que é esperada por ser desenvolvida pelos leitores frequentes, pode ter dentre suas características, além da automatização das etapas componentes do processo da leitura, o desenvolvimento de estratégias de leitura, em decorrência de que uma leitura livre e espontânea, pode muito provavelmente estar associada ao estabelecimento de um objetivo claro para esta leitura. Um objetivo, inclusive, possibilita a autoavaliação quanto a se este objetivo foi alcançado. No caso da leitura espontânea de narrativas ficcionais, o objetivo seria o de compreensão geral e/ou detalhada da história. O estabelecimento de objetivo, em específico, pode também auxiliar o leitor na superação de falta de vocabulário em uma L2, ao

read by reading”, that we learn to read by attempting to make sense of what we see on the page (Goodman 1982; see also Flurkey and Xu 2003; Smith 1994b). In my work in language acquisition, I have concluded that we acquire language in only one way: by understanding messages, or obtaining “comprehensible input” in a low-anxiety situation (e.g., Krashen 2003a). This is what free voluntary reading is: messages we understand presented in a low-anxiety environment.

estimular a inferência do significado de palavras desconhecidas por meio do contexto ou, até mesmo, o hábito de ignorá-las, concentrando o foco na compreensão global do texto, com a finalidade da não interrupção do fluir da leitura.

Dar proporcional importância ao uso de estratégias de leitura, da mesma forma que se considera o conhecimento da língua em si, é um ponto de destaque quanto a como um leitor não proficiente pode proceder para melhorar sua leitura em L2 (ULIJN; SALAGER-MEYER, 1998). Em leituras que visam prioritariamente o desenvolvimento da habilidade em L2, citamos Nuttall (1996), e Day e Bamford (1998), como exemplos da defesa da prática da leitura extensiva.

Neste ponto, finalizamos o capítulo I, onde delineamos a base teórica utilizada que compreendeu: a apresentação dos conceitos gerais sobre linguagem; as principais características do gênero HQs e o processo de sua leitura multimodal e o processo da leitura verbal. Após o elencar do suporte à nossa investigação de contribuições científicas a respeito da compreensão leitora de HQs em inglês como língua estrangeira, apresentaremos, no próximo capítulo, os procedimentos metodológicos que serão utilizados para a efetivação dos objetivos propostos em nosso estudo.

CAPÍTULO II – METODOLOGIA DA PESQUISA

Após a discussão sobre as características do gênero textual histórias em quadrinhos, os processos de leitura multimodal e verbal, necessários para uma leitura satisfatória em HQs em inglês, iniciamos o capítulo II com uma breve descrição do método no qual nos baseamos para a análise dos estudos por nós compilados, o método de Análise de Conteúdo, de Bardin (2011; 2016).

2.1 A ANÁLISE DE CONTEÚDO

Segundo Bardin (2011; 2016), a técnica de Análise de Conteúdo se trata de um método de investigação que visa aplicar um conjunto de instrumentos metodológicos a discursos diversos, com o objetivo de descrever informações coletadas de maneira prática e sistemática, tecendo relações com um aporte teórico em específico. A Análise de Conteúdo é organizada em três etapas: pré-análise, na qual organiza-se o material de estudo; exploração (e análise) do material; e o tratamento dos resultados, ou seja, a interpretação dos dados, tendo como base um aporte teórico.

A etapa de pré-análise consiste na sistematização das ideias. Nessa fase é realizado o primeiro contato com o material selecionado como corpus da pesquisa e sua subsequente organização, seguindo-se quatro princípios de validação: a) exaustividade – o esgotamento em totalidade do acervo escolhido; b) representatividade – se utilizada amostra, esta deve ser representativa quanto à totalidade do universo em análise; c) homogeneidade – a garantia de que as informações utilizadas como amostra obedecem aos mesmos critérios de seleção; d) pertinência – que o corpus utilizado seja adequado ao objetivo previsto da pesquisa (BARDIN, 2016).

A segunda etapa, de exploração do material, inicia-se com o processo de transformação de dados brutos em elementos que objetivam a busca do tema de investigação.

O material de documentos que constitui o corpus é submetido a um estudo aprofundado, orientado este, em princípio, pelas hipóteses e referenciais teóricos. Os procedimentos como a decodificação, a classificação e a categorização são básicos nesta instância dos estudos (BARDIN, 2011, p.125).

Nessa fase, o material organizado é submetido a um estudo sistemático, no qual é realizada a classificação e categorização das informações através de três unidades: registro; contexto e enumeração (VALA, 2003). Com relação à unidade de registro, é possível definir o tema a ser estudado e o corpus utilizado para tal estudo. Na unidade de contexto, pode ser considerado, além do conteúdo explícito do corpus, os autores e de que forma estes abordam a mensagem transmitida nos textos. Na unidade de enumeração, é definido como as informações são quantificadas. Esta categorização é fundamental para a análise de conteúdo, pois funciona como síntese do que é mais significativo na pesquisa (FRANCO, 2005).

Na fase de tratamento dos resultados, é feito um trabalho de compreensão dos dados, com a finalidade de ampliação do conhecimento sobre o assunto, assim como a verificação de tendências e limitações referentes aos estudos compilados. Aplica-se a reflexão crítica, utilizando-se da base teórica para confrontar os resultados da pesquisa, buscando uma reflexão sobre seu conteúdo manifesto e latente, através da inferência e interpretação (BARDIN, 2016).

Após a apresentação dos princípios do método da Análise de Conteúdos, passaremos para a etapa de descrição da aplicação da metodologia utilizada. Os artigos foram analisados com o objetivo de descrevermos suas principais características, ao mesmo tempo em que buscamos sua relação com o aporte teórico abordado no Capítulo I desta pesquisa. Entretanto, antes de descrevermos como o método foi especificamente aplicado em nosso estudo, discorreremos sobre as fontes de dados por nós utilizadas e nossas justificativas em escolhê-las.

2.2 FONTES DOS DADOS

Determinamos como objeto de estudo, os dados obtidos em uma seleção de artigos científicos com temática voltada à compreensão leitora de histórias em quadrinhos, por parte de leitores de inglês como língua estrangeira, publicados em periódicos científicos eletrônicos, nacionais e internacionais. Periódicos científicos são considerados os principais suportes documentais acadêmicos da atualidade. Justificamos o privilégio aos periódicos eletrônicos, e não físicos, pela agilidade e eficiência no acesso às informações. Artigos online são eficientes na rápida disseminação de pesquisas (MEADOWS, 1999).

O artigo científico pode ser definido como um gênero textual que objetiva o registro, discussão e divulgação de ideias, métodos, técnicas, processos e resultados de pesquisas

bibliográficas, documentais ou de campo, para público especializado (SEVERINO, 2007; MARTINS, 2011).

O artigo tem a estrutura comum ao trabalho científico em geral, mas quando relacionado aos resultados de uma pesquisa, deve destacar os objetivos, a fundamentação e a metodologia da mesma, seguindo-se a análise dos dados envolvidos e as conclusões a que se chegou, completando-se com o registro das referências bibliográficas e documentais (SEVERINO, 2013, p. 182).

Deste modo, justificamos nossa escolha de artigos científicos como fonte de nossos dados, devido aos objetivos de tal gênero textual, a formalização do registro e divulgação de resultados de pesquisas, e sua estrutura, que privilegia a condensação dos objetivos, fundamentação teórica, metodologia e conclusões destas.

Esta modalidade de trabalho se destina especificamente a ser publicada em revistas e periódicos científicos. Para ser publicado em um periódico científico, um estudo precisa seguir regras de padronização, que objetivam um melhor entendimento de suas informações. A formatação técnica do texto é comumente estabelecida por cada periódico, que apresentará suas normas específicas (SEVERINO, 2013). Como exemplo, podemos citar a normatização estabelecida pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que segue um padrão de publicações internacionais. Seus principais requisitos estruturais são: a) elementos pré-textuais – autores e, na língua de publicação do texto, título, resumo e palavras-chave); b) elementos textuais – introdução, desenvolvimento e conclusão; c) elementos pós-textuais – notas explicativas, referências, glossário, apêndices e anexos, além de uma versão do título, resumo e palavras-chave em língua estrangeira).

Periódicos científicos, por sua vez, são

[...] publicações editadas em fascículos, com encadeamento numérico e cronológico, aparecendo a intervalos regulares ou irregulares, por um tempo indeterminado, trazendo a colaboração de vários autores, sob a direção de uma ou mais pessoas, mas geralmente de uma entidade responsável, tratando de assuntos diversos, porém dentro dos limites de um esquema mais ou menos definido (SOUZA, 1992, p.19).

Em outras palavras, uma coletânea de artigos científicos de autores distintos, reunidos em intervalos de tempo, geralmente com conteúdo delimitado por área e assunto, não importando sua forma de edição e suporte físico (MEADOWS, 1999; FACHIN, 2002). O periódico científico pode ser considerado o canal de compartilhamento acadêmico, em larga escala, mais relevante da atualidade (SEVERINO, 2007). Justificamos sua utilização como

fonte para o desenvolvimento de outras pesquisas, citando algumas de suas funções, como a certificação de descobertas científicas, através da análise entre os pares, e a indicação de desempenho acadêmico de pesquisadores (CUNHA, 1997; MEADOWS, 1999; MUELLER, 1999; BARBALHO, 2005).

Considerando-se a expansão das tecnologias digitais, e especificamente da utilização da internet, a disponibilidade de informações no meio digital, aumentou exponencialmente as possibilidades de armazenamento e acesso à informação em geral, e em consequência, aos periódicos científicos. Para facilitar sua busca, foram implementadas as bases de dados bibliográficas, portais virtuais que agregam os conteúdos de diversos periódicos científicos, permitindo a busca por artigos científicos em diferentes revistas, a partir de portais virtuais únicos e, portanto, sem a necessidade de procura individual, no endereço eletrônico de cada periódico, fato que agiliza sobremaneira o processo de pesquisa bibliográfica (GRAZIOZI; LIEBANO; NAHAS, 2010).

A base de dados escolhida como fonte de dados para o corrente estudo foi o Portal de Periódicos CAPES, “biblioteca virtual, com o objetivo de disponibilizar produções científicas nacionais e internacionais como periódicos, dissertações, teses, livros e outros, proporcionando desse modo, um ambiente de pesquisa rico e vasto” (OLIVEIRA, 2019, p. 84). Segundo a descrição encontrada em seu *website* oficial,

O Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é um dos maiores acervos científicos virtuais do País, que reúne e disponibiliza conteúdos produzidos nacionalmente e outros assinados com editoras internacionais a instituições de ensino e pesquisa no Brasil. São mais de 49 mil periódicos com texto completo e 455 bases de dados de conteúdos diversos, como referências, patentes, estatísticas, material audiovisual, normas técnicas, teses, dissertações, livros e obras de referência (PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES, 2020).

A busca dos artigos foi realizada através da consulta de combinações (que serão descritas em detalhes no próximo capítulo) das seguintes palavras-chave: a) em língua portuguesa - “compreensão em leitura”, “compreensão leitora”, “leitura”, “inglês”, “LE”, “língua estrangeira”, “L2”, “língua adicional”, “história em quadrinhos”, “hq”, “*graphic novel*” (termo que embora seja em inglês, é utilizado comumente no Brasil, sem haver termo correspondente em língua portuguesa) e “mangá”; b) em língua inglesa - “*reading comprehension*”, “*reading*”, “*EFL*”, “*English*”, “*foreign language*”, “*ELF*”, “*língua franca*”, “L2”, “*ESL*”, “*second language*”, “*comics*”, “*graphic novel*”, “*comic strip*” e

“*manga*”.

Em resumo, na obtenção do corpus de análise que serviu como fonte de dados de nossa pesquisa, utilizamos o Portal de Periódicos CAPES para buscar textos do gênero artigo científico, publicados em periódicos nacionais e internacionais, devidamente avaliados e classificados, com temática voltada à compreensão leitora de histórias em quadrinhos, por parte de leitores de inglês como língua estrangeira. Para a análise dos artigos, aplicamos o método de Análise de Conteúdos (BARDIN, 2011; 2016), que, conforme apresentado no capítulo anterior, possui o objetivo de descrever informações coletadas, tecendo relações com um aporte teórico em específico, e pressupõe três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Descrevemos, a seguir, a aplicação do método da Análise de Conteúdos, em cada uma das fases desta pesquisa.

2.3 ETAPAS DA PESQUISA

2.3.1 Pré-análise

A pré-análise constitui-se na sistematização das ideias da pesquisa, ou seja, o primeiro contato com o material selecionado como corpus, efetuando sua delimitação e organização, seguindo-se quatro princípios de validação: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência (BARDIN, 2011; 2016).

Quanto à exaustividade e representatividade, como já citado anteriormente, determinamos como objeto de estudo, uma seleção de artigos científicos publicados em periódicos eletrônicos de origem nacional e internacional – a fim de não limitar a abordagem do tema a apenas um contexto cultural de produção científica – encontrados em base de dados reconhecida pela comunidade acadêmica internacional, por meio de busca por verificação, em todos os campos de pesquisa disponíveis na plataforma da referida base de dados, utilizando-nos dos termos previamente citados na subseção anterior. Visando selecionar apenas os artigos que tenham relação direta com o tema da pesquisa, os submetemos a um filtro qualitativo-restritivo, por meio da leitura dos resumos – e artigos na íntegra, quando necessário para melhor entendimento – a fim de selecionarmos apenas os artigos científicos que se enquadrassem dentro da temática de compreensão leitora de histórias em quadrinhos, por parte de leitores de inglês como L2.

É importante destacar que, para cumprirmos o princípio de homogeneidade, todos os

critérios de seleção a serem utilizados foram os mesmos para todas as amostras de nossa pesquisa. E por fim, defendemos a pertinência do estudo destacando que ele visa contribuir no esforço coletivo dos estudos linguísticos, focando no processo de compreensão leitora: a) de um gênero textual entre os “mais difundidos e populares meios de fabulação visual do planeta” (PATATI; BRAGA, 2006, p. 9), as HQs; b) em inglês – segundo lugar entre as línguas mais faladas do planeta, como L1, e primeiro lugar, quando se trata de L2 (BERNHARDT, 2000).

2.3.2 Exploração do material

Esta etapa inicia-se com a transformação dos dados brutos por meio da seleção de material durante a pré-análise, em elementos específicos a serem classificados, a fim de proporcionar uma visão clara e objetiva dos dados obtidos. O corpus, portanto, é submetido a um estudo sistemático, no qual é realizada a classificação e categorização das informações através de duas unidades – registro e contexto – apresentados por meio de quadros e tabelas, para apresentar os resultados da análise qualitativa (BARDIN, 2011; 2016).

A unidade de registro foi subdividida em duas categorias: a) Item – tipo de documento a ser analisado, ou seja, o artigo científico; b) Tema – a compreensão leitora de histórias em quadrinhos, por parte de leitores de inglês como língua estrangeira.

Quanto à unidade de contexto, consideramos: a) o conteúdo dos artigos, incluindo objetivos pretendidos e resultados obtidos; b) os autores e instituições de ensino das quais fazem parte, o ano em que foi realizada a pesquisa; c) a forma com que abordam a temática, ou seja, sua metodologia, o que inclui o tipo de pesquisa – bibliográfica, experimental etc – e quais pontos relacionados à compreensão leitora foram analisados; e d) estrato (e área científica que tal estrato está atrelado, como por exemplo, linguística, ensino de línguas, educação etc). Destacamos, em cada uma destas classificações, quais foram os itens com mais ocorrências sobre o tema, assim como o periódico que mais os publicou.

Quanto à classificação dos artigos científicos segundo seus estratos, cabe uma explicação sobre nossa abordagem. No Brasil, avaliar e classificar periódicos científicos é atribuição da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Ela o faz por meio do Qualis – conjunto de procedimentos para estratificação da qualidade da produção científica dos programas de pós-graduação (BARBALHO, 2005; SEVERINO,

2007) – através de sua interface *online* WebQualis, onde são classificados os periódicos científicos. Em resumo, o sistema WebQualis disponibiliza uma lista de periódicos científicos – impressos e eletrônicos, nacionais e internacionais – sua classificação e os critérios pelos quais eles foram, assim, classificados. Os estratos em que os periódicos são classificados são divididos em: a) circulação – nacional ou internacional; e b) qualidade – A1 (qualidade mais elevada, peso 100, excelência internacional), A2 (peso 85), B1 (70, excelência nacional), B2 (55), B3 (40, relevância média), B4 (25), B5 (10) até C (baixo impacto para uma área, peso 0) (CAPES, 2014). Esta classificação dos periódicos, realizada pela Diretoria de Avaliação da CAPES, é atualizada quadrienalmente e seus principais critérios de avaliação são: a) reconhecimento da publicação na área; b) adoção de normas editoriais nacionais e internacionais; c) periodicidade; d) regularidade; e) indexação; f) possuir conselho editorial e corpo de pareceristas, formados por pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes instituições (CAPES, 2014).

As classificações de estrato, dos artigos componentes do corpus desta pesquisa, restringiram-se a periódicos, cujo estrato se encontra em A1, A2, B1 e B2, com o intuito de possibilitar um recorte que parta da qualidade mais alta aferida pela CAPES, mas também buscando uma maior possibilidade de se encontrar uma quantidade mais abrangente de artigos a serem analisados. Será utilizada a categorização do quadriênio 2013-2016 (último período de avaliação realizado pela CAPES, até o momento da obtenção do corpus da presente pesquisa), para fazer o levantamento dos periódicos. Uma observação importante a respeito do funcionamento desta classificação é que um periódico pode ser avaliado em mais de uma área, sendo definida uma pontuação específica para cada (CAPES, 2014). Por esse motivo, contabilizaremos os periódicos com estrato diferente, em áreas diferentes, apenas em uma área, considerando a área de interesse principal na qual a publicação se auto categoriza.

2.3.3 Tratamento dos resultados

Esta é a etapa de interpretação dos dados, tendo como base o aporte teórico, com a finalidade de ampliação do conhecimento sobre o tema escolhido, verificação de tendências nas pesquisas sobre o referido tema e discussão das limitações apontadas pelas pesquisas (BARDIN, 2011; 2016). Para a síntese da análise qualitativa, foram utilizados quadros e tabelas, onde demonstramos os dados obtidos através da confrontação dos resultados dos

artigos. Fundamentados em nosso referencial teórico, discutimos, através de inferência e interpretação, os dados coletados, verificando tendências e limitações dos estudos, segundo os seguintes critérios: a) tipo de estudo – experimental, revisão de literatura, estudo de caso, entre outros; b) objetivo(s); c) perfil dos participantes (quando aplicável) – idade, sexo, nível de inglês, entre outros; d) metodologia; e e) principais conclusões.

Após a descrição e justificativa da metodologia utilizada em nosso estudo, seguimos para o capítulo III, no qual apresentamos e discutimos os dados, por nós obtidos.

CAPÍTULO III – ANÁLISE

Após o levantamento do aporte teórico, que embasa nossa pesquisa, e da descrição da metodologia utilizada para a análise dos artigos coletados, iniciamos, neste capítulo, a discussão dos resultados e contribuições de artigos científicos com temática voltada à compreensão leitora de histórias em quadrinhos, por parte de leitores de inglês como língua estrangeira, publicados em periódicos científicos eletrônicos, nacionais e internacionais, com estrato disponibilizado pela CAPES, visando analisar se as HQs apresentam características que de alguma forma possam contribuir com a aprendizagem e desenvolvimento da leitura em inglês (L2), proporcionando alívio na morosidade e dificuldade da leitura do leitor não proficiente e promovendo, assim, condições favoráveis para que sua prática se intensifique.

HQs parecem ser geralmente consideradas como um gênero motivador por causa de suas ilustrações. Como citado em nossa introdução, isso, em si, já seria uma característica útil a quem deseja intensificar sua prática de leitura, sendo a motivação um dos pilares do aprendizado. Entretanto, surge o questionamento: a estrutura das HQs contribui para o aprendizado da leitura em L2 de outras formas? Ou, de forma mais específica: a) as imagens influenciam beneficemente na leitura do texto escrito, no contexto da leitura de histórias em quadrinhos em inglês, por leitores de língua inglesa como língua estrangeira? Se sim, como? b) demais características intrínsecas a linguagem quadrinística influenciam beneficemente a este tipo de leitura? Se sim, como?

Para responder a tais questionamentos, nossa análise buscou investigar quais os enfoques dos estudos selecionados como corpus, suas perguntas de pesquisa e os resultados obtidos.

3.1 OBTENÇÃO DO CORPUS

Como descrito no capítulo anterior, a pré-análise é uma etapa de organização. Segundo Bardin (2016), a escolha dos documentos que serão submetidos à análise, a formulação de objetivos e a elaboração dos indicadores que orientarão sua interpretação são chamados de leitura flutuante. Desta forma, realizamos a classificação e categorização do corpus através de duas unidades – registro e contexto. Como descrito no capítulo 2, a unidade de registro foi

dividida em duas categorias:

Quadro 1 – Divisão da unidade de registro

UNIDADE DE REGISTRO	
ITEM	Artigo Científico
TEMA	Compreensão leitora de HQs, por parte de leitores de inglês como língua estrangeira

Fonte: Dados da Pesquisa

Decidimos que artigos científicos serão nossa fonte de dados, como já justificado anteriormente, assim como nossa temática, tampouco, já explanada e fundamentada. Para a realização do levantamento sistemático de estudos científicos com tal temática, definimos como base de dados para a obtenção do corpus de pesquisa, o Portal de Periódicos CAPES. Através dele, foram realizadas consultas a artigos científicos, publicados em periódicos eletrônicos nacionais e internacionais, cujo estratos se enquadrassem entre A1 e B2, segundo a classificação efetuada pela CAPES, referente ao quadriênio 2013-2016 (última classificação disponível no início da busca pelo corpus desta pesquisa).

A busca dos artigos foi realizada através da consulta de combinações das seguintes palavras-chave: a) em língua portuguesa - “compreensão em leitura”, “compreensão leitora”, “leitura”, “inglês”, “LE”, “língua estrangeira”, “L2”, “língua adicional”, “história em quadrinhos”, “hq”, “*graphic novel*” e “mangá”; b) em língua inglesa - “*reading comprehension*”, “*reading*”, “*EFL*”, “*English*”, “*foreign language*”, “*ELF*”, “*língua franca*”, “L2”, “*ESL*”, “*second language*”, “*comics*”, “*graphic novel*”, “*comic strip*” e “*manga*”. Os termos em língua portuguesa resultaram em 84 combinações, enquanto que os em língua inglesa, em 64 combinações. Tais combinações são discriminadas nos Apêndices A e B, ao final desta dissertação. Nas tabelas dispostas nos apêndices, também se encontram os resultados preliminares encontrados na busca feita por meio da plataforma Periódicos CAPES, discriminados combinação a combinação.

A pesquisa por meio dos termos em português resultou em apenas 1 possibilidade de acréscimo ao corpus, enquanto que a pesquisa por meio dos termos em inglês contribuiu com 352 possibilidades. Optamos pela extensa quantidade de combinações de termos, na intenção de que houvesse maior probabilidade de encontrarmos artigos que correspondessem aos critérios estabelecidos em nossa pesquisa, uma vez que a opção de trabalho com artigos publicados em periódicos estratificados pela CAPES parece ter reduzido a quantidade de artigos por nós considerados válidos. Como é possível constatar através da Tabela 2, a busca

exaustiva de combinações diferentes de termos aumentou as chances de encontrarmos itens para nosso corpus. Um exemplo é a diferença entre artigos encontrados, quando utilizamos combinações de termos que continham *English* e *second language*, que resultaram no dobro de resultados em relação aos encontrados através de combinações apenas com a sigla *ESL*.

Após o resultado preliminar de 353 possíveis componentes de nosso corpus de pesquisa, aplicamos como critérios de exclusão: a) resultados duplicados; b) trabalhos cuja temática não se enquadrassem em nossa proposta de analisar pesquisas sobre compreensão leitora em histórias em quadrinhos em L2; c) pesquisas que não estivessem apresentadas no formato de artigo científico; d) trabalhos que demandassem compra individual ou assinatura de periódico para serem acessados na íntegra e que a UNICENTRO não disponibilizasse aos alunos tais assinaturas; e) artigos que tenham sido publicados em periódicos cujos estratos não se encontrassem durante o quadriênio 2013-2016, entre as classificações A1 e B2. Após a aplicação de tais critérios, obtivemos o resultado de cinco artigos que se enquadram em nossa pesquisa, como demonstrado no quadro a seguir (organizado em ordem crescente de ano de publicação).

Quadro 2 – Corpus dos artigos selecionados

TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES/ ANO DE PUBLICAÇÃO	ESTRATO
1. <i>The value of targeted comic book readers</i> (O valor de HQs graduadas em níveis de leitura)	Hammond; Danaher (2012)	A1 (Linguística e Literatura)
2. <i>Replacing traditional texts with graphic novels at EFL classrooms</i> (Substituindo textos tradicionais por <i>graphic novels</i> em aulas de inglês como LE)	Basola; Sarigulb (2012)	B2 (Psicologia)
3. <i>Using comics with novice EFL readers to develop reading literacy</i> (Utilizando HQs com leitores iniciantes de inglês como LE para o desenvolvimento de literacia)	Cimermanová (2015)	B2 (Psicologia)
4. Calvin e as exatas: uma proposta interdisciplinar com o uso do gênero tira seriada de história em quadrinhos no ensino técnico (<i>Calvin and science: an interdisciplinary proposal using the text genre cartoon in technical schools</i>)	Drey (2017)	B2 (Educação)
5. <i>The Influence of Presentation Format of Story on Narrative Production in Chinese Children Learning English-as-a-Second-Language: A Comparison Between Graphic Novel, Illustration Book and Text</i> (A influência do formato de apresentação da história na produção narrativa de crianças chinesas que aprendem inglês como L2: uma comparação entre <i>graphic novel</i> , livro ilustrado e texto)	Chan; Wong; Wong; Leung (2018)	A2 (Educação Física)

Fonte: Dados da Pesquisa; tradução nossa, exceto artigo 4.

Como demonstrado no quadro 2, acima, os artigos foram publicados entre os anos de 2012 e 2018. A princípio, havia sido cogitado como mais um critério de exclusão, os artigos publicados fora do intervalo dos últimos dez anos, que seria de 2012 a 2021, levando-se em consideração o início da pesquisa do corpus. Entretanto, devido a baixa incidência de resultados válidos, optamos pela não exclusão de nenhum artigo, segundo o critério do ano de publicação. Mesmo assim, não foram encontrados artigos que cumprissem os demais critérios estabelecidos para esta pesquisa, que fossem datados anteriormente a 2012. Deste modo, podemos dizer que entre as pesquisas nacionais e internacionais que se propuseram a estudar histórias em quadrinhos e leitura em língua inglesa como L2, publicadas em periódicos com classificação pela CAPES no quadriênio 2013-2016, foram encontradas por meio da plataforma Periódicos CAPES, apenas artigos publicados a partir da segunda década dos anos 2000.

Quanto à área principal do periódico em que o artigo foi publicado, encontramos certa variedade, contando com periódicos especializados nas áreas de Linguística e Literatura (Pesquisa 1), Psicologia (Pesquisas 2 e 3), Educação (Pesquisa 4) e Educação Física (Pesquisa 5). A área de Educação Física pode gerar estranhamento, entretanto foi selecionada por ser a única estratificação do periódico constando na Plataforma Sucupira. Como a quantidade de artigos válidos encontrados foi baixa, optamos por não excluí-lo de nossa análise. Entretanto, como veremos durante as discussões dos artigos, mesmo não sendo o periódico com maior estrato, esta foi a pesquisa mais rica constante em nosso corpus.

Os estratos dos periódicos encontravam-se entre A1 (Pesquisa 1), A2 (Pesquisa 5) e B2 (constando três deles nesta classificação – Pesquisas 2, 3 e 4).

3.2 RETRATO GERAL DAS PESQUISAS

Originalmente, com relação ao processo de classificação dos artigos, pretendíamos nos utilizar de uma terceira categoria, a unidade de Enumeração, que seria voltada ao aspecto mais quantitativo da pesquisa. Através dela, visávamos descrever a quantidade de artigos encontrados - e que estivessem de acordo com os critérios de inclusão – e observaríamos as áreas com mais artigos publicados, bem como o ano, a nacionalidade da publicação e da pesquisa. Entretanto, como a quantidade de artigos que se enquadraram em nossos critérios foi baixa, optamos por descartar tais descrições, uma vez que não haveria relevância

estatística.

Quanto à próxima unidade de classificação, seguimos com a unidade de Contexto, a qual possui nome autoexplicativo: tem a função de descrever o contexto em que os artigos foram produzidos. Dividimos os resultados em dois quadros, para que seja possível uma visão panorâmica do material compilado. No Quadro 3, a seguir, temos o país em que foi realizada a pesquisa, além dos periódicos científicos em que foram publicados, juntamente com o país da publicação e novamente seu estrato no QUALIS. No próximo quadro, de número 4, apresentamos uma versão resumida – e focada nos aspectos relevantes para nosso estudo, ou seja, nas relações das HQs com a compreensão leitora em inglês como L2 – dos principais objetivos das pesquisas coletadas, da metodologia utilizada e dos resultados encontrados. Este resumo nos permite ter uma visão geral dos três principais pontos a serem analisados no decorrer deste capítulo, ao serem postos em paralelo com o embasamento teórico apresentado em nosso Capítulo 2.

Quadro 3 – Primeira divisão da unidade de contexto

ARTIGO	PAÍS EM QUE FOI REALIZADA A PESQUISA	PERIÓDICO / PAÍS DE PUBLICAÇÃO / QUALIS
1. <i>The value of targeted comic book readers</i> (HAMMOND; DANAHER, 2012)	Nova Zelândia	<i>ELT Journal</i> (Reino Unido) A1
2. <i>Replacing traditional texts with graphic novels at EFL classrooms</i> (BASOLA; SARIGULB, 2012)	Turquia	<i>Procedia - Social and Behavioral Sciences</i> (Países Baixos) B2
3. <i>Using comics with novice EFL readers to develop reading literacy</i> (CIMERMANOVÁ, 2015)	Eslováquia	<i>Procedia - Social and Behavioral Sciences</i> (Países Baixos) B2
4. <i>Calvin e as exatas: uma proposta interdisciplinar com o uso do gênero tira seriada de história em quadrinhos no ensino técnico</i> (DREY, 2017)	Brasil	Ensino Em Re-Vista (Brasil) B2
5. <i>The Influence of Presentation Format of Story on Narrative Production in Chinese Children Learning English-as-a-Second-Language: A Comparison Between Graphic Novel, Illustration Book and Text</i> (CHAN; WONG; WONG; LEUNG, 2018)	China	<i>Journal of Psycholinguistic Research</i> (Países Baixos) A2

Fonte: Dados da Pesquisa

Como é possível observar, encontramos pluralidade quanto aos países em que se desenvolveram as pesquisas, não se repetindo nenhum. Quanto ao país em que foram

publicados, três dos cinco artigos são de periódicos dos Países Baixos (Pesquisas 2, 3 e 5), enquanto os dois restantes foram publicados no Reino Unido e no Brasil. A respeito dos periódicos, novamente encontramos pluralidade, com apenas a revista classificada como B2 na área de psicologia, *Procedia - Social and Behavioral Sciences* (Procedia – Ciências Sociais e Comportamentais, tradução nossa), se repetindo uma vez (Pesquisas 2 e 3). O periódico com melhor qualificação no quadriênio 2013-2016 foi o *ELT - English Language Teaching Journal* (Diário do Ensino da Língua Inglesa, tradução nossa), com classificação A1 em Linguística e Literatura (Pesquisa 1). O segundo lugar quanto à classificação é o periódico *Journal of Psycholinguistic Research* (Diário da Pesquisa Psicolinguística, tradução nossa), cuja única classificação na CAPES é A2 em Educação Física (Pesquisa 5). O periódico restante é o brasileiro *Ensino Em Re-Vista*, classificação B2 na área de Educação (Pesquisa 4). A revista brasileira foi a única a publicar uma pesquisa feita no próprio país. Todas as demais publicaram artigos produzidos em países estrangeiros.

Quadro 4 – Segunda divisão da unidade de contexto

ARTIGO	OBJETIVO GERAL	METODOLOGIA	RESULTADOS
1. <i>The value of targeted comic book readers</i> (HAMMOND; DANAHER, 2012)	Avaliação da utilização de HQ, para facilitar a obtenção de vocabulário.	Exploração qualitativa das percepções de 23 a 33 alunos - refugiados e migrantes - sobre HQs.	Os principais aspectos úteis foram: a) a dificuldade correspondente ao nível do aluno; b) o vocabulário alvo repetido; c) as ilustrações auxiliaram a compreensão e prazer da leitura.
2. <i>Replacing traditional texts with graphic novels at EFL classrooms</i> (BASOLA; SARIGULB, 2012)	Demonstração dos efeitos de HQs na melhoria de habilidades de compreensão de leitura crítica.	Estudo experimental de comparação da leitura de textos verbais com HQs, através da observação da produção/reação de alunos de inglês como LE.	- Em termos de leitura como produto, tanto o grupo de leitura em prosa, como de leitura de HQ, mostraram progressos em compreensão. - O grupo de HQ teve resultados ligeiramente melhores no teste de leitura.
3. <i>Using comics with novice EFL readers to develop reading literacy</i> (CIMERMANOVÁ, 2015)	Observação dos efeitos da utilização de HQs em aprendizes de inglês.	Estudo de caso qualitativo ilustrativo a partir de observações, discussões e relatos de 4 alunos de inglês como LE, visando o exame das estratégias aplicadas na leitura de HQs.	- Desenvolvimento de vocabulário; - Motivação para a leitura; - Superação de barreiras linguísticas.
4. <i>Calvin e as exatas: uma proposta interdisciplinar com o uso do gênero tira seriada de história em quadrinhos no ensino técnico</i> (DREY, 2017)	Análise de trabalho interdisciplinar, através da didatização de HQs no ensino de inglês em conjunto com ciências exatas, a fim de observar se HQs proporcionam a sofisticação das habilidades de compreensão instrumental.	Aplicação de atividades interdisciplinares (em oficinas), utilizadas como elementos de mediação na construção interdisciplinar de conhecimentos.	Crescimento nas áreas de matemática, física e, em especial, nas habilidades de leitura em inglês.
5. <i>The Influence of Presentation Format of Story on Narrative Production in Chinese Children Learning English-as-a-Second-Language: A Comparison Between Graphic Novel,</i>	Investigar se a apresentação multimodal de histórias pode melhorar a aprendizagem de L2, assim como na L1.	51 aprendizes de inglês como L2, foram aleatoriamente designados para 1, dentre 3, condições de leitura e reconto, em inglês, de uma mesma história (prosa, prosa com ilustrações e HQ, no	Os 3 grupos obtiveram desempenho semelhante, indicando que a apresentação multimodal não facilita a produção narrativa em inglês como L2 em todas as circunstâncias.

<i>Illustration Book and Text</i> (CHAN; WONG; WONG; LEUNG, 2018)		formato de <i>graphic novel</i> .	
---	--	-----------------------------------	--

Fonte: Dados da Pesquisa

A síntese dos artigos selecionados, como pode ser visualizado no Quadro 4, acima, nos permite perceber que as pesquisas foram unanimemente focadas na área do ensino. Elas objetivaram demonstrar o efeito das HQs – criadas especificamente para aulas ou HQs comerciais – na melhoria de habilidades de compreensão leitora, como por exemplo, a inferência lexical baseada em contexto (Pesquisa 3).

Quanto às metodologias, os pesquisadores se utilizaram de análises dos relatos dos alunos (Pesquisas 1, 2 e 3) e do resultado de atividades pós-leitura (Pesquisas 2, 4 e 5). Duas das pesquisas se utilizaram da comparação formal em sua metodologia, entre as HQs com outros diferentes formatos de texto (Pesquisas 2 e 5).

Em uma primeira análise, foi possível constatar que a maioria das pesquisas aponta possíveis qualidades especiais do gênero HQ para o seu uso no desenvolvimento das habilidades de compreensão leitora em língua inglesa como L2, como por exemplo, a utilização do contexto e conhecimento prévio para o desenvolvimento de vocabulário, motivação para a leitura e superação de barreiras linguísticas (Pesquisa 3). Entretanto, destacamos a Pesquisa 5, que se utilizou da comparação formal de formatos de texto, assim como a Pesquisa 2, cujos pesquisadores defendem teoricamente a vantagem de textos multimodais na leitura em L2 e foram surpreendidos com um resultado semelhante na pós-leitura dos alunos, quando comparada a leitura entre narrativa exclusivamente verbal, narrativa com ilustrações e HQ.

Nosso próximo passo foi a leitura aprofundada de cada pesquisa compilada neste estudo, com o objetivo de uma visualização detalhada de como a compreensão leitora de HQs foi abordada em cada pesquisa. Isto é, se foram analisadas separadamente as múltiplas características específicas da linguagem multimodal das HQs, com o propósito do estudo de suas possíveis consequências no processo de compreensão leitora de leitores não proficientes – e se sim, quais dados foram levantados a respeito de como a narrativa imagética afeta a leitura das palavras – ou, se as pesquisas abordaram um aspecto mais subjetivo, relacionado à motivação e à influência geral que tal motivação tenha resultado.

Para demonstrarmos o resultado dessa análise, trabalhamos com quadros com a função de colocar em paralelo os objetivos dos estudos com os contextos que motivaram cada pesquisa, as metodologias utilizadas para se alcançar tais objetivos e os resultados obtidos.

Com isso, objetivamos compreender se as pesquisas aqui analisadas alcançaram os objetivos planejados e como o fizeram.

3.3 OBJETIVOS DAS PESQUISAS COLOCADOS EM CONTEXTO

Iniciamos nossa discussão com a apresentação do Quadro 5, onde realizamos um paralelo entre os objetivos declarados pelos pesquisadores e o contexto argumentativo que inspirou os trabalhos.

Quadro 5 – Objetivos em contexto

ARTIGO	CONTEXTO MOTIVADOR DA PESQUISA	OBJETIVOS
<p>1. <i>The value of targeted comic book readers</i> (HAMMOND; DANAHER, 2012)</p>	<p>- Vocabulário frágil devido à falta de leitura extraclasse; - Escassez de avaliações de atividades de ensino de línguas, com base na visão dos alunos e não dos professores.</p>	<p>Avaliação, pela ótica dos participantes, de HQs, com o objetivo de facilitar a obtenção de vocabulário, fomentando a leitura extensiva, através de material atrativo, em formato mais curto, focado na necessidade e nível.</p>
<p>2. <i>Replacing traditional texts with graphic novels at EFL classrooms</i> (BASOLA; SARIGULB, 2012)</p>	<p>Fomento da leitura crítica, através da visão do ato da leitura como processo e não apenas produto.</p>	<p>Demonstrar os efeitos de HQs no aperfeiçoamento de habilidades de leitura crítica, ou seja, de processos de alto nível de leitura.</p>
<p>3. <i>Using comics with novice EFL readers to develop reading literacy</i> (CIMERMANOVÁ, 2015)</p>	<p>Questionamento a respeito de se o contexto de uma narrativa pode ser mais facilmente percebido com o suporte de imagens.</p>	<p>Observar os efeitos da utilização de HQs, através da investigação de quais estratégias de leitura são utilizadas por aprendizes de inglês na leitura do gênero.</p>
<p>4. <i>Calvin e as exatas: uma proposta interdisciplinar com o uso do gênero tira seriada de história em quadrinhos no ensino técnico</i> (DREY, 2017)</p>	<p>Dificuldade na integração interdisciplinar quando uma das disciplinas é o ensino de línguas.</p>	<p>- Analisar o trabalho interdisciplinar, através da didatização de HQs no ensino de inglês, em conjunto com as disciplinas de matemática e física, a fim de observar se HQs proporcionam a sofisticação das habilidades de compreensão instrumental. - Observar se as atividades interdisciplinares foram propulsoras da construção de conhecimentos nas diferentes disciplinas.</p>
<p>5. <i>The Influence of Presentation Format of Story on Narrative Production in Chinese Children Learning English-as-a-Second-Language: A Comparison Between Graphic Novel, Illustration Book and Text</i> (CHAN; WONG;</p>	<p>Constatação de pesquisas prévias que defendem que a apresentação multimodal de histórias, em contraste com o texto verbal, pode melhorar o desempenho em seu reconto em L1.</p>	<p>- Investigar se a apresentação multimodal de histórias pode melhorar a aprendizagem de L2, assim como acontece com a L1, ao ser constatado aumento, em termos de macroestrutura e microestrutura, da produção narrativa, durante a recontagem da história. - Investigar, por meio de comparação, se os benefícios do formato de <i>graphic novel</i> superam os do livro ilustrado.</p>

WONG; LEUNG, 2018)		
-----------------------	--	--

Fonte: Dados da Pesquisa

Como é possível visualizar, podemos afirmar que todas as pesquisas tiveram como objetivo geral a análise dos efeitos na compreensão leitora de textos multimodais, mais especificamente, do gênero HQ. Apesar de buscarem a resolução de problemáticas específicas diferentes, quando colocadas em paralelo, conforme o que já era esperado, todas as pesquisas tiveram como objetivo geral, mesmo que não declarado explicitamente, investigar se as HQs trazem benefícios específicos à leitura em L2 e, em consequência, se estes benefícios vão além da motivação por meio de seus aspectos lúdicos.

Há pesquisas focadas na análise de pontos específicos do processo leitor, como o desenvolvimento de vocabulário (Pesquisa 1) e da leitura crítica (Pesquisa 2), a facilitação da percepção contextual (Pesquisa 3) ou a sofisticação da compreensão (Pesquisa 4). Destacamos aqui a Pesquisa 5, a qual explicita sua intenção de compreender se o formato multimodal das HQs tem características que auxiliem a leitura, excedendo o fator motivacional, o que é exatamente um dos questionamentos de nosso estudo. Esta pesquisa, inclusive, é uma das únicas em nosso corpus que se utiliza do comparativo entre gêneros. Ela traz o comparativo entre três formatos de apresentação de narrativa, confrontando os resultados da leitura de narrativa em prosa, com a leitura de dois formatos de narrativa multimodal, o que os pesquisadores chamam de formato de livro ilustrado e formato de HQ. A Pesquisa 2 também se utiliza de comparação entre gêneros, entretanto o faz apenas entre os gêneros HQ e romance (em prosa).

O conceito de HQ, e seus possíveis benefícios em compreensão leitora, foi o único componente, dentre o arcabouço teórico das pesquisas, que se repetiu em todos os artigos, exceto na Pesquisa 1. Tal fato se destacou ainda mais por ter ocorrido em um estudo que nos trouxe questionamentos quanto a sua inclusão no corpus de nossa pesquisa. A Pesquisa 1 trabalha com o termo história (ou revista) em quadrinhos – no caso específico do artigo redigido em língua inglesa, a expressão *comic book*. Entretanto, no contexto da referida pesquisa, o uso deste termo pode ser questionado, pelo fato de que o gênero que os pesquisadores parecem trabalhar, segundo os poucos exemplos disponibilizados como apêndice do artigo, mais lembram a estrutura de livros ilustrados do que histórias em quadrinhos.

Se voltarmos as definições de HQ, descritas no capítulo I, para que um texto se

caracterize como história em quadrinhos, é necessário, basicamente, que seja formado por sequências de cenas representadas graficamente: “[...] imagens pictóricas e/ou justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador” (MCCLLOUD, 1995, p. 9). Seus conceitos, em si, não excluem o formato de livro ilustrado do gênero história em quadrinhos. Inclusive, as HQs são consideradas por alguns teóricos como um hipergênero, que engloba diversos gêneros, como é citado na Pesquisa 4.

Como discutido anteriormente, existem inúmeros formatos de histórias em quadrinhos no decorrer da história e ao redor do mundo. Dentre alguns exemplos pontuais, citamos as: tiras, HQs geralmente formadas por três a quatro quadros, publicadas em jornais; as revistas em quadrinhos, publicações comumente vendidas em bancas de jornais, com uma ou mais histórias, compostas por mais de uma página; e as *graphic novels*, consideradas por alguns teóricos como histórias em quadrinhos em formato de livros, geralmente vendidas em livrarias, possivelmente contendo mais páginas que as revistas em quadrinhos e/ou histórias consideradas mais ricas, em termos literários. Contudo, como é possível notar pelas modulações que utilizamos ao descrever tais definições – *geralmente, comumente, possivelmente* – elas não são unânimes e não representam a totalidade dos formatos de HQs que podem ser encontradas no mercado mundial. Já existiram em jornais, tiras com mais de quatro quadros e que ocupavam uma página inteira. No Japão, as revistas em quadrinhos regulares se assemelham às antigas listas telefônicas, com centenas de páginas e diversas histórias seriadas. E atualmente, a indústria americana costuma chamar de *graphic novel* a compilação de diversas histórias seriadas, publicadas originalmente em revistas em quadrinhos de publicação regular.

E toda esta variedade, descrita brevemente aqui, levou em consideração quase que exclusivamente a quantidade de quadros/páginas. Há também uma variedade de formatos de narrativas, todas se utilizando da mescla de palavras, desenhos, fotos e, até mesmo, gráficos e organogramas. De todo modo, os conceitos de HQ nos sugerem um foco mais intenso na simbiose entre palavras e imagens, o que cria uma espécie de terceira linguagem, que reside em um espaço único, entre o verbal e o imagético.

Na sessão dedicada aos aspectos metodológicos de cada pesquisa, nos aprofundaremos a respeito da concepção desta linguagem, ao descrevermos como a Pesquisa 5 diferencia o gênero HQ do gênero livro ilustrado, e porque isso é importante, visto que, em teoria, o processo de leitura entre esses gêneros diverge em pontos significativos, e portanto, pode

trazer resultados diferenciados. Um exemplo dessa possível distinção entre HQ e livro ilustrado, é que o texto verbal em HQs, encontra-se junto às imagens, como balões de fala/pensamento e textos narrativos/descritivos, em primeira ou terceira pessoa, em caixas de texto ou “soltos” em meio às imagens. Livros ilustrados comumente têm os textos narrativos/descritivos e possíveis diálogos em blocos acima ou abaixo das imagens, de uma forma que constituam quase como que dois textos em paralelo.

Deste modo, temos argumentos a favor e contra a inclusão da Pesquisa 1 – que trabalha apenas com um gênero mais semelhante ao formato de livro ilustrado – no corpus deste estudo. Os fatores decisivos quanto à decisão favorável foram, portanto, as definições de HQ não serem unânimes e a existência de experimentações artísticas que poderiam ser classificadas como HQs por alguns teóricos e não por outros. Isto tudo, dentro do contexto da quantidade de pesquisas encontradas que preenchessem o critério de terem sido publicadas em um periódico com classificação pela CAPES. Assim, após pontuada esta excepcionalidade quanto à inclusão da Pesquisa 1, pela sua não utilização de referencial teórico a respeito da definição de HQ e sua escolha por um formato que se encontra no limiar entre dois gêneros distintos, voltamos à descrição dos demais temas abordados pelas pesquisas.

A ocorrência, quase unânime, da discussão do conceito de HQ era esperada, devido ao tema geral que une tais pesquisas e as palavras-chave utilizadas para nossa compilação de artigos. Entretanto, não encontramos a mesma recorrência de discussão dos conceitos gerais dos quais as demais palavras-chave de pesquisa foram derivadas, quais sejam, os conceitos de leitura e L2, mesmo com tais pesquisas se propondo a explorar esses conceitos. Ou seja, as pesquisas estudam os efeitos das HQs sobre a leitura de seus participantes, especificamente no contexto de estudantes de inglês como L2, mas elas não se ocupam necessariamente na alocação de esforços em discutir tais conceitos teoricamente, optando por conceituações breves de tais termos. Nossa inferência quanto a isso é o fato de que tais conceitos são basilares na área da linguística e suas definições são, desta forma, requisitos subentendidos aos pesquisadores da área. Isso nos denota que o gênero HQ é o item que foi considerado como um fator extraordinário na equação da leitura em L2 e, por esta falta de familiaridade, necessitou uma apresentação mais elaborada.

Coincidindo com nossa defesa nos possíveis benefícios da utilização de HQs como material de leitura de inglês como L2, podemos identificar: a Pesquisa 1, defendendo o valor de sua utilização como prática de leitura extensiva; a Pesquisa 5, discorrendo sobre o possível

valor das características inerentes ao tipo textual narrativo; e a Pesquisa 3, que declara enfaticamente o interesse no estudo da utilização das HQs como gênero motivador da leitura; mas, assim como as demais, se dispõe a analisar se pontos específicos da compreensão leitora teriam este efeito de motivação, e não apenas seus aspectos lúdicos.

Como observado anteriormente, no Quadro 3, cada pesquisa foi realizada em um país diferente. Apenas isso já seria o suficiente para compor contextos diversos. Entretanto, a variedade de contextos excedeu o local e cultura onde as pesquisas se deram. Por exemplo, como podemos observar na descrição da metodologia, 3ª coluna do Quadro 4, tivemos como participantes das pesquisas desde crianças de 7 anos, estudantes de inglês como língua estrangeira em suas formações iniciais até idosos de 72 anos, refugiados em um país de língua inglesa. Entretanto, o ponto em comum em todas as pesquisas, como já mencionamos anteriormente, foi o viés focado no ensino de línguas. Em nenhuma das pesquisas analisadas foi encontrado o foco em linguística propriamente dita, com a intenção primária do estudo do funcionamento das línguas, por si mesmas. Pelo contrário, todas tinham por objetivo o estudo da compreensão leitora como um meio para o ensino-aprendizagem da língua inglesa, e, portanto, tiveram como participantes, apenas alunos de algum formato de curso de inglês.

Em meio a tal riqueza de contextos, foi possível identificar um propósito diferente para cada pesquisa, conforme descrevemos a seguir: Pesquisa 1 - Viabilizar a obtenção de vocabulário, para estudantes considerados altamente motivados, mas com tempo reduzido de contato com a língua, em ambiente extraclasse; Pesquisa 2 - Fomentar uma visão do ato de leitura, também como processo, e não somente como produto, com a finalidade de formar leitores menos dependentes e falhos em sua compreensão textual, para assim contribuir com o desenvolvimento da leitura crítica; Pesquisa 3 - Contribuir com a motivação de aprendizes de inglês como L2, por meio da utilização de materiais de leitura direcionados aos seus níveis linguísticos, de modo que não apresentem dificuldade excessiva a leitores iniciantes; Pesquisa 4 - Valorizar a integração interdisciplinar como método de ensino, por meio da conscientização da importância da leitura para o processo de ensino-aprendizagem; e Pesquisa 5 - Compreender os prós e contras das leituras verbal e multimodal(is) no contexto de ensino-aprendizagem de L2.

Como é possível perceber a partir da síntese dos propósitos individuais das pesquisas, todas apresentam o ponto comum de desenvolvimento da área de ensino-aprendizagem de língua inglesa como L2, através da identificação de métodos e materiais que possuam efeito

facilitador no processo de aprendizagem de línguas.

Após a compreensão dos contextos que instigaram os objetivos dos pesquisadores, na próxima seção, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos adotados para a condução das pesquisas.

3.4 METODOLOGIAS APLICADAS

Por meio da organização do quadro a seguir, buscamos uma visualização dos principais aspectos componentes da metodologia aplicada em cada pesquisa por nós compilada. Por motivo de limitação de espaço, não apresentamos os títulos das pesquisas, como nos quadros anteriores, entretanto, cada uma se encontra na mesma ordem dos demais quadros e devidamente numeradas.

Quadro 6 – Metodologias detalhadas

ARTIGO	TIPO DE PESQUISA	PERFIL DOS PARTICIPANTES	TEXTOS UTILIZADOS	DURAÇÃO DA COLETA DE DADOS	PROCEDIMENTO DE COLETA
1. Hammond; Danaher (2012)	Estudo qualitativo das percepções dos participantes quanto ao valor do gênero HQ, em leituras extraclasse, não obrigatórias.	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos de cursos de inglês, refugiados e migrantes da Ásia, África, Oriente Médio, América do Sul, Índia, Bangladesh, Europa Oriental e Pacífico, residindo na Nova Zelândia. - Pesquisa dividida em 2 semestres letivos. -- 1º Semestre: 33 participantes (sem dados adicionais); -- 2º Semestre: Nível intermediário superior: 1 homem e 9 mulheres (21-41 anos); Nível elementar: 4 homens e 9 mulheres (30-72 anos). 	<ul style="list-style-type: none"> - HQs desenvolvidas para a pesquisa (formato aproximado: livro ilustrado; 20-28 páginas), graduadas por nível (intermediário superior e elementar). - Informações Adicionais: <ul style="list-style-type: none"> -- Temas e vocabulário refletindo/apoiando os cursos; -- Ilustrações visando sustentar o significado das palavras; -- Características visavam fornecer entrada focada no significado e maximizar a automaticidade no desenvolvimento do vocabulário visual. 	<ul style="list-style-type: none"> - Disponibilização de material de leitura extraclasse, em cursos de inglês (de 16 semanas), ao longo de 2 semestres. - carga horária semanal dos cursos: <ul style="list-style-type: none"> -- aulas: 16-17 hrs; -- extraclasse: 18 hrs. 	<ul style="list-style-type: none"> - 1º semestre: <ul style="list-style-type: none"> -- 33 alunos intermediário superior foram divididos entre 3 grupos focais (Observação: dificuldades de comunicação impediram a formação de grupos de nível elementar); -- as HQs foram distribuídas, ao final de cada unidade de estudo (em que o curso era dividido); -- ao final do semestre, um questionário foi aplicado. - 2º semestre: <ul style="list-style-type: none"> -- os alunos foram divididos entre os níveis intermediário superior e elementar; -- as HQs foram distribuídas no início de cada unidade de estudo (devido a indicação de preferência dos participantes). -- ao final do semestre, foram efetuadas entrevistas semi-estruturadas, em

					pequenos grupos ou individuais (devido ao questionário do 1o Semestre ter fornecido pouca informação útil), contando com: 5 entrevistas, envolvendo 10 alunos de nível intermediário superior; e 8 entrevistas, envolvendo 13 alunos (com a utilização de um intérprete chinês, uma vez que a maioria dos participantes eram chineses) de nível elementar.
2. Basola; Sarigulb (2012)	Estudo quantitativo e qualitativo, de comparação de leitura por meio da observação da produção/ reação dos participantes, assim como da aplicação de avaliação.	- Turmas de alunos de inglês como LE, de universidade turca. -- mín. 28 alunos/turma. - Número de participantes, idades e níveis: não consta.	- Um romance (autêntico): <i>City of Glass</i> , de aproximadamente 203 páginas. - Uma <i>graphic novel</i> (autêntica, adaptada do romance utilizado com um dos grupos): <i>City of Glass: The Graphic Novel</i> , de aproximadamente 144 páginas. - Não há especificação do nível linguístico dos textos utilizados.	Duração e carga horária: não consta.	- Alunos divididos em 2 grupos (romance e HQ) e instruídos a aplicar as mesmas estratégias/ atividades em leituras em classe e extraclasse. -- foi aplicado o modelo de liberação gradual de responsabilidade, em aulas que abordaram: o conceito de <i>graphic novels</i> ; o conceito de esquemas; e a igual importância de cada etapa da leitura (pré-leitura, leitura propriamente dita e pós-leitura), com o objetivo de abordar a leitura como processo. - A obtenção dos dados foi realizada considerando a leitura como: a) produto – a partir de exemplos de produção recuperados de portfólios dos alunos; b) processo – a partir das reações dos alunos transcritas a partir de vídeos das aulas, de seus comentários sobre trabalhos de casa e de questionários aplicados. -- os processos analisados foram: inferência; utilização de conhecimento prévio; resumo; construção de conexões no (e entre) texto(s); entendimento de relações lógico-causais.

3. Cimermanová (2015)	<p>Estudo qualitativo ilustrativo, a respeito dos possíveis efeitos do uso de HQs com alunos de EFL, por meio do exame das estratégias aplicadas pelos leitores.</p>	<p>- 4 alunos de inglês como língua estrangeira: -- iniciante: 1 menina (10 anos); -- B1-B2: 1 menino (10 anos); -- A2: 1 menina (16 anos); -- B2: 1 mulher (20 anos). Obs: Leitora mais experiente, incluída com o objetivo de comparação entre leitores novatos e experientes.</p>	<p>- HQs (autênticas): -- <i>Meet the Somalis</i> (14 HQs, em um livro de 69 páginas); -- <i>Balsa Boy</i> (tira – n° de quadros ou páginas: não consta); -- <i>Diary of Wimpy Kid: Do-It-Yourself Book</i> (livro de 192 páginas, contendo HQs e atividades lúdicas); -- <i>The Lost Thing</i> (livro ilustrado de 32 páginas); -- <i>Nový svět</i> (<i>graphic novel</i> tcheca, sem palavras, de 128 páginas, utilizada com apenas 1 dos 4 participantes). - Textos avaliados quanto ao nível, para garantia de cobertura textual adequada e para decisão de como trabalhar com o texto, por exemplo, necessidade de pré-ensino de vocabulário.</p>	<p>- 2 meses com cada participante (8-12 aulas, ministradas 1-2/semana). - Carga horária das aulas: não consta.</p>	<p>- Aulas individuais foram ministradas a cada participante, cujo conteúdo foi: o ensino sobre leitura em L1; e o uso de HQs como material de leitura. - Os pesquisadores fizeram a avaliação dos alunos a partir de observações, discussões e relatos dos participantes, visando o exame das estratégias aplicadas em leitura, com foco na inferência lexical, baseada em contexto. -- Tradução foi utilizada para verificar o pleno entendimento dos alunos.</p>
4. Drey (2017)	<p>Pesquisa-ação qualitativa, com indicadores de quantificação, focada na observação da efetividade de trabalho interdisciplinar, baseado na didatização de HQs, visando a ampliação das habilidades de leitura em inglês, ao mesmo tempo em que aprimora conhecimentos em ciências exatas.</p>	<p>- 1 grupo de voluntários (dentro dos alunos de 1º ano do Ensino Médio Técnico Integrado, do IFRS). - Número de participantes, idades e níveis: não consta.</p>	<p>- Tiras (autênticas). Número de textos utilizados: não consta. - Não há especificação do nível linguístico, contudo, as tiras foram selecionadas por conterem conteúdo relacionado às disciplinas de ciências (especialmente Física e Matemática) do 1º ano do Ensino Médio.</p>	<p>- 5 oficinas quinzenais. - Carga horária das oficinas: não consta.</p>	<p>- Oficinas aplicadas obedecendo a estratégia de andamento e utilizadas como mediação na construção interdisciplinar de conhecimentos por meio da aplicação de atividades interdisciplinares, baseadas no desenvolvimento de estratégias de compreensão vocabular, de leitura e de uso de tópicos estruturais da L2, em atividades de matemática e física, que exigissem maior proficiência na L2. O conteúdo também incluiu aspectos do gênero tira e conteúdos de matemática e física. - Método de obtenção de dados: -- comparação qualitativa entre as avaliações inicial e final da oficina</p>

					(constituídas por questões optativas e dissertativas em L2, que exigiam conhecimento instrumental e vocabular, além de conhecimentos específicos de Física e Matemática, referentes ao 1º ano do Ensino Médio Integrado); -- comparação quantitativa, da média aritmética, das notas de Física, Matemática e Inglês, (1º e 2º trimestres).
5. Chan; Wong; Leung (2018)	Estudo quantitativo e qualitativo da contribuição da efeito multimodal na leitura em inglês como L2.	- 51 alunos (32 meninos e 19 meninas) chineses de 2º ano (7-8 anos), aprendizes de inglês como L2 (com experiência de 3 anos de ensino de inglês). -- Os participantes foram selecionados de forma que estivessem entre as crianças cujas pontuações fossem iguais ou superiores a 80% no teste de leitura e fala no Programa de Alfabetização Primária – Leitura e Escrita, estágio 1 (programa adotado pelo currículo de ensino fundamental de Hong Kong). -- Para descartar o efeito de confusão da proficiência em inglês, foram comparadas as pontuações do vocabulário receptivo nos 3 grupos, sendo seu vocabulário receptivo considerado comparável.	- Textos desenvolvidos para a pesquisa, adequados aos níveis dos alunos (a história não se sobrepõe aos tópicos do programa de ensino-aprendizagem de L2 da escola; Temas: comida, cultura, empregos e família; alguns itens de vocabulário já haviam sido apresentados nas aulas). -- Gêneros: a) narrativa em prosa (2 páginas, 145 palavras); b) livro ilustrado (mesmo conteúdo verbal em prosa, acrescido de imagens, em 9 páginas, 145 palavras); c) <i>graphic novel</i> (adaptando a narrativa, em 7 páginas, 165 palavras). Devido à diferença de natureza entre os formatos de prosa/prosa com ilustrações e <i>graphic novel</i> , houve modificações e alternâncias semânticas no formato <i>graphic novel</i> . Por	- Tempo permitido para a leitura: 15 minutos. - Reconto sem restrição de tempo. - Total da atividade: cerca de 30 minutos, por sessão individual.	- Os participantes, individualmente, foram aleatoriamente designados para 1, dentre 3, condições extraclasse de leitura e reconto, em inglês, da mesma história. - Para testar o efeito multimodal, a avaliação de linguagem produtiva foi adotada, com o objetivo de medir a retenção de conteúdo, através de um vislumbre profundo da representação mental de toda a história. -- Os recontos foram gravados para posterior transcrição; -- pontuações foram processadas para examinar a influência do formato de apresentação, tanto em geral, quanto em relação a áreas específicas do discurso. -- a pontuação considerou a soma de elementos mais quantificáveis (como gramática, vocabulário e organização episódica) e menos quantificáveis (como charme, interesse e clareza). -- 9 parâmetros foram usados para determinar a qualidade: 3 de macroestruturas (descrições, organizações, características cativantes) e 6 de microestruturas (manutenção do tópico, sequência de eventos, explicitação, referência, coesão conjuntiva, fluência).

		exemplo, uso frequente de imperativos e pronomes de 1ª e 2ª pessoa.	
--	--	---	--

Fonte: Dados da Pesquisa

Como temos destacado, cada etapa das pesquisas selecionadas para compor nosso corpus têm demonstrado o quão diferenciadas foram as abordagens adotadas por cada equipe de pesquisadores, e esta característica continua acentuada nas metodologias utilizadas para o desenvolvimento de cada pesquisa.

Apesar de todas as pesquisas poderem ser classificadas como empíricas – ou seja, todas se utilizaram de experimentos com participantes, e não de pura análise bibliográfica – com o objetivo geral em comum – a investigação das possíveis qualidades do gênero HQ na leitura em L2 – apenas duas das cinco pesquisas (Pesquisas 2 e 5) optaram pela comparação da leitura entre gêneros diferentes. As Pesquisas 1, 3 e 4 se utilizaram da análise da compreensão leitora exclusivamente do gênero HQ. A Pesquisa 2 se utilizou da comparação entre a prosa e a HQ. A Pesquisa 5 foi a que apresentou uma metodologia mais aprofundada, no quesito de comparação entre gêneros, investigando em paralelo a leitura de texto em prosa com duas variações de textos multimodais, o que os pesquisadores chamaram de formato de livro ilustrado e *graphic novel*.

O termo *graphic novel* é utilizado na Pesquisa 5 como um sinônimo de *comic book* (revista em quadrinhos). Os autores diferenciam o formato de HQ e de livro ilustrado considerando que geralmente: a) HQs se utilizam de uma quantidade maior de ilustrações que livros ilustrados – além de ilustrações mais detalhadas – permitindo que as estruturas semânticas dos textos verbais possam ter seus significados ilustrados de forma mais direta e localizada; b) apresentam, de forma mais recorrente, a narrativa em uma perspectiva de primeira pessoa, e menos em terceira; c) os textos verbal e pictórico são apresentados espacialmente de forma separada, em livros ilustrados, sendo visualizados como dois blocos paralelos – o que pode levar a dois focos de atenção paralelos e concorrentes – enquanto que nas HQs, as palavras são apresentadas como elementos imagéticos integrantes das ilustrações – o que demanda teoricamente um único foco de atenção e, portanto, poderia gerar um efeito multimodal mais intenso. Este efeito multimodal é descrito como a integração da informação de textos verbais e imagens que ocorre após a construção de um modelo mental das informações textuais e pictóricas (ORRANTIA et al. 2014 apud. CHAN; WONG; WONG;

LEUNG, 2018). Deste modo, consideramos esta característica, de como imagem e texto verbal se mesclam na linguagem dos quadrinhos, um destaque entre as abordagens propostas nos artigos de nosso corpus de pesquisas.

A preocupação com o nível de dificuldade dos textos verbais também é, por nós considerado, elemento de destaque. A Pesquisa 1, por exemplo, demonstra a prioridade com esse aspecto já em seu título. O material de leitura utilizado por ela foi criado, especialmente para a pesquisa, contendo um nível gramatical considerado dentro dos conhecimentos já adquiridos dos alunos (de níveis elementar e intermediário superior), mas apresentando vocabulário possivelmente desconhecido, aplicando desta forma, a estratégia de que com um nível gramatical já dentro do assimilado pelos leitores, eles teriam a possibilidade de compreender a história e focar total esforço na obtenção do novo vocabulário – visando assim, cumprir seu objetivo de avaliar se HQs poderiam ser utilizadas como gênero facilitador de obtenção de vocabulário.

Deste modo, a Pesquisa 1 demonstra em sua abordagem metodológica, um ponto importante para nosso estudo: dentre as características das HQs, como possível gênero facilitador de leitura para leitores iniciantes de L2, o nível linguístico do texto escrito seria mais um aspecto diferencial sobre o quanto o contexto imagético teria este poder facilitador na inferência de sentidos das palavras. Este é um ponto que retomaremos na próxima seção, quando descrevemos nossa análise dos resultados das pesquisas. Contudo, por meio do cruzamento entre as abordagens das pesquisas, gostaríamos de deixar destacado um possível benefício na consideração do nível textual verbal adequado ao nível do leitor (como observado nas Pesquisas 1 e 3) em conjunto com a escolha de textos com características imagéticas específicas, para que ambos possam ser fatores de facilitação da leitura (como na Pesquisa 5). Como veremos mais à frente, a Pesquisa 3 chega a embasar teoricamente as duas preocupações. Entretanto, ela não deixa claro no texto de seu artigo, se levou a cabo a preocupação com a forma da utilização das imagens na escolha das HQs.

Voltando à análise da Pesquisa 1, foram criadas nove HQs graduadas em níveis de texto verbal (duas para serem lidas por alunos de nível elementar e sete para alunos de nível intermediário superior) e o formato visual escolhido foi um mais similar a livros ilustrados – com textos verbais e imagéticos se apresentando em duas vias paralelas e, portanto, possivelmente concorrentes – não sendo considerados os possíveis efeitos da troca desta opção por um formato de HQ mais tradicional, com mais quadros por páginas e balões de

diálogo integrados às ilustrações, como discutido na Pesquisa 5. Esta apresentou uma abordagem, de certa forma complementar a Pesquisa 1, neste aspecto. A Pesquisa 5 também se utilizou de textos criados para a pesquisa de acordo com o nível linguístico de seus participantes (alunos chineses de 2º ano, não havendo a descrição exata do nível de inglês), entretanto teve como preocupação principal a comparação entre o texto verbal – uma narração em prosa de 2 páginas e 145 palavras – com duas opções de textos multimodais – um livro ilustrado, com as mesmas 145 palavras do texto em prosa, mas apresentadas em 9 páginas com ilustrações em paralelo ao texto, e uma HQ em 7 páginas e 165 palavras. O formato de HQ, com vários quadros por página e texto mais intimamente integrado às imagens, apresentou, inclusive, características mais diferenciadas em comparação com os outros dois gêneros, como a necessidade da alteração estrutural do texto – por exemplo, a troca de terceira pessoa para primeira, a substituição de algumas frases descritivas por imagens com esta finalidade e, como a HQ dispunha de vários quadros pictóricos por página, a possibilidade de montagem de um *layout* de página que construísse uma unidade temática, página a página. Como veremos, na próxima seção, tais diferenças podem ter afetado os resultados, que foram levemente distintos.

A Pesquisa 3, como já citado brevemente, também optou por textos nivelados, mas em seu caso específico, diferentes tipos de HQs autênticas – somando 5 títulos – previamente avaliadas pelos pesquisadores. Contudo, a abordagem utilizada foi a comparação entre leitores considerados mais inexperientes em sua relação com a leitura em L1 (devido à idade/escolaridade, sendo entre 10 e 16 anos) com um leitor mais experiente (20 anos). Esta (in)experiência, não era diretamente proporcional ao nível de inglês dos participantes, como é possível visualizar no Quadro 6, visto anteriormente, em que temos as idades e o respectivo nível de inglês dos alunos (que variou entre iniciante a B2). As Pesquisas 2 e 4, por sua vez, não descreveram preocupação com o nível linguístico do texto verbal. Mas se levarmos em consideração que os participantes da Pesquisa 4 eram alunos de Ensino Médio e o tipo de HQ escolhido foi a tira humorística – formada por 3 a 6 quadros, nos exemplos demonstrados no artigo – é possível a suposição que o nível dos textos ainda tenha sido uma preocupação, mesmo que de forma tangente, para tal pesquisa. Explicitamente, seus pesquisadores descrevem que sua opção foi por selecionar textos que envolvessem assuntos trabalhados nas disciplinas de Física e Matemática. Não foi descrita a quantidade de HQs utilizadas e nem o nível de inglês dos participantes.

Por fim, a Pesquisa 2 foi a que apresentou os textos mais aparentemente complexos e longos, se utilizando de um romance de aproximadamente 203 páginas e sua adaptação para o gênero HQ – ambos autênticos – no formato de *graphic novel*, com aproximadamente 144 páginas. Infelizmente, a pesquisa também não declarou o nível dos participantes – além do fato de serem estudantes universitários – o que nos impediu a comparação com o nível dos textos utilizados. Entretanto, é digno de nota que esta pesquisa abordou a leitura crítica, ou seja, tratou de níveis mais elevados de compreensão leitora.

Dentre as cinco pesquisas analisadas, duas são exclusivamente qualitativas (Pesquisas 1 e 3) e três trabalharam com ambas as abordagens, ou seja, são qualitativas e quantitativas (Pesquisas 2, 4 e 5). As quantidades de participantes e idades não foram claramente descritas em todas as pesquisas. Observamos que a Pesquisa 2 é a que possivelmente tem maior número de participantes, mesmo ela não declarando o número exato, isto é, foi descrito “turmas” com no mínimo 28 alunos. Considerando que o termo de coletivo utilizado está no plural (“turmas”), seriam pelo menos 2, e portanto contabilizaríamos 56 participantes, no mínimo. A idade, tampouco, é possível de inferenciar com precisão através dos termos utilizados, contudo, a expressão “alunos de universidade” denota que é possível a exclusão de crianças e adolescentes. A segunda maior quantidade de participantes declarada foi a da Pesquisa 5, com 51 participantes (entre 7 e 8 anos), enquanto que as demais pesquisas declararam 23 participantes, entre 21 e 72 anos (Pesquisa 1), e 4 participantes, entre 10 e 20 anos (Pesquisa 3). A Pesquisa 4 apresentou apenas o termo vago “um grupo de voluntários”, o qual podemos inferir somar um mínimo de 2, também pela utilização do termo no plural (“voluntários”). Sua idade também pode ser apenas estimada, através da expressão “alunos de 1º ano do Ensino Médio”, o que nos denota uma média 15 anos, se levarmos em conta as recomendações da Base Nacional Curricular Comum (BNCC).

Interessante observarmos a importância do detalhamento sobre a descrição dos participantes envolvidos nas pesquisas que envolvem coleta de dados, para que análises comparativas e conclusões acerca dos resultados possam ser estabelecidas pelos leitores-pesquisadores e generalizadas para outros contextos semelhantes. Em outras palavras, os dados de uma pesquisa com “um grupo de” participantes (Pesquisa 4) possivelmente não são tão conclusivos quanto os resultados de uma pesquisa conduzida com 56 participantes (Pesquisa 2).

Quanto à duração, a pesquisa mais extensa foi a Pesquisa 1, sendo aplicada por 16

semanas, ao longo de 2 semestres letivos de cursos de inglês, com uma carga horária aproximada de 248 horas em sala de aula e 288 extraclasse. O segundo lugar fica entre as pesquisas 3 e 4, não sendo possível a estimativa exata, pela falta de informações quanto à carga horária. A Pesquisa 3 foi aplicada por 2 meses, com a ministração de 8 a 12 aulas (1 a 2 vezes por semana), com o detalhe deste ser o período de desenvolvimento com cada participante em separado. A Pesquisa 4 contou com 5 oficinas quinzenais, aplicadas ao longo de 2 meses e meio. A Pesquisa 5 foi a com menor tempo de aplicação, contando com sessões individuais de cerca de 30 minutos, enquanto que a Pesquisa 2 não forneceu informações quanto a sua duração.

É possível afirmar que a maioria das pesquisas ocorreram por meio de intervenções didáticas com o objetivo de ensino de habilidades de leitura e do gênero HQ, por meio de atividades em aulas regulares de inglês (Pesquisa 2) e oficinas de leitura em L2 (Pesquisas 3 e 4). A Pesquisa 1 não trabalhou com o ensino específico de leitura ou do gênero HQ, mas ainda assim incluiu material extra em um curso regular de inglês. Apenas a Pesquisa 5 optou por uma avaliação da leitura, numa atividade extraclasse, portanto, sem instruções específicas e diretas quanto a características de gêneros. Ainda assim, teve como participantes, estudantes.

Como todas as pesquisas foram qualitativas – com apenas as pesquisas 2, 4 e 5 optando por incluir elementos quantitativos – a maioria optou pela obtenção de dados através da análise das percepções dos seus participantes. Duas pesquisas optaram por uma avaliação gradual, sendo que a Pesquisa 3 avaliou exclusivamente as reações dos alunos durante as aulas e a Pesquisa 2 optou pela obtenção de dados, tanto avaliando as reações dos alunos durante as aulas, quanto sua produção em portfólios (além de um teste de leitura, que se enquadra como qualitativo). A Pesquisa 1, por sua vez, avaliou as percepções dos participantes por meio da utilização de questionários e entrevistas ao final de cada um dos dois semestres em que a pesquisa foi desenvolvida. As três pesquisas que analisaram os dados quantitativa, assim como qualitativamente, optaram apenas por: avaliações pontuais (Pesquisa 2), comparativo entre avaliações inicial e final, e entre notas trimestrais dos alunos em disciplinas escolares (Pesquisa 4); ou uma avaliação de reconto oral da história lida (Pesquisa 5).

Com a finalização da descrição e análise da metodologia utilizada pelas pesquisas, partimos para a análise dos resultados obtidos por cada uma.

3.5 RESULTADOS OBTIDOS

Nesta seção, discutiremos em paralelo, os objetivos e resultados obtidos de cada pesquisa, organizados no Quadro 7, a seguir, a fim de compreendermos suas possíveis contribuições.

Quadro 7 – Paralelo entre os objetivos e resultados obtidos

ARTIGO	OBJETIVOS	RESULTADOS
<p>1. <i>The value of targeted comic book readers</i> (HAMMOND; DANAHER, 2012)</p>	<p>Avaliação de HQs, pela ótica dos leitores, com o objetivo de facilitar a obtenção de vocabulário, fomentando a leitura extensiva, através de material atrativo, em formato mais curto, focado na necessidade e nível.</p>	<p>Os pesquisadores concluíram que o conteúdo das HQs foi considerado, pelos alunos, útil em termos de nível de dificuldade e duração, apresentando vocabulário e gramática simples, repetidos, contextualizados e relacionados às aulas e com sua vida cotidiana. Deste modo, classificar o nível do material em relação aos leitores, como 'i menos 1', resultou em foco na aquisição de vocabulário (como compreensão de significados alternativos de palavras), em vez de distração através da preocupação com o aprendizado de outros tipos de elementos linguísticos. As HQs utilizadas foram valorizadas como leitura extraclasse e pelo fato de não ter havido testes formais ou pressão para seu estudo, resultando em melhora nos sentimentos de confiança, motivação e relaxamento, o que foi associado a percepções de desempenho aprimorado. Deste modo, o estudo aponta para a importância de uma entrada compreensível para engendrar as condições psicológicas que maximizam a aprendizagem, como o fato dos alunos estarem no controle e poderem trabalhar com o material de sua própria maneira e em seu próprio ritmo.</p>
<p>2. <i>Replacing traditional texts with graphic novels at EFL classrooms</i> (BASOLA; SARIGULB, 2012)</p>	<p>Demonstrar os efeitos de HQs no aperfeiçoamento da leitura crítica (processos de alto nível), através da comparação da leitura de um romance com sua adaptação em HQ.</p>	<p>Os autores observaram que <i>graphic novels</i> podem ser aplicadas com sucesso à aulas de inglês (LE), contribuindo para a melhoria da leitura. Quando estratégias/atividades apropriadas foram utilizadas através do modelo de liberação gradual de responsabilidade, e quando o processo de leitura foi apoiado por meio de atividades pré e durante a leitura, os alunos obtiveram melhores resultados na compreensão (Observação: foi observado que as principais estratégias de leitura também podem ser aplicadas a HQs). Houveram hesitações relacionadas aos participantes não estarem familiarizados com o conteúdo estrutural de HQs (como quadros e balões), entretanto, com essas estruturas ensinadas, os alunos podem ser mais receptivos. Em relação a comparação entre a HQ e o romance, foi observado que no formato de romance, por vezes foi difícil distinguir a realidade e os delírios do personagem; no formato <i>graphic novel</i>, os balões e as imagens, que representam claramente o enredo, ajudaram os alunos a conectar os quadros. Também foi citado que quando os alunos precisam encontrar informações em diferentes partes do livro, os quadros facilitam a (re-)leitura. O depoimento de um aluno foi destacado no artigo, onde cita as imagens como facilitadoras na memorização e posterior lembrança da história. Em termos de leitura como produto, os participantes mostraram progressos no nível de compreensão em ambos os grupos. O grupo de <i>graphic novel</i> teve resultados ligeiramente melhores no teste de leitura.</p>

<p>3. Using comics with novice EFL readers to develop reading literacy (CIMERMANOV Á, 2015)</p>	<p>Observar os efeitos da utilização de HQs, através da investigação de quais estratégias de leitura são utilizadas por aprendizes de inglês na leitura do gênero.</p>	<p>A pesquisa demonstrou que o uso de HQs pode levar ao desenvolvimento da capacidade de construção de significado a partir de imagens, forma de pensamento crítico que aumenta a capacidade intelectual. Os pesquisadores argumentam que alunos treinados na exploração de imagens, podem tornar-se mais sensíveis à leitura do contexto textual, o que possibilitaria o uso de estratégias de leitura, que levem ao aumento da autonomia, a uma leitura (aprendizado) mais eficaz e apoiem a motivação. Os participantes expressaram percepção positiva e confiança elevada na leitura de textos em LE, mesmo não compreendendo todas as palavras e sentiram-se prontos para perceber detalhes textuais e gráficos para inferir significado. Eles utilizaram estratégias metacognitivas durante as leituras, monitorando e avaliando a si mesmos. Por fim, os pesquisadores concluíram que a leitura regular e o desenvolvimento gradual de estratégias de leitura podem levar à superação automática de barreiras linguísticas. Entretanto, deve haver uma seleção criteriosa dos textos, para garantir que sejam compreensíveis e não desmotivadores.</p>
<p>4. Calvin e as exatas: uma proposta interdisciplinar com o uso do gênero tira seriada de história em quadrinhos no ensino técnico (DREY, 2017)</p>	<p>Analisar o trabalho interdisciplinar, através da didatização de HQs no ensino de inglês, matemática e física, a fim de observar se HQs proporcionam a sofisticação das habilidades de compreensão instrumental.</p>	<p>Os autores observaram que a compreensão de que gêneros possuem elementos próprios e servem a diferentes propósitos, demonstra ser decisiva no desenvolvimento da compreensão leitora. De maneira geral, todos os participantes alcançaram melhor resultado na avaliação final quanto ao aprimoramento de vocabulário e capacidade de distinção entre tempos verbais. Alguns participantes apresentaram sofisticação nas respostas das atividades e aprimoramento da compreensão. Entre os participantes que participaram de todas as 5 oficinas, houve crescimento de 20% na avaliação final.</p>
<p>5. The Influence of Presentation Format of Story on Narrative Production in Chinese Children Learning English-as-a-Second-Language: A Comparison Between Graphic Novel, Illustration Book and Text (CHAN; WONG; WONG; LEUNG, 2018)</p>	<p>- Investigar se a apresentação multimodal de histórias melhora a aprendizagem de L2, ao ser constatado aumento, em termos de macroestrutura e microestrutura, da produção narrativa, durante a recontagem da história em L2. - Investigar, por meio de comparação, se os benefícios do formato de <i>graphic novel</i> superam os do livro ilustrado.</p>	<p>A pesquisa demonstrou que a leitura multimodal não apresentou efeito facilitador significativo nos participantes, cujas pontuações foram iguais ou superiores a 80% no teste de leitura e fala, em comparação com a leitura de texto em prosa, em todos os componentes de recontagem em L2. Isso sugere que a apresentação multimodal não teve influência significativa específica do componente. Um ponto de destaque é que, embora se aproxime, mas não alcance significância na comparação intersujeitos, o pior desempenho observado foi quanto a leitura do formato de livro ilustrado, indicando que a apresentação multimodal pode também atrapalhar a recontagem de histórias em L2. Esses resultados podem refletir que os componentes não eram sensíveis ao efeito multimodal, pois todos os componentes não dependiam apenas da compreensão e retenção da história, mas também envolviam uma variedade de habilidades, como vocabulário, sintaxe e fala. A fluência mede a habilidade de fala e a eficiência na recuperação do léxico relevante e das estruturas das frases. A manutenção do tópico é altamente dependente da atenção das crianças e da compreensão dos requisitos da tarefa. Tais resultados sugerem que os professores podem precisar considerar as diversas habilidades e níveis dos alunos ao usar textos multimodais, podendo ser necessária uma seleção para que haja equilíbrio entre materiais ilustrados “em demasia” e texto em prosa. Por fim, os pesquisadores consideram que as HQs ainda podem ser consideradas como recursos viáveis para uso em sala de aula e autoaprendizagem.</p>

Iniciando pela Pesquisa 1, relembramos que seu objetivo foi o de avaliar, ao fim de 2 semestres letivos, pela ótica dos estudantes, se HQs, entre 20 e 28 páginas, graduadas em níveis, seriam úteis para obtenção de vocabulário através do fomento de leitura extensiva extraclasse. Esta foi uma pesquisa que se alinhou com o objetivo de nosso estudo, nos quesitos de análise dos resultados de HQ como leitura extensiva, e é possível afirmar que seus resultados foram positivos quanto a utilização deste tipo de material. A pesquisa analisou justamente o gênero HQ sendo utilizado como um material para leitura em situações extraclasse, sem a finalidade de ser trabalhado como forma de avaliação escolar, e os participantes a consideraram útil (e prazerosa) exatamente por essa característica. A obtenção de novo vocabulário por meio da contextualização narrativa e imagética foi um dos destaques. Entretanto é importante destacar algumas características particulares do estudo: 1) houve a preocupação de que as HQs fossem criadas especificamente para atender o nível linguístico dos participantes, a ponto de que a gramática não fosse inovadora, o que os permitiu focar na aprendizagem de vocabulário; 2) houve a disponibilização de material paralelo em áudio, o que duplicou o *input* linguístico proporcionado pelo material e, portanto, descaracterizando a pesquisa como um estudo exclusivamente de leitura; 3) o formato das HQs criadas se assemelha ao formato de livro ilustrado, ficando no limiar da classificação entre um gênero e outro.

A Pesquisa 2 teve por objetivo analisar o uso de HQs no aperfeiçoamento da leitura crítica, comparando a leitura de um romance, de aproximadamente 203 páginas, com sua adaptação no formato de HQ, de aproximadamente 144 páginas (relembrando, ambas obras autênticas), por meio da pesquisa durante as aulas regulares, com um mínimo de 56 estudantes, entretanto, sem indicar sua duração. Diferentemente da simples entrega de material para leitura autônoma, em condições extraclasse, como foi feito na Pesquisa 1, a Pesquisa 2 optou pela aplicação do modelo de liberação gradual de responsabilidade, no qual trabalhou enfatizando uma igual importância de cada etapa da leitura (pré-leitura, leitura propriamente dita e pós-leitura), através de atividades em classe, que abordavam o conceito de HQ e da formulação de esquemas, com a finalidade de preparação de condições ideais para leituras em classe e fora dela. A Pesquisa 2 chegou à conclusão de que HQs autênticas também podem ser aplicadas com sucesso nas aulas de leitura de inglês como LE, destacando os seguintes pontos: a) as principais estratégias utilizadas para a leitura em prosa também podem ser utilizadas com o gênero HQ; b) parte da narrativa ser em linguagem imagética

pode facilitar a compreensão narrativa em determinadas situações como, por exemplo, na narrativa pós-moderna do romance em questão, que descrevia em paralelo realidade e delírios do personagem principal (ponto este, inclusive citado pela Pesquisa 3, em seu embasamento teórico); c) o formato imagético dividido em diversos quadros (formato padrão em HQs) permite ao leitor um escaneamento facilitado, quando em busca de informações específicas; d) é citado o depoimento de um participante que destaca a linguagem imagética como facilitadora da memorização de informações. Assim como a Pesquisa 1, a de número 2, destacou alguns pontos que devem ser levados em contraponto quanto aos seus resultados positivos: 1) houve hesitações dos participantes pelo fato de não estarem familiarizados com a estrutura do gênero HQ (como quadros e balões), sugerindo uma possível necessidade de ensino específico ou tempo de adaptação, por parte do leitor iniciante no gênero; 2) em termos de leitura como produto, os participantes mostraram progressos no nível de compreensão em ambos os grupos, sendo que o grupo de HQ teve resultados considerados, apenas ligeiramente melhores, o que sugere cautela na proposta de que HQs seriam de forma generalizada, materiais de leitura melhores que textos em prosa, para alunos iniciantes em L2.

Quanto à Pesquisa 3, ela se propôs a observar os efeitos da utilização de 5 HQs autênticas e de formato variado (uma coletânea de 14 histórias em quadrinhos com poucos balões de fala e maior ênfase narrativa; uma tira; um livro ilustrado com *layout* de página apresentando mais de um quadro por página, se assemelhando assim a uma HQ; um livro contendo HQs e atividades lúdicas; e uma *graphic novel* sem palavras, utilizada com apenas um dos participantes), através da investigação de quais estratégias de leitura seriam utilizadas por 4 aprendizes de inglês, na leitura do gênero, em 2 meses de aulas individuais. Assim como as Pesquisas 2 e 4, a Pesquisa 3 também trabalhou com atividades em classe, envolvendo o ensino de leitura em geral e do gênero HQ, destacando a importância do desenvolvimento gradual para a superação de barreiras linguísticas. Assim como na Pesquisa 1, os pesquisadores detectaram uma percepção positiva e confiança elevada, por parte dos participantes, em relação a utilização do contexto imagético na produção de inferências, além do destaque quanto a preocupação com a importância na seleção de textos graduados em níveis, para garantir que o texto fosse compreensível e não desmotivador.

A Pesquisa 4 se propôs a analisar se a utilização de tiras, formadas por 3 a 6 quadros (não foi fornecido no artigo, o número de textos utilizados ou a quantidade exata de quadros nos quais foram compostos, sendo nossa análise, portanto, baseada nos exemplos fornecidos),

em cinco oficinas interdisciplinares quinzenais, proporcionaram, com a utilização de estratégia de andamento, uma sofisticação nas habilidades de compreensão instrumental, em um grupo de alunos (também sem número definido no artigo). As oficinas, assim como nas Pesquisas 2 e 3, também foram compostas por aulas envolvendo o ensino de leitura e do gênero HQ, se ancorando em uma abordagem de ensino gradual, que em seu caso específico, foi a estratégia de andamento. Todos os participantes alcançaram um melhor resultado, em contraste à atividade de sondagem inicial, demonstrando aprimoramento de vocabulário e capacidade de distinção entre os tempos verbais. Alguns apresentaram sofisticação das respostas e aprimoramento da compreensão. E o rendimento médio dos alunos, na disciplina escolar de inglês, entre os 2 primeiros trimestres do ano letivo, mostrou crescimento. Entre as conclusões dos pesquisadores, eles destacaram a importância do ensino das características dos gêneros textuais para a facilitação do desenvolvimento da compreensão em leitura. O nível textual não foi apresentado como uma preocupação, entretanto, a escolha do trabalho com tiras humorísticas, em um ambiente de Ensino Médio brasileiro, nos permite a suposição de que tenha havido algum nível de cuidado para que os níveis dos textos escolhidos fossem adequados aos participantes.

Por fim, chegamos à Pesquisa 5, cujos propósitos foram o de avaliar se textos multimodais (em geral) poderiam melhorar a aprendizagem de L2, em comparação com textos em prosa, e se sim, analisar as diferenças nos resultados entre dois formatos diferentes de texto multimodal: os livros ilustrados e as HQs. A escolha pela comparação de três formatos de textos foi uma das características que diferenciou esta pesquisa das demais (apenas a Pesquisa 2 havia comparado textos, e em seu caso, apenas HQ e prosa), assim como sua aplicação e duração. A Pesquisa 5 optou por uma pesquisa no formato de uma única sessão de leitura e avaliação através de reconto oral, com duração média de 30 minutos por participante, na qual 51 participantes, entre 7 e 8 anos, aprendizes de inglês como L2, deveriam ler um texto (prosa de 2 páginas e 145 palavras; livro ilustrado de 9 páginas e 145 palavras; HQ de 7 páginas e 165 palavras, criados especificamente para a pesquisa e contendo a mesma história) e, posteriormente, recontá-lo oralmente, em L2. Ou seja, além de não haver instrução gradativa a respeito de leitura e dos gêneros utilizados, a avaliação em L2 pode ser considerada como uma variável que teve forte influência no resultado, levando-se em consideração que esta opção acaba por não apenas avaliar a compreensão leitora, mas também a produção oral em L2 dos participantes da pesquisa. Em outras palavras, o participante pode

ter entendido mais da história do que foi capaz de recontar oralmente, como destacado pelos próprios pesquisadores.

A Pesquisa 5 também foi a única a reportar um resultado considerado surpreendente para seus pesquisadores. Seu embasamento teórico defendia que textos multimodais teriam qualidades adicionais quanto a proporcionar uma circunstância facilitadora da leitura em L2, quando em comparação com textos em prosa. Contudo, não foi o resultado que os dados mostraram. Não foi encontrada diferença significativa, entre os três tipos de leitura, em nenhum dos componentes considerados a respeito da recontagem de histórias, sugerindo que a apresentação multimodal não teve influência significativa. Os pesquisadores destacaram fatores que poderiam ter cooperado para se chegar a tal resultado inesperado. Além da forma de avaliação escolhida, que pode ter afetado a capacidade de captação do real entendimento dos participantes (como citamos anteriormente), outro exemplo dos fatores destacados pelos pesquisadores é a possível ocorrência de redundância semântica.

Um possível fator que contribuiu para tais resultados foi a redundância semântica. Ao projetar materiais no presente estudo, envolvemos uma grande redundância de informações entre texto e imagens. No formato de texto com ilustrações, houve quase total sobreposição no conteúdo semântico entre texto e imagens. No formato de *graphic novel*, parte do vocabulário apareceu junto com a imagem de seus referentes. Ainsworth (2006) apontou que apresentar texto e imagens com um grau significativo de sobreposição pode não ser mais facilitador para o aprendizado do que apresentar apenas texto ou imagens; ao contrário, textos e imagens podem dificultar o progresso da aprendizagem, quando uma representação mental adequada pode ser construída com base em uma única fonte de informação. A influência da redundância semântica é notável, especialmente se as imagens adicionais fornecidas no livro de ilustração e formatos de *graphic novel* exigirem recursos extras de memória de trabalho para processá-los (conhecido como efeito de “adição de carga”; MAYER et al. 2001) (CHAN; WONG; WONG; LEUNG, 2018, p. 235, tradução nossa¹⁰).

Este é um ponto relevante destacado pelos pesquisadores. Embora, como mencionado pelos próprios autores, diversas referências afirmem que as possíveis vantagens da utilização de textos multimodais, e em nosso caso específico, HQs, na leitura em L2, não é possível

10 No original: *One possible factor contributing to such results was semantic redundancy. In designing materials in the present study, we involved a great extent of redundancy of information between text and pictures. In the text with illustrations format, there was an almost complete overlap in the semantic content between text and pictures. In the graphic novel format, some vocabulary appeared along with the image of its referents. Ainsworth (2006) pointed out that presenting text and pictures with a significant degree of overlap might not be more facilitative for learning than presenting only either text or pictures; rather, text and-pictures might hamper the learning progress, when an adequate mental representation can be constructed based on a singular source of information. The influence of semantic redundancy is salient especially if the additional pictures provided in the illustration book and graphic novel formats require extra working memory resources to process them (known as “load-adding” effect; Mayer et al. 2001) (CHAN; WONG; WONG; LEUNG, 2018, p. 235).*

descartar a questão de que o funcionamento da compreensão leitora e da memória humana, são temas altamente complexos, que possuem nuances e detalhes. No caso da Pesquisa 5, seus pesquisadores sugerem que ignorar um fator, no caso a redundância semântica, pode ter originado um resultado “oposto” ao esperado. Ou seja, nos é possível afirmar que, nesta pesquisa, foi ignorado um aspecto da relação multimodal, isto é, da relação entre palavras e imagens. Isto reforça parte do embasamento metodológico utilizado pela Pesquisa 3.

Nikolajeva e Scott (2001, p. 7) trazem um resumo conciso de diferentes categorizações de interações entre palavras e imagens nos livros. Eles citam Golden (1990) que identifica 5 tipos de inter-relações: a) O texto e as imagens são simétricos (criando redundância); b) O texto depende de imagens para esclarecimento; c) A ilustração realça, elabora o texto; d) O texto contém narrativa primária, a ilustração é seletiva; e) A ilustração carrega narrativa primária, o texto é seletivo.

Da mesma forma que a categorização acima, Liu (2004, p. 226) define cinco categorias que são baseadas em sua função: a) Representação: os visuais repetem o conteúdo do texto ou se sobrepõem substancialmente ao texto (similarmente ao item “a”, anterior); b) Organização: os recursos visuais aumentam a coerência do texto (similarmente ao item “c”, anterior); c) Interpretação: os recursos visuais fornecem ao leitor informações mais concretas (similarmente ao item “b”, anterior); d) Transformação: os recursos visuais visam informações críticas no texto e as recodificam de uma forma mais memorável; d) Decoração: Os recursos visuais são usados por suas propriedades estéticas ou para despertar o interesse dos leitores pelo texto (CIMERMANOVA, 2014, p. 2455, tradução nossa¹¹).

A importância destas inter-relações, entre palavras e imagens, inclusive pode também ser constatada na Pesquisa 5, através do resultado de desempenho de recontagem da história ter sido pior para os leitores do gênero livro ilustrado. Embora o desempenho seja apenas levemente diferente do desempenho dos leitores de HQ, ele aponta para a existência de uma diferença de linguagens: enquanto nos livros ilustrados em questão, as ilustrações eram apenas do tipo simétrico, ou de representação, nas HQs as ilustrações tiveram mais funções, como, por exemplo, de conter informações exclusivas (é citado no artigo que em alguns casos, o que era originalmente narrado verbalmente no texto em prosa, foi substituído apenas por imagens, na HQ). Através deste ponto de vista, fica a especulação de quais seriam os

11 No original: *Nikolajeva and Scott (2001, p. 7) bring a concise summary of different categorisations of interactions between words and pictures in the books. They quote Golden (1990) who identifies 5 types of interrelations: a) The text and pictures are symmetrical (creating redundancy); b) The text depends on pictures for clarification; c) Illustration enhances, elaborates text; d) The text carries primary narrative, illustration is selective; e) The illustration carries primary narrative, the text is selective.*

Similarly to the above categorisation, Liu (2004, p. 226, defines 5 categories that are based on their function: Representation: Visuals repeat the text's content or substantially overlap with the text. (a above); Organization: Visuals enhance the text's coherence. (c above); Interpretation: Visuals provide the reader with more concrete information. (b above); Transformation: Visuals target critical information in the text and recode it in a more memorable form; Decoration: Visuals are used for their aesthetic properties or to spark readers' interest in the text (CIMERMANOVA, 2014, p. 2455).

resultados da Pesquisa 1, se ela tivesse sido efetuada com essas distinções em mente, e tivesse sido optado por um formato mais aproximado ao que é comum às HQs, com vários quadros por páginas, palavras integradas às imagens, através de balões de fala e recordatórios e uma narrativa verbal não necessariamente redundante em relação à narrativa imagética, mas sim complementar.

3.6 CRUZAMENTO DE DADOS

O cruzamento das informações discutidas nas seções anteriores nos permite concluir que, em relação aos resultados das pesquisas analisadas, HQs possuem características facilitadoras de leitura em inglês como L2. Entretanto, seria problemático considerar tal asserção de forma absoluta. Existem diversos pontos que necessitamos levar em consideração para modalizar uma resposta mais adequada, visando uma expressão o mais fiel possível da realidade. Nossa pesquisa encontrou muito poucos resultados quanto a artigos científicos com temática sobre o estudo de HQs como material de leitura em L2. Tal resultado denota a necessidade de um confronto com outros métodos de obtenção de corpus, como por exemplo, a procura por artigos com outro tipo de estratificação (como fator de impacto) e outro motor de busca (como outras bases de dados). O recorte temporal e de nacionalidade não foram fatores limitadores em nossa pesquisa, uma vez que foram aceitas pesquisas produzidas e publicadas em qualquer época e país. Contudo, a própria escolha de estratificação via QUALIS 2013-2016 e base de dados, Periódicos CAPES, pode ter limitado inclusive o encontro de maior variedade em termos temporais e de origem. Somente através do confronto com pesquisas realizadas através de metodologias mais abrangentes, será possível ter uma melhor visão da quantidade real de estudos sobre tal temática.

As pesquisas analisadas, de um modo geral, variaram entre aprendizagem de inglês como L2 em geral (Pesquisas 1, 3 e 5) e desenvolvimento específico da leitura em inglês como L2 (Pesquisas 2 e 4). Mas quando atentamos para seus objetivos específicos, apenas as Pesquisas 3 e 5 coincidiram, e ainda assim, não em sua totalidade: Pesquisa 1 – desenvolvimento de vocabulário; Pesquisa 2 – desenvolvimento da leitura crítica; Pesquisa 3 – avaliação da possibilidade da percepção de contexto ser facilitada por imagens; Pesquisa 4 – desenvolvimento de compreensão instrumental de matemática e física; e Pesquisa 5 – avaliação da possibilidade da leitura, de uma forma geral, ser facilitada por imagens. Esta

variedade de objetivos específicos dificulta o confronto direto entre seus resultados. A mesma constatação pode ser feita com relação à variedade de metodologias adotadas para conduzir os estudos.

Devido à pequena quantidade de pesquisas que compõem nosso corpus, com a devida estratificação pelo sistema QUALIS, optamos pela utilização de HQ como hipergênero, o qual abrange diferentes subgêneros, com o objetivo de possibilitar a comparação entre uma maior quantidade de estudos. Entretanto, tais subgêneros apresentam características diferentes e, como pudemos observar, através da própria argumentação teórica das Pesquisas 3 e 5, estas características podem denotar diferenças entre objetivos e formas de utilização das ilustrações. Algumas destas características apresentam, inclusive, a possibilidade de interferir diferentemente no processamento cerebral das informações textuais (como por exemplo, a multimodalidade textual ser constituída por apenas 1 via ou 2, em paralelo, conforme discutido pela Pesquisa 5). Assim, nosso corpus de pesquisas conteve estudos que analisaram: a leitura de um subgênero que se encontra entre os gêneros HQ e livro ilustrado (Pesquisa 1); a leitura de cinco HQs em formatos variados, incluindo uma tira, uma HQ sem palavras, um livro de atividades com HQs e duas chamadas HQs, mas que assim como a da Pesquisa 1, apresentam características que as enquadram entre uma HQ e um livro ilustrado (Pesquisa 3); a leitura de tiras (Pesquisa 4); e a comparação entre gêneros (Pesquisas 2 e 5). Tal diversidade também constitui um fator que dificulta a comparação direta entre pesquisas.

Outros pontos de diversidade que podemos citar foram os perfis e quantidades dos participantes, durações das pesquisas e métodos de obtenção de dados. O ponto unificador foi o fato de todos os participantes serem estudantes de inglês como L2. Entretanto, seu número variou entre 2 a 56 participantes, com idades entre 7 e 72 anos, entre os níveis iniciante a intermediário avançado, sendo que todos estes dados são aproximados, tendo em vista de que nem todas as pesquisas forneceram dados exatos. Quanto às durações e metodologias de aplicação das pesquisas, elas variaram entre aulas durante dois semestres à aplicação de um teste de leitura de 30 minutos. Contudo, três, das cinco pesquisas, foram desenvolvidas na forma de aulas em conjunto com a análise de opiniões e/ou resultados de atividades dos alunos.

Finalmente, quanto ao cruzamento entre seus resultados, como já citado, podemos concluir que o gênero HQ apresentou qualidades úteis a serem aproveitadas em um ambiente de aprendizado de leitura em inglês como L2. Quatro entre as cinco pesquisas apresentaram

resultados positivos quanto a isso. As Pesquisas 1, 3 e 4 citaram explicitamente uma melhora na compreensão leitora, além do desenvolvimento de novo vocabulário (com destaque para a Pesquisa 3, a qual descreve o sentimento de confiança dos participantes ao lerem textos que não se ancoram exclusivamente em palavras, deste modo denotando possível facilitação em processo de inferência de significados de palavras desconhecidas e da importância do contexto imagético em uma narrativa em L2. Entretanto, é importante deixar claro que nenhuma das duas pesquisas se utilizou da comparação formal entre leitura em prosa e multimodal. Se em contexto comparativo, este paralelo teria sido considerado de uma forma implícita, baseada na vivência dos participantes com textos exclusivamente verbais. Entre as pesquisas que trabalharam com uma comparação formal em sua metodologia, é possível afirmar que houve um empate entre resultados positivos e negativos. Enquanto a Pesquisa 2 cita uma “suave” melhora na compreensão leitora da HQ em comparação com a prosa, a Pesquisa 5 não obteve diferença em seus resultados. Na verdade, o gênero multimodal livro ilustrado apresentou resultado “suavemente” inferior.

A partir deste resultado, a Pesquisa 5 concluiu que gêneros multimodais não auxiliam a compreensão leitora em todas as circunstâncias. Isso corrobora o arcabouço teórico apresentado pela Pesquisa 3, que demonstra diferentes formas e objetivos ao se utilizar de ilustrações em conjunto com textos verbais. A Pesquisa 5 argumenta sobre a possibilidade de que, quando ilustrações são redundantes e não totalmente integradas com o texto verbal, elas podem gerar duas vias concorrentes de informações e podem acabar desviando a atenção do leitor quanto ao texto verbal. Uma possível alternativa poderia ser a instrução quanto ao gênero HQ, destacando a importância da leitura tanto das imagens (como é sugerido através do destaque à instrução quanto ao gênero, nas Pesquisas 2 e 4), quanto das palavras, como também uma avaliação quanto a informações exatas a serem compreendidas a partir do texto, de forma que fosse possível analisar se haveria diferença entre a compreensão das informações imagéticas, em comparação com as informações verbais.

Entre as demais características das HQs consideradas como benéficas pelos pesquisadores, estão que as imagens das HQs podem: a) auxiliar a estratégia de leitura chamada de *scanning*, no encontro de informações específicas na leitura ou releitura de um texto (Pesquisa 2); b) auxiliar no processo de memorização das informações (Pesquisa 2); c) auxiliar na superação de barreiras, como o sentimento de falta de confiança quanto à leitura de L2, em textos onde não se conhece todas as palavras, o que pode denotar o valor da

compreensão de uma narrativa e/ou contexto através das imagens (Pesquisa 3); d) auxiliar no desenvolvimento da leitura crítica, através do fomento da interpretação linguística, mesmo que em forma pictórica (Pesquisa 3).

Além das características diretamente inerentes à linguagem multimodal das HQs, podemos ainda citar os possíveis benefícios de sua prática como leitura extensiva, devido ao poder das histórias em prender o leitor pelo interesse na narrativa (Pesquisa 1). A leitura extensiva em si, tem o potencial de auxiliar em uma superação autônoma de barreiras linguísticas, através da automatização do processo leitor pelo ato da repetição contextualizada e com propósito (Pesquisa 3).

Um adendo à abordagem de nossa pesquisa, quanto à identificação de possíveis benefícios na utilização de HQs como material de leitura em L2, é a adição do cuidado com a seleção de materiais dentro de um nível linguístico compreensível para o leitor, para que não haja desmotivação por uma quantidade elevada de estruturas gramaticais e vocabulário desconhecido, que acabe atrapalhando a imersão do leitor na narrativa e dificultando o prazer de sua leitura (Pesquisas 3 e 1).

Por fim, podemos afirmar que foi possível perceber através dos embasamentos teóricos das cinco pesquisas, que há certa quantidade de argumentos em prol da utilização de HQs como material vantajoso para a prática e desenvolvimento da leitura em L2. Seus resultados também demonstram, tanto uma percepção favorável entre estudantes e professores de línguas, quanto resultados quantitativos que atestam para o sucesso dessa possibilidade.

Uma única pesquisa obteve resultados contrários a estas ideias. Consideramos tal resultado, assim como a discussão sobre o porquê de sua ocorrência, como um importante contraponto e, por que não, colaboração com a pesquisa sobre o valor da leitura de HQs em L2. Em paralelo às demais pesquisas, ela de certa forma fortalece os argumentos a favor da utilização de HQs, seja por seu embasamento teórico, seja pela interpretação dos pesquisadores dos possíveis fatores que influenciaram a pesquisa a chegar a tal resultado. Em adição às demais pesquisas, encontramos uma advertência quanto a uma possível confiança exclusiva nas percepções dos leitores e sua possível superficialidade. A leitura multimodal tem qualidades importantes a serem exploradas por aprendizes e professores de L2, entretanto não é descartável o aprofundamento das ciências da linguagem a quais tipos de imagens, e em quais contextos elas trarão benefícios e não malefícios. Como podemos perceber, uma abordagem superficial pode acarretar no uso equivocado de materiais que tragam o resultado

inverso do que é pretendido. Desta forma, salientamos a importância de que a pesquisa na área de textos multimodais como materiais de leitura em L2 prossiga, para que seja possível, estudo a estudo, continuar no caminho da compreensão de que tipo de inter relacionamento imagem-palavra é capaz de trazer reais benefícios aos leitores ainda não proficientes.

CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de fechamento (por agora) das discussões propostas nesta pesquisa, buscamos neste capítulo retomar os questionamentos que motivaram tal estudo, relacionando-os com dados obtidos e discutidos no capítulo anterior.

O leitor foi introduzido ao processo argumentativo desta pesquisa através do conceito de valorização da prática de uma língua, no que diz respeito ao seu aprendizado e desenvolvimento. Demonstramos nossa intenção no estudo de um gênero textual como material possivelmente útil para esta prática. O gênero em questão foi as histórias em quadrinhos. Em um primeiro momento, motivado por experiência empírica e pessoal, consideramos as HQs como um gênero com potencial motivador para a prática da leitura. Entretanto, quando se trata do ensino formal de línguas, está dentro do escopo de preocupações importantes aos seus docentes, o confronto de suas experiências pessoais, como ser humano único em contato com a língua, com o que o processo do saber científico já conseguiu compreender do funcionamento do fenômeno de aprendizado linguístico. Deste modo, surgiu o questionamento a respeito de, se um gênero textual, de particular interesse de um professor, apresentaria qualidades específicas e relevantes para seu uso como material de fomento à prática de leitura extensiva. E, em termos mais específicos, se o gênero em questão, ou seja, as HQs, apresentariam características com potencial motivador para a prática da leitura, além do óbvio apelo lúdico de sua linguagem multimodal e possível beleza estética, auxiliando de alguma forma a aprendizagem e desenvolvimento da leitura por parte de leitores não proficientes, proporcionando alívio na morosidade e dificuldade da leitura e promovendo, assim, condições favoráveis para que sua prática se intensifique. Esta foi a origem do interesse em um levantamento de pesquisas científicas que estudassem a utilização de HQs como material de leitura em inglês como L2.

O primeiro aspecto que se destacou em nossa pesquisa foi a quantidade de artigos científicos encontrados em língua portuguesa ter sido praticamente nula. A proporção de respostas à pesquisa com palavras-chave em português e em inglês foi de 1 para 352, respectivamente. Tal proporção não denota a real quantidade de artigos encontrados por se tratar de um resultado preliminar, sem os artigos terem sido submetidos a um processo de triagem mais rigoroso, como por exemplo, a simples exclusão de resultados duplicados.

Contudo, tais números já demonstram uma grande diferença entre o número de pesquisas publicadas nas duas línguas. Tal resultado não significa necessariamente que não foram publicadas pesquisas relevantes na área, efetuadas por pesquisadores brasileiros, uma vez que a língua inglesa tem preferência em sua utilização, devido ao seu alcance ser maior em nosso mundo globalizado.

Após todos os fatores de exclusão terem sido aplicados, ainda foi obtido o resultado de 1 pesquisa em português para 4 pesquisas em inglês. Entretanto, quando analisada a procedência de cada pesquisa, foi encontrada a proporção de 5 pesquisas realizadas em 5 países diferentes, ou seja, o Brasil esteve, dentre todos os países do mundo, entre os 5 que apresentaram pesquisas consideradas relevantes dentro dos critérios de nossa pesquisa.

Uma vez analisada a representatividade brasileira presente em nosso estudo, prosseguimos a quantidade total de pesquisas encontradas. Dentre as 353 possibilidades indicadas em uma primeira etapa de busca, através de palavras-chave e sem a aplicação dos critérios de exclusão, apenas 5 estudos se enquadraram dentro dos critérios de: a) não duplicidade; b) temática sobre leitura de HQs em inglês como L2; c) apresentação em forma de artigo científico; d) acessíveis na forma online, sem a necessidade de pagamento; e e) publicação em periódicos científicos cujos estratos se encontrassem, durante o quadriênio 2013-2016, entre as classificações A1 e B2. Tal quantidade (5 estudos) impossibilitou uma análise mais aprofundada quantitativamente falando, uma vez que não haveria relevância estatística. Fato este que levou à exclusão da unidade de enumeração de nosso processo metodológico e que é considerado por nós como uma dentre as limitações que nossa pesquisa apresenta. Futuras pesquisas semelhantes a nossa poderiam levar em consideração o acréscimo de outras bases de dados ou mesmo uma outra forma de avaliação de qualidade dos artigos, uma vez que a estratificação via QUALIS é um processo nacional, o que pode acabar por excluir alguma quantidade de periódicos estrangeiros que de alguma forma não tenham sido considerados pelo governo brasileiro, mas que ainda assim, apresentem relevância na comunidade científica internacional. Uma variação neste parâmetro poderia elucidar se este foi um fator de limitação quantitativa de resultados em nossa pesquisa.

Após a reflexão sobre a quantidade de pesquisas analisadas, nos voltamos às possíveis respostas aos questionamentos que originaram nosso estudo: se HQs apresentariam características passíveis de fomentar a motivação de uma leitura extensiva, além do apelo subjetivo de sua possível beleza estética. Como discutido anteriormente, acreditamos que a

resposta seja sim. Cada pesquisa analisada apresentou, seja através de seu embasamento teórico, seja através de seus resultados, elementos da linguagem quadrinística com potencial de serem úteis para o leitor não proficiente de inglês como L2.

As pesquisas, quase em sua totalidade, apresentaram resultados positivos quanto a utilização de HQs como material de leitura. A Pesquisa 5 se destacou como um ponto fora da curva em relação às outras quatro, por não ter alcançado um resultado em que as HQs se destacassem quanto à capacidade de possibilitar maior compreensão leitora em comparação com a leitura em prosa. Entretanto, tal resultado não denota necessariamente que HQs não tenham apresentado características facilitadoras de compreensão. Em uma comparação do produto de uma leitura, a Pesquisa 5 apresentou resultados semelhantes entre a leitura de uma narrativa em prosa e uma HQ. Contudo, se levarmos em conta o embasamento teórico da Pesquisa 2, que discute a importância de se analisar a leitura também como um processo, a Pesquisa 5 não constatou que para se chegar em um mesmo produto, o processo não possa ter sido diferenciado.

Este é um ponto que consideramos importante em nossa busca por responder se HQs poderiam apresentar características fomentadoras de leitura extensiva, além de um possível fator emocional proveniente da observação de beleza estética. O processo leitor pode ser mais ou menos moroso, mas o produto desta leitura pode ser o mesmo. E aqui, julgamos importante pontuar que não estamos desconsiderando o fato de que menor dificuldade por parte do leitor proporciona mais capacidade de memória de trabalho para a o processamento de níveis mais elevados de de leitura, como a leitura crítica, o que pode sim, resultar em um produto diferente na leitura. Mas como estamos tratando de leitores não proficientes em L2, cujo objetivo não é necessariamente, neste momento de sua caminhada como leitor, a reflexão aprofundada sobre o texto, mas sim uma prática elevada em questão de quantidade de leitura, a simples experiência de uma leitura menos “dolorosa” é um fator a ser valorizado.

Relembrando alguns dos resultados obtidos pelas pesquisas, podemos iniciar pela Pesquisa 1, rememorando que seus participantes destacaram que as ilustrações auxiliaram sua compreensão da história e tornaram a leitura prazerosa. A Pesquisa 2 destacou a facilitação das ilustrações na aplicação da estratégia de *scanning*, na procura por informações específicas do texto, além de um papel facilitador na memorização do texto. A Pesquisa 3 citou que seus participantes notaram uma postura positiva quanto à leitura multimodal, destacando confiança no processo leitor, mesmo não compreendendo todas as palavras, o que denotou o valor do

auxílio imagético na composição da narrativa. E por fim, a Pesquisa 5 detectou que houve diferença no resultado da leitura, a depender do tipo de utilização das imagens.

Julgamos tais resultados em conformidade com o argumento de que a utilização de textos multimodais, como o caso específico de produção narrativa através do uso de ilustrações sequenciais, tem utilidade ímpar na comunicação de informações a leitores não proficientes. Deste modo, esta possibilidade de compreensão textual, através de uma narrativa estruturada através da sequenciação de imagens, tem o potencial de proporcionar um ambiente de comunicação significativa ao aprendiz de L2, o que por sua vez é o ambiente ideal para a aprendizagem da nova língua.

Contudo é importante destacar as limitações que nosso estudo apresenta, como o já citado número reduzido de pesquisas a serem colocadas em paralelo, fato gerador de outras limitações, como a inviabilidade de uma análise comparativa quantitativa entre as pesquisas coletadas. O número reduzido de pesquisas também aumentou a probabilidade de que estas não apresentassem pontos em comum em suas características possíveis de serem comparadas, como número e perfil de participantes, duração, mesmo subgênero de HQ, além das metodologias utilizadas para a aplicação da pesquisa e obtenção de resultados.

Sendo assim, não temos, através da explanação de nossas ponderações, a intenção de sugerir que tenhamos chegado à conclusão de que o gênero HQ é de alguma forma superior a demais gêneros exclusivamente verbais, ou que as HQs devessem de alguma forma substituir outras práticas de leitura. O que sugerimos é a valorização do gênero como mais uma possibilidade dentre os mais variados gêneros já consagrados. Esperamos que a reflexão sobre como a linguagem da nona arte se constitui, e quais foram os resultados de algumas experimentações na sua utilização como material de leitura, possa cooperar para que mais professores e pesquisadores possam visualizar novas possibilidades de fomento da prática da leitura, e assim, prosseguir na compreensão de como a mente humana processa e aprende esta que é uma das características mais importantes do ser humano, a capacidade de expressão e comunicação por meio da língua.

Como sugestão para possíveis prosseguimentos a este trabalho, assim como outras pesquisas sobre leitura de HQs em L2, lembramos a possibilidade de uma expansão desta pesquisa, através da utilização de mais bases de dados. Uma quantidade maior de pesquisas de relevância sendo encontrada, abre um leque para a possibilidade de pesquisas mais específicas, voltadas exatamente para trabalhar nos pontos em que nossa pesquisa apresentou

limitações, como por exemplo, a análise de pesquisas com maior número, mas mesmo perfil de participantes, mesmo subgênero de HQ sendo utilizado, em contextos de maior duração. Outra possibilidade seria o desenvolvimento próprio de tais tipos de pesquisa, como por exemplo, uma análise comparativa entre HQ, livro ilustrado e prosa, comparando diferentes modos de combinação texto-imagem (assim como argumentado na Pesquisa 3 e aplicado na Pesquisa 5), mas em contexto de longa duração, para que fosse possível a percepção de como cada tipo de material afetaria o desenvolvimento da língua em contexto de leitura extensiva (como aplicado na Pesquisa 1).

Por fim, o interesse pessoal de um professor de línguas, em um gênero textual de sua grande apreciação, em conjunto com a impressão empírica de que tal gênero poderia apresentar qualidades úteis ao ensino-aprendizagem de inglês como L2, em nossa opinião, resultou em uma agremiação de pesquisas, que embora tenham se apresentado em pequeno número, entregaram resultados e embasamentos teóricos que agregaram em nosso conhecimento sobre a área do funcionamento da leitura multimodal e sugeriram possíveis direcionamentos futuros. Um pequeno passo, mas um passo à frente.

REFERÊNCIAS

- AEBERSOLD, J.A.; FIELD, M.L. **From reader to reading teacher**. New York: Cambridge University Press, 1997.
- ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. **Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- ANDERSON, R. J. Cognitive psychology and their acquisition. **Psychological Review**, v. 94, n. 1, p. 192-210, 1995.
- ANDRADE, G.C. As estampas de Rudolph Töpffer. **Blog do Gutemberg**. 2011. Disponível em: <<http://blogdogutemberg.blogspot.com/2011/07/as-estampas-de-rudolph-topffer.html>> Acesso em 11 out. 2022.
- ANTUNES, I. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. **Filosofando: Introdução à filosofia**. 2ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- ASSIS, E.G. **Aproximações entre letramento e tradução linguística na tradução de histórias em quadrinhos**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193910>>. Acesso em 24 de outubro de 2022.
- BAILER, C.; TOMITCH, L.M.B. Leitura no cérebro: Processos no nível da palavra e da sentença. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 40, nº esp. 2, p. 149-184, set-dez, 2020.
- BARBALHO, C.R.S. Periódico científico: parâmetros para avaliação de qualidade. *In: Preparação de revistas científicas: teoria e prática*. São Paulo: Reichman e Autores Editores, 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARETTA, L. **The process of inference making in reading comprehension: an ERP analysis**. Tese (Doutorado em Letras Inglês). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- BARETTA, L.; FINGER-KRATOCHVIL, C. A ciência da leitura: caminhos da pesquisa para pensar o texto, o leitor e o contexto sociocultural. *In: Perspectivas sobre/de leitura: literatura, linguística e linguagem*. Coleção Interfaces, vol. 1. São Paulo: Pontes, p.15-17, 2022.
- BARTLETT, F.C. **Remembering: A Study in Experimental and Social Psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. *In: Gêneros textuais, tipificação e interação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, p. 19-46, 2006.

BERNHARDT, E.B.; KAMIL, M.L. Interpreting relationships between L1 and L2 reading: Consolidating the linguistic threshold and the linguistic interdependence hypotheses. *Applied Linguistics*, 16, p. 15–34, 1995.

BUSIEK, K; IMMONEN, S. **Superman: Secret Identity**. New York: DC Comics, 2004.

CAMARA, R.H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), p. 179-191, 2013.

CAMPOS, M.F.H.; LOMBOGLIA, R. HQ: Uma manifestação de arte. *In: Histórias em quadrinhos – leitura crítica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

CAPES. **Classificação da produção intelectual**, 2014. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>>.

CARREL, P.L.; EISTERHOLD, J.C. Schema theory and ESL reading pedagogy. **Interactive Approaches to Second Language Reading**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 73-92, 1988.

COLOMER, T.; CAMPS, A. **Ensinar a ler e ensinar a compreender**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CUNHA, L. Publicações científicas por meio eletrônico: critérios, cuidados, vantagens e desvantagens. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 77-92, jan./jun. 1997.

DAY, R.R.; BAMFORD, J. **Extensive reading in the second language classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DAVIES, 1995.

DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica nossa capacidade de ler**. Porto Alegre: Penso, 2012.

DELL'ISOLA, R.L.P. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

Education Resources Information Center (ERIC). **ERIC Selection Policy**. Washington: U.S. Department of Education. National Center for Education Evaluation and Regional Assistance (NCEE). 2022. Disponível em: <<https://eric.ed.gov/?selection>>. Acesso em 31 de outubro de 2022.

EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EISNER, W. **Comics and Sequential Art**. Expanded edition. Tamarac: Poorhouse Press, 1990.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. The repertoire of nonverbal behavior: categories, origins, usage and coding. **Semiótica**, 1, 1969. Disponível em: <www.paulekamn.com/publications/journal-articles-book-chapters/>.

FACHIN, G.R.B. **Modelo de avaliação para periódicos científicos on-line**: proposta de indicadores bibliográficos e telemáticos. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

FEIJÓ, M. **Quadrinhos em ação**: um século de história. São Paulo: Moderna, 1997.

FERREIRA, S.P.A.; DIAS, M.G.B.B. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 3, p. 439-448, 2004.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber livro editora, 2005.

GAGNÉ, E.D.; YEKOVICH, C.W.; YEKOVICH, F.R. **The cognitive psychology of school learning**. New York: Harper Collins, 1993.

GERNSBACHER, A.M. **Language comprehension as structure building**. LEA: Erlbaum, Hillsdale, 1990.

GERNSBACHER, A.M. Two decades of structure building. **Discourse processes**, 23, 1997, p. 265-304.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. *In*: **Sociolinguística interacional**: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. 2. ed. São Paulo: Loyola, p. 13-20, 2002.

GOIDA, H. C. Pequena história das histórias em quadrinhos. *In*: **Enciclopédia dos quadrinhos**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

GOODMAN, K.S. Reading: a psycholinguistic guessing game. **Journal of the Reading Specialist**, 6(1), p. 126-135, 1967.

GOODMAN, K.S. Psycholinguistic universals in the reading process. *In*: **The psychology of second language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 135-142, 1971.

GRAZIOZI, M.E.S.; LIEBANO, R.E.; NAHAS, F.X. Pesquisa em Bases de Dados. **Especialização em saúde da família (modalidade a distância)**: Módulo Científico. Universidade Federal de São Paulo, 2010.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. *In*: **Sociolinguística interacional**: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, p. 98-119, 1998.

HALLDORSON, M.; SINGER, M. Inference processes: integrating relevant knowledge and text information. **Discourse Processes**, 34(2), p. 145-161, 2002.

HALLIDAY, M.A.K.; HASSAN, R. **Language, Context and Text**: Aspects of Language in a

Social-semiotic Perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HEBERLE, V.; MEURER, J.L. **Reading in English as a Foreign Language**. Educação para Crescer – Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino. Porto Alegre: Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, p. 41-58, 1993.

HOEY, M. **On the Surface of Discourse**. London: George Allen & Unwin., 1983.

HORIBA, Y. Reader control in reading: effects of language competence, text type and task. **Discourse processes**, 29(3), p. 223-267, 2000.

IRIGOITE, J.C. Teorizações cognitivas sobre o processamento da leitura: Contribuições das neurociências. **Work. pap. linguíst.**, 13(3): p. 101-116, Florianópolis, out.dez, 2012.

JERÔNIMO, G.M. Fatores que impactam na proficiência em leitura em L2. **Letrônica**, v. 5, n. 3, p. 154-169, julho/dezembro, 2012.

KATO, M. A. **O aprendizado da leitura**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KINTSCH, W.; VAN DIJK, T.A. **Strategies of discourse comprehension**. San Diego, California, Academic Press: 1983.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor**. Campinas: Fontes, 1989.

KLEIMAN, A. **Oficina da leitura**: teoria e prática. 14. ed. Campinas: Pontes, 2012.

KLEIMAN, A. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. Campinas, SP: Pontes, 2016.

KRASHEN, S. **The Input Hypothesis**: issues and implications. 4^a ed. New York: Longman, 1985.

KRASHEN, S.D. **The power of reading**: insights of the research. 2^a ed. Westport: Libraries Unlimited. Portsmouth: Heinemann, 2004.

KRESS, G. **Multimodality**: A Social Semiotic Approach to Contemporary Communication. London: Routledge, 2010.

LEFFA, V. J. **Aspectos da Leitura**: uma perspectiva psicolinguística. Ensaio no7. Porto Alegre: Sagra - DC Luzzatto, 1996.

LEFFA, V.J. Ensino de línguas: passado, presente e futuro. **Rev. Est. Ling.** Belo Horizonte: v. 20, n. 2, p. 389-411, jul./dez. 2012.

LEVINSON, S. C. **Pragmatics**. Cambridge: Cambridge University, 1983.

LEWIS, M. **The lexical approach**: The state of ELT and the way forward. Hove: Language Teaching Publications, 1993.

- LIGHTBOWN, P.M.; SPADA, N. How languages are learned. Oxford University Press, 2006. 3rd edition.
- LINDERHOLM, T. Predictive inference generation as a function of working memory capacity and causal text constraints. **Discourse Processes**, 34(3), p. 259-280, 2002.
- LINDERHOLM, T.; VAN DEN BROEK, P. The effects of reading purpose and working memory capacity on the processing of expository text. **Journal of educational psychology**, vol. 94(4), p. 778-784, 2002.
- LONG, D.L.; OPPY, B.J.; SEELY, M.R. Individual differences in readers' sentences- and text-level representations. **Journal of memory and Language**, 36, p. 129-145, 1997.
- MAGLIANO, J.P.; TRABASSO, T.; GRAESSER, A.C. Strategic processing during comprehension. **Journal of Educational Psychology**, vol. 91(4), p. 615-629, 1999.
- MARTINS, R.B. **Metodologia científica**: como tornar mais agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos. Curitiba: Juruá, 2011.
- MCCLOUD, S. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.
- MEADOWS, A.J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.
- MEURER, J.L. Schemata and reading comprehension. **Ilha do Desterro**, número 13, 1985.
- MEY, J. L. **Pragmatics**: an introduction. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2001.
- MILLS, A.P. Knowledge of Language. **Internet Encyclopedia of Philosophy**. USA: ISSN 2161-0002. Disponível em: <<https://iep.utm.edu/knowlang/>>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.
- MIRZOEFF, N. **An Introduction to Visual Culture**. London: Routledge, 1999.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**. Porto Alegre: v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- MORAIS, J.; LEITE, I.; KOLINSKY, R. Entre a pré-leitura e a leitura hábil: condições e patamares da aprendizagem. *In*: **Alfabetização no século XXI**: como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013.
- MUELLER, S.P.M. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. **DataGramZero**: Revista de Ciência da Informação, dez. 1999.
- NÓBREGA, D.G.A. A fala do professor e o sorriso dos alunos na sala de aula em Língua Inglesa. *In*: **Produção oral em LE**: múltiplas perspectivas. Campinas: Pontes, p. 261-290, 2011.
- NÓBREGA, D.G.A. As tirinhas nas aulas de leitura em língua inglesa: uma proposta didático-pedagógica para iniciantes. **Educação & Formação**, Fortaleza: v. 1, n. 3, p. 154-167, set./dez.

2016.

NOORDMAN, L.G.M.; VONK, W. Reader's knowledge and the control of inferences in reading. *Language and cognitive processes*, 7 (3/4), p. 373-391, 1992.

NUTTAL, C. **Teaching reading skills in a foreign language**. 6ª ed. Oxford: Heinemann, p. 1-19, 1996.

OLIVEIRA, M.V.C. **Contribuições científicas acerca da compreensão leitora de estudantes com Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Guarapuava – PR, 2019.

PAIVIO, A. **Mental Representations: A Dual Coding Approach**. New York; Oxford University Press, 1990.

PATATI, C.; BRAGA, F. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PERFETTI, C.A. Comprehending written language: a blueprint of the reader. *In: The neurocognition of language*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

PORTAL DE PERIÓDICOS CAPES. **Quem somos**. 2020. Disponível em: <<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/sobre/quem-somos.html>>. Acesso em 2023.

RAMOS-VOSGERAU, D.S.; ROMANOWSKI, J.P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Revista Diálogo Educacional*, v. 14, n. 41, p.165-189, 2014.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos. *In: Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, p. 11-31, 2012.

RUMELHART, D.E; ORTONY, A. The representation of knowledge in memory. *In: Schooling and the acquisition of knowledge*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1977.

RUMELHART, D.E. Schemata: the building blocks of cognition. *In: Theoretical issues in reading comprehension: perspectives from cognitive psychology, linguistics, artificial intelligence and education*. Nova Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, p. 3-26, 1980.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 4ª edição. São Paulo: Cultrix, 1972.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 28ª edição. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCHINEMANN, J. **Compreensão leitora e a geração de inferências em língua estrangeira: leitura no papel x leitura na tela digital**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. Guarapuava, 2016.

SCHMIT, N. Lexical chunks. *ELT Journal*, ISSN 0951-0893, UK: 54 (4): 400–401, (2000-

10-01). doi:10.1093/elt/54.4.400.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SIQUEIRA, M; ZIMMER, M.C. Aspectos Linguísticos e Cognitivos da Leitura. **Revista de Letras**. n. 28, v. 1/2, p. 33-38, jan/dez. 2006.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 3. ed., 2009.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, D.H.F. **Publicações periódicas**. Belém: UFPA, 1992.

STERNBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. São Paulo: Cengage, 2010.

TERRA, E. **Linguagem, língua e fala**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

TRABASSO, T.; MAGLIANO, J.P. Conscious understanding during comprehension. **Discourse Processes**, 21, p. 255-287, 1996.

TRABASSO, T.; SUH, S.; PAYTON, P.; JAIN, R. Explanatory inferences and other strategies during comprehension and their effect on recall. *In: Sources of coherence in reading*. Lawrence Erlbaum Associates. Hillsdale, p. 219-39, 1995.

TRABASSO, T.; SUH, S. Understanding text: achieving explanatory coherence through on-line inferences and mental operations in working memory. **Discourse processes**, 16 (1-2), p. 3-34.

UEHARA, E.; LANDEIRA-FERNANDEZ, J. Um panorama sobre o desenvolvimento da memória de trabalho e seus prejuízos no aprendizado escolar. **Ciências & Cognição**. Vol 15 (2), p. 31-41, 2010.

ULIJN, J.M.; SALAGER-MEYER, F. The professional reader and the text: insights from L2 research. **Journal of Research in Reading**. Oxford. v. 21, n. 2, p. 79-95, 1998.

URQUHART, A.H.; WEIR, C.J. **Applied linguistics and language study**. Londres: Addison Wesley Longman Limited, 1998.

VALA, J. A Análise de Conteúdo. *In: Metodologia das Ciências Sociais*. 12a ed. Porto: Edições Afrontamento, p. 101-128, 2003.

VAN DEN BROEK, P.; RISDEN, K.; HUSEBYE-HARTMANN. The role of readers' standards for coherence in the generation of inferences during reading. *In: Sources of coherence in reading*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, p. 353-373, 1995.

VAN DIJK, T.A., KINTSCH, W. Toward a model of text comprehension and production. **Psychological Review**, 85(5), p. 363–394, 1978.

VAN DIJK, T.A. **Macrostructures: An Interdisciplinary Study of Global Structures in Discourse, Interaction and Cognition**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1980.

VAN DIJK, T.A., KINTSCH, W. **Strategies of discourse comprehension**. New York: Academic Press, 1983.

VAN DIJK, T.A. **Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva**. São Paulo: Contexto, 2012.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. *In: Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 4 ed. São Paulo: Contexto, p. 7-29, 2012.

WINNE, P.H.; GRAHAM, L.; PROCK, L. . A model of poor reader's text-based inferencing: effects of explanatory feedback. **Reading Research Quarterly**, Jan-Mar, 28(1), p. 53-64, 1993.

WOELFER, S.W. **Constructing meaning from cartoons: The effects of EFL reading proficiency and working memory capacity on the processing of verbal and pictorial information**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

XAVIER, G.K.R.S. Histórias em Quadrinhos: Panorama Histórico, Características e Verbo-Visualidade. **Darandina revisteletrônica**. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários – UFJF. Vol. 10 – n. 2, 2017.

ZIGMOND, M.J. et al. **Fundamental neuroscience**. San Diego: Academic Press, 1999.

ZIMMER, M.C. **A interdependência entre a recodificação e a decodificação na aprendizagem da leitura: uma abordagem conexionista**. Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 409-415, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Tabela 1 – Combinações entre as palavras-chave (em língua portuguesa) e seus respectivos resultados

PALAVRAS-CHAVE				RESULTADOS PRELIMINARES
“compreensão em leitura”	“inglês como LE”		“história em quadrinhos”	0
“compreensão em leitura”	“inglês como LE”		hq	0
“compreensão em leitura”	“inglês como LE”		“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão em leitura”	“inglês como LE”		“mangá”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“LE”	“história em quadrinhos”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“LE”	“hq”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“LE”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“LE”	“mangá”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“língua estrangeira”	“história em quadrinhos”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“língua estrangeira”	“hq”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“língua estrangeira”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“língua estrangeira”	“mangá”	0
“compreensão em leitura”	“inglês como L2”		“história em quadrinhos”	0
“compreensão em leitura”	“inglês como L2”		“hq”	0
“compreensão em leitura”	“inglês como L2”		“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão em leitura”	“inglês como L2”		“mangá”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“L2”	“história em quadrinhos”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“L2”	“hq”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“L2”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“L2”	“mangá”	0

“compreensão em leitura”	“inglês como língua adicional”	“história em quadrinhos”	0	
“compreensão em leitura”	“inglês como língua adicional”	“hq”	0	
“compreensão em leitura”	“inglês como língua adicional”	“ <i>graphic novel</i> ”	0	
“compreensão em leitura”	“inglês como língua adicional”	“mangá”	0	
“compreensão em leitura”	“inglês”	“língua adicional”	“história em quadrinhos”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“língua adicional”	“hq”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“língua adicional”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão em leitura”	“inglês”	“língua adicional”	“mangá”	0
“compreensão leitora”	“inglês como LE”	“história em quadrinhos”	0	
“compreensão leitora”	“inglês como LE”	“hq”	0	
“compreensão leitora”	“inglês como LE”	“ <i>graphic novel</i> ”	0	
“compreensão leitora”	“inglês como LE”	“mangá”	0	
“compreensão leitora”	“inglês”	“LE”	“história em quadrinhos”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“LE”	“hq”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“LE”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“LE”	“mangá”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“língua estrangeira”	“história em quadrinhos”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“língua estrangeira”	“hq”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“língua estrangeira”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“língua estrangeira”	“mangá”	0
“compreensão leitora”	“inglês como L2”	“história em quadrinhos”	0	
“compreensão leitora”	“inglês como L2”	“hq”	0	
“compreensão leitora”	“inglês como L2”	“ <i>graphic novel</i> ”	0	
“compreensão leitora”	“inglês como L2”	“mangá”	0	
“compreensão leitora”	“inglês”	“L2”	“história em quadrinhos”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“L2”	“hq”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“L2”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“L2”	“mangá”	0
“compreensão leitora”	“inglês como língua adicional”	“história em quadrinhos”	0	
“compreensão leitora”	“inglês como língua adicional”	“hq”	0	
“compreensão leitora”	“inglês como língua adicional”	“ <i>graphic novel</i> ”	0	

“compreensão leitora”	“inglês como língua adicional”	“mangá”	0	
“compreensão leitora”	“inglês”	“língua adicional”	“história em quadrinhos”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“língua adicional”	“hq”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“língua adicional”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“compreensão leitora”	“inglês”	“língua adicional”	“mangá”	0
“leitura”	“inglês como LE”	“história em quadrinhos”	0	
“leitura”	“inglês como LE”	“hq”	0	
“leitura”	“inglês como LE”	“ <i>graphic novel</i> ”	0	
“leitura”	“inglês como LE”	“mangá”	0	
“leitura”	“inglês”	“LE”	“história em quadrinhos”	0
“leitura”	“inglês”	“LE”	“hq”	0
“leitura”	“inglês”	“LE”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“leitura”	“inglês”	“LE”	“mangá”	0
“leitura”	“inglês”	“língua estrangeira”	“história em quadrinhos”	1
“leitura”	“inglês”	“língua estrangeira”	“hq”	0
“leitura”	“inglês”	“língua estrangeira”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“leitura”	“inglês”	“língua estrangeira”	“mangá”	0
“leitura”	“inglês como L2”	“história em quadrinhos”	0	
“leitura”	“inglês como L2”	“hq”	0	
“leitura”	“inglês como L2”	“ <i>graphic novel</i> ”	0	
“leitura”	“inglês como L2”	“mangá”	0	
“leitura”	“inglês”	“L2”	“história em quadrinhos”	0
“leitura”	“inglês”	“L2”	“hq”	0
“leitura”	“inglês”	“L2”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“leitura”	“inglês”	“L2”	“mangá”	0
“leitura”	“inglês como língua adicional”	“história em quadrinhos”	0	
“leitura”	“inglês como língua adicional”	“hq”	0	
“leitura”	“inglês como língua adicional”	“ <i>graphic novel</i> ”	0	
“leitura”	“inglês como língua adicional”	“mangá”	0	
“leitura”	“inglês”	“língua adicional”	“história em quadrinhos”	0
“leitura”	“inglês”	“língua adicional”	“hq”	0
“leitura”	“inglês”	“língua adicional”	“ <i>graphic novel</i> ”	0
“leitura”	“inglês”	“língua adicional”	“mangá”	0
TOTAL DE ARTIGOS ENCONTRADOS EM LÍNGUA PORTUGUESA			1	

Fonte: Dados da Pesquisa

APÊNDICE B

**Tabela 2 – Combinações entre as palavras-chave (em língua inglesa)
e seus respectivos resultados**

PALAVRAS-CHAVE				RESULTADOS PRELIMINARES
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“EFL”</i>	<i>“comics”</i>	8
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“EFL”</i>	<i>“graphic novel”</i>	5
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“EFL”</i>	<i>“comic strip”</i>	3
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“EFL”</i>	<i>“manga”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“foreign language”</i>	<i>“comics”</i>	7
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“foreign language”</i>	<i>“graphic novel”</i>	2
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“foreign language”</i>	<i>“comic strip”</i>	3
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“foreign language”</i>	<i>“manga”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“ELF”</i>	<i>“comics”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“ELF”</i>	<i>“graphic novel”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“ELF”</i>	<i>“comic strip”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“ELF”</i>	<i>“manga”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“lingua franca”</i>	<i>“comics”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“lingua franca”</i>	<i>“graphic novel”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“lingua franca”</i>	<i>“comic strip”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“lingua franca”</i>	<i>“manga”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“English as L2”</i>	<i>“comics”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“English as L2”</i>	<i>“graphic novel”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“English as L2”</i>	<i>“comic strip”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>		<i>“English as L2”</i>	<i>“manga”</i>	0
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“L2”</i>	<i>“comics”</i>	3
<i>“reading comprehension”</i>	<i>“English”</i>	<i>“L2”</i>	<i>“graphic novel”</i>	0

"reading comprehension"	"English"	"L2"	"comic strip"	2
"reading comprehension"	"English"	"L2"	"manga"	0
"reading comprehension"		"ESL"	"comics"	6
"reading comprehension"		"ESL"	"graphic novel"	1
"reading comprehension"		"ESL"	"comic strip"	4
"reading comprehension"		"ESL"	"manga"	0
"reading comprehension"	"English"	"second language"	"comics"	16
"reading comprehension"	"English"	"second language"	"graphic novel"	14
"reading comprehension"	"English"	"second language"	"comic strip"	3
"reading comprehension"	"English"	"second language"	"manga"	0
"reading"		"EFL"	"comics"	18
"reading"		"EFL"	"graphic novel"	13
"reading"		"EFL"	"comic strip"	6
"reading"		"EFL"	"manga"	0
"reading"	"English"	"foreign language"	"comics"	30
"reading"	"English"	"foreign language"	"graphic novel"	12
"reading"	"English"	"foreign language"	"comic strip"	8
"reading"	"English"	"foreign language"	"manga"	1
"reading"		"ELF"	"comics"	5
"reading"		"ELF"	"graphic novel"	3
"reading"		"ELF"	"comic strip"	0
"reading"		"ELF"	"manga"	3
"reading"	"English"	"lingua franca"	"comics"	0
"reading"	"English"	"lingua franca"	"graphic novel"	0
"reading"	"English"	"lingua franca"	"comic strip"	0
"reading"	"English"	"lingua franca"	"manga"	0
"reading"		"English as L2"	"comics"	0
"reading"		"English as L2"	"graphic novel"	0
"reading"		"English as L2"	"comic strip"	0
"reading"		"English as L2"	"manga"	0

<i>“reading”</i>	<i>“English”</i>	<i>“L2”</i>	<i>“comics”</i>	4
<i>“reading”</i>	<i>“English”</i>	<i>“L2”</i>	<i>“graphic novel”</i>	0
<i>“reading”</i>	<i>“English”</i>	<i>“L2”</i>	<i>“comic strip”</i>	2
<i>“reading”</i>	<i>“English”</i>	<i>“L2”</i>	<i>“manga”</i>	1
Subtotal				
<i>“reading”</i>		<i>“ESL”</i>	<i>“comics”</i>	27
<i>“reading”</i>		<i>“ESL”</i>	<i>“graphic novel”</i>	16
<i>“reading”</i>		<i>“ESL”</i>	<i>“comic strip”</i>	4
<i>“reading”</i>		<i>“ESL”</i>	<i>“manga”</i>	0
Subtotal				
<i>“reading”</i>	<i>“English”</i>	<i>“second language”</i>	<i>“comics”</i>	61
<i>“reading”</i>	<i>“English”</i>	<i>“second language”</i>	<i>“graphic novel”</i>	43
<i>“reading”</i>	<i>“English”</i>	<i>“second language”</i>	<i>“comic strip”</i>	14
<i>“reading”</i>	<i>“English”</i>	<i>“second language”</i>	<i>“manga”</i>	4
TOTAL DE ARTIGOS ENCONTRADOS EM LÍNGUA INGLESA				352

Fonte: Dados da Pesquisa

ANEXO I – RESUMOS DOS ARTIGOS SELECIONADOS**1****The value of targeted comic book readers**

Kay Hammond;
Katherine Danaher

Abstract: A limitation of extensive reading programmes is the time required for progress in vocabulary acquisition. This paper reports on a qualitative exploration of student perceptions of the value of non-compulsory comic books in ESL elementary and upper-intermediate level courses at a tertiary institution. We aimed to develop supplementary materials that students would find valuable, use, and enjoy without requiring classroom time. The results suggest the learners' views on the value of comic books and recordings can be broadly categorized into five themes: (1) helpful story characteristics, (2) perceived performance enhancement, (3) use of learning strategies, (4) enjoyment, and (5) areas for improvement. An interesting finding was the variety of uses to which the learners put the resources, in particular sharing them with their families. This study points to the importance of responding to learners' specific contexts and to creative ways English learners undertake autonomous learning when provided with appropriate resources.

Keywords: não consta.

HAMMOND, K.; DANAHER, K. **The value of targeted comic book readers.** *ELT Journal*, Volume 66/2, p. 193 – 204, April 2012.

2**Replacing traditional texts with graphic novels at EFL classrooms**

H. Caglar Basola;
Ece Sarigulb

Abstract: As part of an experimental study carried out at a Turkish university about the

effects of graphic novels in improving reading comprehension skills of EFL students, this paper intends to introduce the process of pre, during and after reading activities applied both to traditional text and graphic novel groups as production and reaction of students to those activities. Thus, we aim to demonstrate how graphic novel form as being an authentic material can be adopted to EFL classrooms to improve (critical) reading skills.

Keywords: graphic novels; authentic materials; reading strategies; applied; reading skills; EFL classrooms.

BASOLA, H.C.; SARIGULB, E. **Replacing traditional texts with graphic novels at EFL classrooms.** *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 70, p. 1621 – 1629, 2013.

3

Using comics with novice EFL readers to develop reading literacy

Ivana Cimermanová

Abstract: The study concentrated on the possible effects of using authentic comics with EFL learners. It examined the strategies applied by novice readers in reading comics with the special focus on lexical guessing using context. The data for this illustrative qualitative case study were collected from observations, discussions, verbal report and in some cases students' writings. The results indicated possible positive effects in vocabulary development and motivation to reading and overcoming linguistic barriers in reading authentic material using the context and prior knowledge.

Keywords: reading; comics; reading strategy, case study.

CIMERMANOVA, I. **Using comics with novice EFL readers to develop reading literacy.** *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 174, p. 2452 – 2459, 2015.

4

Calvin e as exatas:

uma proposta interdisciplinar com o uso do gênero tira seriada de história em quadrinhos no ensino técnico

Resumo: Este estudo observou em que medida um trabalho interdisciplinar, baseado na didatização de um gênero textual, pode ser frutífero na ampliação das habilidades de leitura em língua inglesa de alunos do Ensino Médio Técnico Integrado, ao mesmo tempo em que aprimora conhecimentos também em ciências exatas. Para isso, foram utilizadas histórias em quadrinhos, em inglês, do personagem Calvin (WATTERSON, 1998; 1992) que fazem referência a conteúdos de matemática e física, especificamente. As atividades foram desenvolvidas de forma interdisciplinar, abordando as características do gênero textual tira seriada (abarcada no hipergênero história em quadrinhos); elementos estruturais de língua inglesa e conteúdos de ciências exatas. Com base nos preceitos vygotskyanos de que a interação social (VYGOTSKY, 2005) promove o desenvolvimento psicológico que oportuniza a aprendizagem, as atividades foram utilizadas como elemento de mediação na construção interdisciplinar de conhecimentos dos alunos. Os resultados apontam um crescimento da aprendizagem nas áreas de inglês, matemática e física; em especial no tocante às habilidades de leitura em inglês.

Palavras-chave: Interação. Interdisciplinaridade. Inglês como língua estrangeira. Histórias em quadrinhos. Ensino técnico.

DREY, R.F. **Calvin e as exatas: uma proposta interdisciplinar com o uso do gênero tira seriada de história em quadrinhos no ensino técnico.** Ensino Em Re-Vista, Uberlândia: v.24, n.1, p. 102 – 130, jan./jun./2017.

5

The Influence of Presentation Format of Story on Narrative Production in Chinese Children Learning English-as-a-Second-Language: A Comparison Between Graphic Novel, Illustration Book and Text

Tracy K. S. Chan;
Simpson W. L. Wong;
Anita M.-Y. Wong;
Vina Wing-Hei Leung

Abstract: Past studies have shown that multimodal presentation of story can improve story-retelling performance in the first language. The purpose of the present study was to investigate whether similar multimedia effects can be observed in second language learning and graphic novel reading. A total of 51 Chinese elementary school children, aged 7–8, who were learning

English as a second language were recruited. They were randomly assigned to one of the three experimental conditions that differed in the format of story presentation: English text, English text with pictorial illustrations or graphic novel. After reading the same story, the children retold the story in English. The narratives produced were then rated by two independent raters. The results of group comparison showed that children from the three experimental groups had similar performance, indicating that multimedia presentation may not always facilitate narrative production in English as a second language. Within-subject comparison further showed that the children were relatively strong in language skills and capturing the main ideas of the story, while showing weakness in story structure awareness, elaboration, as well as local and global cohesion. Suggestions for the application of multimodal presentation of narrative texts are discussed.

Keywords: Narrative production. Cognitive theory of multimedia learning. Illustration book. Graphic novel. Chinese learners of English-as-a-second-language.

CHAN, T.K.S.; WONG, S.W.L.; WONG, A.M.Y.; LEUNG, V.W.H. **The Influence of Presentation Format of Story on Narrative Production in Chinese Children Learning English-as-a-Second-Language: A Comparison Between Graphic Novel, Illustration Book and Text.** *Journal of Psycholinguistic Research*, 48, p. 221 – 242, 2019.